

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

OLIVAR ARAÚJO PINHEIRO JUNIOR

**ENTRE FIOS E SABERES: “História e memória no prédio da antiga Fábrica de Tecidos
Rio Anil e as escolas CINTRA e IEMA”**

São Luís

2024

OLIVAR ARAÚJO PINHEIRO JUNIOR

**ENTRE FIOS E SABERES: “História e memória no prédio da antiga Fábrica de Tecidos
Rio Anil e as escolas CINTRA e IEMA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História, da Universidade Estadual
do Maranhão para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Sousa
Abrantes

São Luís

2024

Pinheiro Junior, Olivar Araujo.

Entre fios e saberes : “História e memória no prédio da antiga Fábrica de Tecidos Rio Anil e as escolas CINTRA e IEMA” / Olivar Araujo Pinheiro Junior. – São Luís, 2024.

108 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST), Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes.

Produto educacional vídeo intitulado: Fios de memórias em tela: A Fábrica e as escolas CINTRA e IEMA Rio Anil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hex6p2xtB-o>

1. Ensino de História. 2. Memórias. 3. Identidade. 4. Lugar de memória. 5. Fábrica de Tecidos do Rio Anil. 6. CINTRA. 7. IEMA Rio Anil. I.Título.

CDU 93/94:37(812.1)

OLIVAR ARAÚJO PINHEIRO JUNIOR

**ENTRE FIOS E SABERES: “História e memória no prédio da antiga Fábrica de Tecidos
Rio Anil e as escolas CINTRA e IEMA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História, da Universidade Estadual
do Maranhão para obtenção do título de mestre.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Elizabeth Sousa Abrantes (Orientadora)
(PPGHIST/UEMA)

Profa. Dra. Rarielle Rodrigues Lima (1ª Examinadora)
(PGCult/UFMA)

Prof. Dr. Jakson dos Santos Ribeiro (2º Examinador)
(PPGHIST/UEMA)

Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Suplente)
(PPGHIST/UEMA)

A Deus pela força de viver e aos meus pais, por serem minhas raízes e meu porto seguro.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa Isabella Nogueira (inspiração e amor), as minhas filhas (amores incontestáveis), aos meus irmãos e amigos (sobretudo, amigos-irmãos) parceiros de todas as horas, que me acolheram e apoiaram em cada etapa dessa jornada.

A minha orientadora, a Professora Dra Elizabeth Abrantes, uma verdadeira guia intelectual e espiritual que me conduziu com sabedoria, parcimônia e generosidade.

Aos demais professores do PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA-UEMA, a todos da equipe da secretaria (Ingrid você é um anjo de guarda), e aos meus colegas de turma do mestrado pelas trocas e incentivos.

À equipe de filmagem pelo empenho na produção do belo documentário. Sou especialmente grato ao professor Emilson Ferreira por sua valiosa contribuição.

A toda comunidade escolar do CINTRA e do Iema Rio Anil que me acolheram e ajudaram na realização deste sonho, dedico este trabalho com profunda gratidão.

Muitos de nós são motivados, ainda por algo mais amplo do que nós mesmos: por uma comunidade; uma instituição, um movimento, um lugar. Recebemos tanto de pessoas e comunidades que não sentiremos nosso trabalho concluído, enquanto não entregarmos seus resultados àqueles que foram responsáveis por viabiliza-los (Portelli, 1997, p. 18).

RESUMO

Este estudo analisa a trajetória histórica do prédio da antiga Fábrica de Tecidos Rio Anil e das escolas Centro Integrado Rio Anil/Cintra e IEMA Rio Anil, a fim de entender melhor seus usos ao longo do tempo, além das diversas representações simbólicas, considerando os aspectos socioculturais relacionados ao patrimônio material e imaterial. Considerando especialmente o período que compreende desde o funcionamento da antiga escola CINTRA (Centro Integrado Rio Anil) até a escola IEMA, ressaltamos a importância da escola como uma instituição de preservação da história da nossa cidade como patrimônio local de memória da comunidade como um todo: professores; alunos que ali se formaram (e ainda estudam); colaboradores; comunitários do bairro do Anil e adjacências, etc. Para tanto, a metodologia utilizada foi uma triangulação de métodos contendo: a) revisão da literatura científica; b) análise documental histórica e; c) depoimentos de agentes relevantes. Nosso recorte temporal (1893-1959-2019) consiste na importância dos períodos investigados, e também por ter como uma das fontes o relato oral e seus sujeitos participantes na sociedade. Constituem referenciais metodológicos os conceitos de história oral (Alberti, 2005), lugar de memória (Nora, 1993), Memória coletiva (Halbwachs, 2006), Memória e cultura (Le Goff, 1999), Memória e identidade (Pollak, 1989).

Palavras-chave: memórias; identidade; lugar de memória; Fábrica de Tecidos do Rio Anil; CINTRA; IEMA Rio Anil.

ABSTRACT

This study analyzes the historical trajectory of the building of the former Fábrica de Tecidos Rio Anil and the schools Centro Integrado Rio Anil/Cintra and IEMA Rio Anil, in order to better understand their uses over time, in addition to the various symbolic representations, considering the aspects socio-cultural related to material and intangible heritage. Considering especially the period that spans from the operation of the old CINTRA school (Centro Integrado Rio Anil) to the IEMA school, we highlight the importance of the school as an institution for preserving the history of our city as a local heritage of memory for the community as a whole: teachers; students who graduated there (and still studied there); collaborators; communities in the Anil neighborhood and surrounding areas, etc. To this end, the methodology used was a triangulation of methods containing: a) a review of scientific literature; b) historical documentary analysis and; c) testimonies from relevant agents. Our time frame (1893-1959-2019) consists of the importance of the periods investigated, and also because one of the sources is oral history and its subjects participating in society. The theoretical references are the concepts of oral history (Alberti, 1996), place of memory (Nora, 1993), collective memory (Halbwachs, 2006), memory and culture (Le Goff, 1999), memory and identity (Pollak, 1989).

Keywords: memories; identity; place of memory; Rio Anil Textile Factory; CINTRA; IEMA Rio Anil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Porto do Anil.....	28
Figura 2 –	Bonde de tração animal.....	31
Figura 3 –	“Caminho grande” – via que ligava o Anil ao Centro de São Luís.....	31
Figura 4 –	Antiga residência do diretor da Fábrica de Tecidos Rio Anil.....	32
Figura 5 –	Prédio da antiga fábrica têxtil Rio Anil.....	38
Figura 6 –	Carteira de trabalho do sr. Carramilo.....	41
Figura 7–	Fachada do CINTRA.....	45
Figura 8 –	Arquivo pessoal do autor-Encarte promocional do Cintra 1, 1994.....	47
Figura 9 –	Arquivo pessoal do autor-Encarte promocional do Cintra 2, 1994.....	47
Figura 10 –	Arquivo pessoal do autor. Ruínas da antiga fábrica.....	48
Figura 11 –	Arquivo pessoal do autor. Ruínas da antiga fábrica.....	49
Figura 12 –	Arquivo pessoal. Trabalhadores durante a reforma do prédio da antiga fábrica 1.....	50
Figura 13 –	Arquivo pessoal. Trabalhadores durante a reforma do prédio da antiga fábrica 2.....	50
Figura 14 –	(Arquivo fotográfico do CINTRA).....	51
Figura 15 –	Jornal O Estado do Maranhão 18 de fevereiro de 1904.....	52
Figura 16 –	(Jornal O Imparcial 08 de janeiro de 1994).....	53
Figura 17 –	(Jornal O Estado do Maranhão, 06 de janeiro de 1994).....	53
Figura 18 –	(Jornal O Imparcial, 09 de janeiro de 1994).....	54
Figura 19 –	(Jornal O imparcial, 08 de janeiro de 1994).....	55
Figura 20 –	(Jornal O Estado do Maranhão, 21 de fevereiro de 1994).....	58
Figura 21 –	(Jornal O Estado do Maranhão, 21 de fevereiro de 1994).....	58
Figura 22 –	(Arquivo visual do Iema Rio Anil- turma de formandos nas oficinas do CINTRA).....	60
Figura 23 –	Foto ilustrativa do folder informativo do CINTRA.....	61
Figura 24 –	Protocolo de instalação das oficinas profissionalizantes.....	62
Figura 25 –	(Jornal Pequeno, 28 março de 1998).....	63
Figura 26 –	(Documento da criação da Fundação Nice Lobão, instituição mantenedora do CINTRA).....	64
Figura 27 –	Imagem da depredação ocorrida durante a ocupação 1.....	66

Figura 28 –	Imagem da depredação ocorrida durante a ocupação 2.....	67
Figura 29 –	Alunos em movimento de ocupação do CINTRA.....	67
Figura 30 –	Reportagem sobre a ocupação.....	68
Figura 31 –	Logo marca usada na celebração dos 25 anos da instituição CINTRA.	71
Figura 32 –	Atividade sobre os 25 anos do CINTRA.....	71
Figura 33 –	Nova fachada do Iema Rio Anil, 2020.....	75
Figura 34 –	Folder virtual informativo (outubro de 2019).....	76
Figura 35 –	Aulas no laboratório de física, química e biologia no Iema Rio Anil...	78
Figura 36 –	Aulas de gastronomia da turma EJATEC Iema Rio Anil.....	79

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	TECIDOS DA MEMÓRIA.....	19
2.1	São Luís, a ‘Manchester do Norte’.....	19
2.2	Construção da Memória Histórica sobre a Antiga Fábrica do Rio Anil.....	25
3	ECOS DA SIRENE NO RIO ANIL.....	44
3.1	“A ‘fábrica de sonhos’ no bairro do Anil a partir dos anos 1990”.....	44
3.2	E a fábrica virou laboratório: do CINTRA ao IEMA RIO ANIL.....	72
3.3	“Assim como os nossos pais”: trajetórias familiares vivenciadas nas escolas CINTRA e IEMA RIO ANIL.....	79
4	CINTRA E IEMA: AS FÁBRICAS DE SABERES E SONHOS (DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO PRODUTO EDUCACIONAL)....	88
4.1	Ensino de História e educação patrimonial no estudo sobre os usos sociais do prédio da antiga Fábrica do Rio Anil.....	88
4.2	A construção do curta-metragem “Identidades e Memórias em Tela – a Fábrica, o Cintra e o Iema Rio Anil”.....	90
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS.....	98
	APÊNDICE A – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO.....	103
	APÊNDICE B – FOTOS DA FASE DE PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	106

1 INTRODUÇÃO

Nos longínquos anos oitenta, um garoto franzino, morador da área Itaqui Bacanga (mais precisamente do bairro do Anjo da Guarda) em São Luís, capital do Maranhão, se deslocava com a sua família através do transporte público da época, nos ônibus que saíam do Centro da cidade para o bairro do Maiobão (localizado na cidade de Paço do Lumiar), com intuito de visitar parentes moradores daquela localidade.

O percurso deste trajeto invariavelmente passava pela Avenida Casemiro de Abreu, uma das principais vias do bairro Anil, e pelas janelas do automóvel (como molduras de um quadro) ficava curioso e instigado olhando para a encantadora paisagem que passava à frente dos meus olhos.

Diante de praças, estabelecimentos comerciais, escolas, entre vários elementos daquele cenário urbano que se configurava (e se resignificava), algo se destacava ao passar em frente à igreja de Nossa Senhora da Conceição, na verdade do lado oposto para quem vai para estrada de São José de Ribamar: a chaminé da antiga Fábrica de Tecidos, a qual inocentemente chamava de “torre”.

Ao questionar minha mãe sobre a presença daquela imponente figura, a mesma respondeu que fazia parte da estrutura de um prédio industrial abandonado, tal qual a Cãhama, outra antiga fábrica que se destacou no cenário industrial do Maranhão em séculos passados. A Cãhama, inclusive, foi lugar de labor para minha avó materna, Dona Francisca, antiga moradora do bairro a Madre de Deus. De certa forma, esta estrutura e sua trajetória histórica cruzaria minha história de vida tempos depois.

No início dos anos 90, veiculavam propagandas do governo estadual na televisão aberta, fazendo alusão a grandes projetos do então governador do estado, Edson Lobão. Assim foi criada a Fundação Nice Lobão (órgão público ligado a Secretaria de Desenvolvimento Social e Comunitário- SEDESC), que por sua vez subsidiou a reforma e reconstrução do que sobrou da estrutura física da antiga fábrica de tecidos, num dos maiores empreendimentos educacionais do Maranhão, o Centro Integrado do Rio Anil (CINTRA).

A inauguração do CINTRA como instituição escolar de referência, significou novas páginas na trajetória do edifício onde antes ocupava a fábrica, trazendo para a comunidade do Anil, e, por conseguinte, para a cidade de São Luís, novas perspectivas de uma história que se revela com novas texturas e cores com o passar do tempo.

Algumas décadas depois, já fazendo parte do quadro de profissionais da Secretaria de Educação do Estado do Maranhão como professor efetivo, fui convidado pelo Secretário de

Educação, Felipe Camarão, em abril de 2018, para gerir esta histórica e renomada instituição. Portanto, a partir deste momento minha trajetória pessoal se conecta ao do objeto investigado, no que resulta num profícuo estudo científico, sem abdicar do rigor acadêmico, porém, orientado por percepções e lentes autobiográficas.

Desde o início do trabalho na gestão geral do CINTRA sentia-me ‘desafiado’ a compreender melhor as representações que atravessaram e ainda atravessam o prédio, e as instituições que abrigou ao longo dos séculos, desde sua constituição como fábrica de tecidos até a implementação de escola em tempo integral, mais recentemente. É inegável como esse processo se tornou estímulo à condução desta pesquisa, buscando entender como as instituições pesquisadas, enquanto lugar de memória, se apresentam de forma material e simbólica para aqueles que vivenciaram diversas etapas dessa construção histórica.

Investigar como estas instituições sociais constituem lugares de memórias, e encarnam identidades dos mais diversos atores que vivenciaram experiência sociais diversas nestes espaços, serviram como propulsores do interesse deste pesquisador ao buscar entender como a estrutura física e organizacional das referidas instituições ligam-se às representações simbólicas dos diversos grupos que a constitui e a circundam. Sobre essas inquietações Le Goff (1994, p. 423) afirma que,

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O IEMA Rio Anil configura como um monumento histórico, símbolo expoente da cultura material e imaterial de São Luís. Cotidianamente recebe visitas diárias dos mais diversos interesses, quer seja por mera curiosidade gerada pela sua beleza arquitetônica, seja por interesses científicos, dada sua importância histórica, ou simplesmente por despertar em muitas pessoas sentimentos de lembranças relacionadas a algum momento de suas vidas, a chamada memória afetiva.

De todo modo, o IEMA Rio Anil (antes denominada Centro Integrado do Rio Anil - Cintra), representa para muitos dos seus atores sociais uma referência de patrimônio material e imaterial, mas também traz em sua rica trajetória diversos significados: a escola, o campo de trabalho, o monumento arquitetônico que representa a comunidade do Anil, dentre outras funções sociais comuns ao espectro representativo que o prédio evoca no imaginário da comunidade.

Apesar de alguns trabalhos, observa-se lacunas na compreensão das representações historicamente associadas ao prédio, principalmente em relação às percepções dos diferentes públicos referente aos três diferentes usos sociais do prédio identificados nesta pesquisa, mas, também, em relação ao hiato da história no que se refere ao período entre o fechamento da fábrica no início da década de 1960, e o começo das atividades do CINTRA em 1994 (as reformas do CINTRA começaram em 1991); além da transformação desta em IEMA em 2019.

Estas diferentes funções sociais do prédio nos levam a investigar a relação estabelecida com sua comunidade, sua identidade, suas simbologias através do prédio, e o papel que suas instituições desempenham no imaginário social.

Justifica-se o esforço intelectual para compreender as maneiras como os grupos se apropriam, reelaboram e ressignificam o prédio e as instituições abrigadas por ele, mostrando-se relevante empiricamente, pois permite que os grupos – habitualmente tratados de maneira anônima e generalizadora - que ajudaram a construir a história da Fábrica de Tecidos do Cintra e do IEMA, sejam vistos e se reconheçam também sujeitos dessa construção histórica.

E quando falamos em “narrativas e sujeitos no plural”, no que concerne ao estudo social sobre memórias, concordamos com Halbwachs (2006), posto que o entendimento sobre memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Se boa parte das lembranças que temos é relativa a momentos em que a memória é compartilhada, ainda existe uma parcela de momentos que foram vivenciados por uma pessoa somente. Tal premissa torna-se uma importante ruptura com a ideia que se tinha até então de memória, onde acreditava-se que o indivíduo era o único responsável pelo resgate de seu próprio passado, ou seja, que a memória era regida exclusivamente por leis biológicas.

Buscamos neste estudo analisar a trajetória histórica do prédio da antiga Fábrica de Tecidos Rio Anil, que atualmente ocupa a escola IEMA Rio Anil, entendendo melhor seus usos e representações simbólicas ao longo do tempo, sobretudo, no período que compreende desde o funcionamento da antiga escola CINTRA (Centro Integrado Rio Anil) até a escola IEMA. Visa compreender melhor a importância das escolas CINTRA e IEMA como instituições de preservação da história da nossa cidade, como patrimônio, assim como local de memória e identidade da comunidade do bairro do Anil, apresentando a trajetória histórica do espaço social do prédio da antiga fábrica do Rio Anil a partir da perspectiva do olhar (e vivência) de atores sociais envolvidos com sua história, tais como: professores; alunos que ali se formaram (e ainda estudam); funcionários; comunitários do bairro do Anil e adjacências.

Visando alcançar tais objetivos, a pesquisa contará com o levantamento da literatura acadêmica e científica a nível nacional e internacional acerca do tema, para apresentar o estado

da arte e estado da questão do objeto, estabelecendo as categorias principais e secundárias de análise, o que exigem a utilização de um método (dentro de uma metodologia) delimitado em consonância com a área de concentração do programa, a linha de pesquisa e os objetivos pretendidos com esta análise.

A pesquisa se caracteriza como exploratória, pois tem o objetivo de aumentar as explicações sobre o fenômeno estudado ao invés de prever relações entre variáveis. A abordagem aqui proposta é de natureza quanti-qualitativa e se utiliza de procedimentos operativos como: revisão sistemática de literatura (pesquisas por artigos, livros e capítulos através de termos-chave), pesquisa documental (fontes oficiais públicas e privadas, como museus e centros de preservação da memória) e levantamento de dados primários com entrevistas em profundidade com ex e atuais funcionários/as, ex e atuais alunos/as do prédio, e demais atores sociais que possuam ligação com as instituições pesquisadas,

Para as entrevistas, foi utilizado um instrumento de coleta de dados através de um roteiro de perguntas semiestruturado destinado aos professores, gestores, alunos atuais, alunos egressos do Cintra e do Iema Rio Anil, antigos/as trabalhadores/as do Cintra, familiares dos alunos, representações políticas e moradores do bairro Anil. A amostra da pesquisa qualitativa foi compartilhada posteriormente ao conhecimento do universo escolar (e externo) através de documento em audiovisual, mas salienta-se que o objetivo destas entrevistas não é gerar inferência, e sim aumentar o conhecimento sobre as especificidades do fenômeno estudado.

Os materiais utilizados nas revisões da literatura e documental compreendem documentos e arquivos que retratam a história e a memória da antiga fábrica; jornais, documentos da escola CINTRA e atualmente funciona o IEMA Pleno Rio Anil. Os principais materiais que subsidiou a pesquisa compreendem: documentos oficiais, vídeos, fotos, literatura científica especializada, roteiros semiestruturados, software de transcrição de entrevistas.

Os dados primários foram levantados através de pesquisa em profundidade com atores chave participantes dos diferentes momentos históricos do prédio através de um roteiro de perguntas aplicadas às comunidades das instituições cujas vivências perpassam pelo prédio: estudantes e responsáveis por alunos/as, professores/as e colaboradores em geral. Para além das análises de conteúdo destas entrevistas, com metodologias de análise bem fundamentadas, como por exemplo as teorias de Bardin (1997), durante a coleta de dados primários, destaca-se a implicação metodológica da história oral. Neste contexto, considerando o processo que fomenta a discussão teórico-metodológica que subsidia elementos necessários à compreensão do objeto em estudo, Alberti (1990, p. 5) pondera sobre as contribuições da história oral:

(...) acreditamos que a principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo de alguma informação, nem tampouco no preenchimento de lacunas de que se ressentem os arquivos de documentos escritos ou iconográficos, por exemplo. Sua peculiaridade - e a da história oral como um todo - decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu.

A partir de tais indicações, se faz necessário estudar as nuances históricas que envolvem os diversos processos de uso do prédio que atualmente funciona a unidade Rio Anil do IEMA, assim como estabelecer as relações para com a sua comunidade, desde a proposta inicial enquanto indústria fabril em 1893, passando pelo hiato desconhecido entre 1961 e início dos anos 90, quando da reforma estrutural e arquitetônica para as adequações necessárias ao desenvolvimento de uma escola de referência para comunidade ludovicense em 1994, e, até presente momento com a proposta de escola integral técnico profissionalizante científica, que vigora desde 2020.

O referencial teórico no qual se alicerça esta pesquisa se baseia em estudos realizados por autores como: Pollak (1999), Verena (2005), Nora (1993), Halbwachs (2006), Le Goff (1994), buscando estabelecer um diálogo profícuo entre estes autores, tomando como base seus estudos acerca dos conceitos de cultura, memória, identidades, patrimônio material e imaterial. O aprofundamento de investigação científica seguiu com pesquisas prévias de livros, artigos e editoriais, físicos e digitais, regimentos e instrumentais referentes a FÁBRICA RIO ANIL, ao CENTRO INTEGRADO RIO ANIL/CINTRA e IEMA PLENO RIO ANIL.

O primeiro capítulo desta dissertação apresenta as principais características históricas que contextualizaram os usos sociais do prédio da Fábrica de Tecidos Rio Anil, que centra as memórias e identidades que foram resgatadas nos resultados finais deste estudo, bem como apresenta um breve histórico inicial sobre os usos sociais do prédio, as teorias e métodos que guiarão as investigações seguida da apresentação dos objetivos e estrutura do documento.

Sob o ponto de vista histórico-cultural são identificadas, também em quantidade relevante, documentos que narram os acontecimentos durante os anos de funcionamento da fábrica têxtil, abordando questões como patrimônio material (Santos, 2021) e processos de urbanização (Matos, 2014; Feitosa, 2016) ludovicense.

Embora se observe uma latência pequena de estudos sobre o passado recente e o presente do prédio estudado, uma quantidade expressiva de estudos foi encontrada (durante pesquisa preliminar não sistemática para composição deste referencial teórico) sobre seu uso social original: uma fábrica têxtil, operar teares, escoar produções, receber matérias primas, contratar mão de obra assalariada – mal paga – e exportar as manufaturas.

No segundo capítulo, esta pesquisa busca explorar a percepção social dos diferentes usos do prédio que hoje abriga o IEMA Rio Anil através do olhar de diversos atores cujas trajetórias foram influenciadas por vivências no espaço da antiga fábrica e das escolas estudadas. Le Goff (1994) nos ajuda a entender melhor, uma vez que aduz a importância da memória coletiva na construção da identidade social e cultural. Analisando as narrativas desses atores, é possível perceber como o espaço físico se transforma em um símbolo de resistência e adaptação, refletindo as mudanças sociais e educacionais ao longo do tempo. A transição de CINTRA para IEMA não apenas revitalizou o espaço, mas também renovou a esperança e o compromisso com a educação de qualidade para a comunidade local.

Estudos que mostram a importância do prédio na configuração urbanística do bairro do Anil, aprofundados também no referencial teórico deste estudo, servem de indicação de que as visões de mundo e os aspectos do mundo material (infraestrutura, burocracias, recursos naturais) estão sempre emaranhados nas interpretações dos agentes sobre a utilidade e função do espaço social, fato relevante durante a escolha da teoria e da metodologia que compôs a abordagem desta pesquisa.

Nesse sentido, pretendemos evidenciar a percepção dos diferentes usos sociais dos diferentes agentes envolvidos na história centenária do prédio onde atualmente funciona o Iema PLENO RIO ANIL, através da identificação dos agentes, ideologias e aspectos materiais que resultaram na configuração físico-institucional do atual prédio. Nesse sentido, buscamos responder a pensadores como Pollak, Alberti e Halbwachs, entendendo conceitos sobre memória e identidade, de modo a procurar por novas evidências históricas, através de entrevista e relatos de ação que substanciam a história do prédio em estudo.

Pollak (1989) salienta a importância da memória coletiva, influenciando o senso de pertencimento de indivíduos. Esta noção também pode ser encontrada nos estudos de Alberti (1996, 2012), que contribui com nossos estudos uma vez que nos oportuniza com um importante compilado teórico-metodológico sobre a documentação de fontes orais, e que serviu de base teórico-conceitual para a construção da análise aqui proposta.

O terceiro capítulo detalha o trajeto didático e metodológico empreendido para documentar, sob múltiplas perspectivas, a construção do produto acadêmico desta dissertação: um documentário em formato de curta-metragem. Este trabalho visa materializar as percepções simbólicas através do compartilhamento de memórias e manifestações identitárias dos atores entrevistados. As narrativas de vida e os olhares desses indivíduos revelam a profunda relação estabelecida com as instituições que ocuparam o antigo prédio da fábrica têxtil, proporcionando uma rica tessitura de histórias que dão vida e significado ao espaço educacional apresentado.

As memórias aqui ilustradas são importantes registros vivenciados pelos entrevistados. Suas lembranças eternizam lugares como referências para revisitar um passado ainda latente, no qual desperta sensações e sentimentos diversos aqui documentados e expressos em percepções, anseios, nostalgias e saudades.

Desta forma, percebemos a escola como espaços singulares que oportunizam a pesquisa, produção e reflexão de subjetividade de saberes; de encontro de pessoas; de reencontro com a história e com a vida; lugar onde memória, palavras e práticas podem ser ressignificadas e compartilhadas.

Os lugares de memória, de acordo com Nora (1993, p. 7), “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea nas sociedades atuais, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”, pois a aceleração do tempo nos faz esquecer ou desconsiderar o passado.

Buscamos compor uma narrativa histórica dos usos sociais do prédio que abrigou a Fábrica de Tecidos Rio Anil, o Cintra e, atualmente, abriga o IEMA, para recontextualizar e ressignificar a história através de fontes orais e seu respectivo resgate de memórias, com o propósito pedagógico de aprofundar as relações entre os indivíduos, promovendo oportunas problematizações sobre os usos sociais identificados neste estudo. Um resgate através da história oral e uso de imagens por meio do levantamento e análise de depoimentos de mais agentes sociais que possam ilustrar e emergir interesses e percepções simbólicas ainda não reveladas.

É relevante destacar que, embora este estudo seja o resultado de uma pesquisa acadêmica rigorosa, ele também se configura como uma obra aberta, disponível para reuso, atualização, remixagem e compartilhamento por parte da gestão (atual e futura), docentes, estudantes e demais grupos da comunidade escolar. Assim, o conhecimento produzido poderá ser reapropriado conforme as especificidades e necessidades que se apresentarem no futuro, atendendo à demanda natural por atualização e relevância contínua. Esta abordagem visa garantir que a obra permaneça dinâmica e adaptável, refletindo as transformações e evoluções da comunidade escolar.

O produto final consiste num curta metragem, usando da linguagem de áudio e visual, onde busca sintetizar a história do prédio e as diversas simbologias e ressignificações pelas quais passou ao longo dos séculos, através do olhar dos agentes sociais e institucionais que ajudaram a (re) construir a história da Fábrica, do Cintra e do IEMA. Apresenta um panorama sócio histórico sobre a função social do prédio (aspectos materiais e imateriais), levantadas

através de dados secundários e confrontadas com entrevistas em profundidade com o público que utiliza e/ou utilizou do prédio para labor, ensino e/ou outras vivências.

A produção do curta metragem estará à disposição para toda comunidade escolar do IEMA RIO ANIL e aos demais grupos e agentes sociais interessados. O diagnóstico poderá contribuir para formulação de políticas públicas mais alinhadas com a cultura e expectativas da população sobre produção de bens e conhecimento, bem como o impacto de tais atividades em suas vidas cotidianas.

Portanto, esta pesquisa mostra sua relevância ao lançar luz sobre atores sociais invisibilizados, considerando suas narrativas (baseadas em memórias compartilhadas) e questões sociais, culturais e históricas relacionadas à história da fábrica e das escolas que sucederam seu uso.

Para os estudantes do Iema Rio Anil (*locus* de nossa investigação) e comunidade ludovicense, o resultado desta jornada científica, a partir de uma perspectiva voltada à educação patrimonial, propõe ricas possibilidades pedagógicas para projetos voltados à preservação da cultura material e imaterial deste importante símbolo histórico da nossa cidade.

2 TECIDOS DA MEMÓRIA

2.1 São Luís, a ‘Manchester do Norte’

A economia do Maranhão tem suas raízes no período colonial brasileiro, especialmente no final do século XVII. Durante esse tempo, a economia colonial se baseava fortemente na exploração de recursos naturais, como as drogas do sertão, e na produção agrícola, destacando-se a produção de açúcar. Esses elementos foram fundamentais para o desenvolvimento econômico inicial da região, moldando sua trajetória histórica e econômica.

No século XVIII, o Marquês de Pombal, Sebastião José de Carvalho e Melo, exerceu uma influência significativa sobre as políticas econômicas e industriais em Portugal e suas colônias, incluindo o Brasil. Ele foi responsável por várias reformas com o objetivo de modernizar e fortalecer o império português. Uma dessas reformas foi a criação de companhias de comércio em regiões coloniais, visando a organização e o controle da produção e comércio de matérias-primas necessárias para a metrópole.

No contexto da expansão industrial europeia, o Marquês de Pombal, ciente da necessidade de garantir um fluxo contínuo de matérias-primas para sustentar a demanda crescente da indústria manufatureira, especialmente na Inglaterra, implementou políticas para incentivar a produção de algodão nas colônias. No Maranhão, essas políticas foram fundamentais, como detalhado por historiadores como Caldeira (1988) e Viveiros (1954), que destacam a importância do algodão na economia local e seu impacto no desenvolvimento agrícola e comercial da região.

A posição do algodão como gênero proeminente na economia regional era antiga; provinha dos meados do século XVIII, quando o Maranhão se especializara na sua produção, sobretudo para exportá-lo para têxteis da Europa. Por isso, era muito cultivado em grandes e pequenas fazendas. Muitos eram também os produtores da lavoura de subsistência que o cultivavam para consumo próprio. (Caldeira, 1988, p. 62-63)

No entanto, não se podemos falar de industrialização têxtil no Maranhão durante o período colonial, pois, a nascente produção têxtil era predominantemente artesanal e voltada para atender as necessidades básicas dos colonos, especialmente a confecção de roupas para os escravos. O processo produtivo envolvia pequenas oficinas e teares familiares, e a tecnologia utilizada era bastante rudimentar se comparada aos avanços que ocorreriam posteriormente na Europa, durante a Revolução Industrial. Dessa forma, a produção têxtil no Maranhão se

caracterizava mais pela manufatura local e limitada, sem atingir as proporções industriais que marcariam o cenário europeu no século XIX.

É válido mencionar também que o Maranhão, sendo uma região distante da capital colonial Lisboa, enfrentava desafios significativos de comunicação e transporte, o que dificultava a implementação imediata e abrangente das políticas da metrópole. É importante contextualizar que, até meados do século XVIII, São Luís era a capital do Estado Colonial do Maranhão, e posteriormente, a capital foi transferida para Belém. Essa mudança trouxe novas dinâmicas administrativas e logísticas, mas as dificuldades de implementação das políticas coloniais persistiam devido às distâncias e às limitações tecnológicas da época.

O sistema agroexportador implantado na economia maranhense, desde meados do século XVIII, em decorrência das medidas pombalinas, propiciou o crescimento econômico da província com base na grande lavoura escravista (plantation.) Ao longo do século XIX, a produção algodoeira foi a base econômica da região, apesar das constantes crises que impactavam o setor, tanto no que se refere ao valor internacional do produto ou na diminuição da sua capacidade produtiva. Segundo a historiadora Faria (2005, p. 232), os momentos de expansão e crise da economia agroexportadora decorrem de múltiplos fatores: “demanda internacional, facilidade de financiamento, disponibilidade de mão-de-obra e de novas terras, revoltas, guerras e até problemas ecológicos”.

A produção algodoeira, proporcionando a matéria-prima para a indústria têxtil, também foi um fator decisivo para o investimento de fazendeiros e comerciantes maranhenses nessa nova atividade que despontava como uma alternativa para o investimento de capitais, especialmente no contexto de crise do escravismo e do modelo agroexportador. A fábrica têxtil, de tecidos de algodão, aparecia para elites econômicas como o sopro de modernidade e de progresso, embora não abandonassem as atividades agrícolas.

A instalação das fábricas em São Luís, na segunda metade do século XIX, fazia parte de um ideal de modernidade, e a propaganda de progresso era usada como retórica de discurso de políticos, jornalistas, intelectuais e pessoas pertencentes a uma elite econômica local, que defendiam o discurso no qual a empreitada fabril resultaria em benefícios tanto para os empresários quanto para os trabalhadores.

Em 1887, se instala a primeira fábrica têxtil na capital São Luís, a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhenses. A fábrica foi fundada em 1887, sua primeira produção em caráter experimental ocorreu em 1888 e foi oficialmente inaugurada em 01/01/1890. Sua localização era na Camboa do Mato, razão porque ficou conhecida como a ‘fábrica da Camboa’

Suas instalações possuíam 300 teares e 650 funcionários. Em 1896 dispunha de um capital de 1.200:000\$000 e ações no valor correspondente de 110\$000 (Magalhães, 2023, p. 82).

Em 1888 na Cidade de Caxias, é fundada a Companhia União Têxtil Caxiense, que influenciou na instalação de duas unidades fabris, a Fábrica União e a Fábrica Manufatureira. Segundo Caldeira (1988), o sucesso do empreendimento foi tão significativo que, do primeiro para o segundo semestre de suas atividades, a produção quadruplicou em lucro (Caldeira, 1988, p. 87).

O apreciável interesse pela criação de têxteis, surgido no final de 1887 e começo de 1888 era também em grande parte reforçado pelo aumento dos lucros que fazendeiros e exportadores de algodão estavam a obter com a elevação dos preços extemos e das exportações daquele ano. Com efeito, de 1886 para 1887, os preços internacionais do algodão registraram aumento de 219 mil réis por tonelada. Quanto às exportações, as mesmas aumentaram de 3.043.462 quilos em 1886 para 3.902.938 em 1887. Aumento de pouco mais de 28% de um para outro ano. (Caldeira, 1988, p. 91)

Alguns fatores da época explicam a predileção de alguns empresários locais pela capital maranhense, Caldeira (1988. p. 85) destaca alguns: 1- São Luís constituía o mais importante centro comercial e financeiro da Província; 2|- apresentava-se como o ponto para o qual convergia a maior parte da produção regional de algodão; 3- era o maior núcleo populacional maranhense.

E completa:

O último requisito era muito importante. Com 31.604 habitantes, em 1872, na capital provincial foram identificadas, naquele ano, 8.074 pessoas de condição livre sem ocupação definida. Dentre elas, algumas pelo menos podiam ser recrutados para trabalhar na fábrica, por salários relativamente baixos. (Caldeira, 1988, p. 65)

São Luís recebeu a alcunha de “Manchester do Norte” no fim do século XIX, durante o período de industrialização da cidade. O epíteto foi usado em alusão à cidade inglesa conhecida pelo seu amplo parque fabril, porém, este efêmero adjetivo não fez jus à realidade do cenário maranhense devido às consequências econômicas que o estado sofreu ao longo dos anos.

De acordo com Rolim Filho (2016), a ideia de industrializar o Maranhão por meio da instalação de indústrias têxteis era um projeto ambicioso que visava transformar São Luís em uma “Manchester Maranhense”.

Tinha-se a ideia de industrializar a economia do Maranhão por meio da instalação de indústrias têxteis para aproveitar a produção local de algodão. Sonhou-se até mesmo em

transformar São Luís em uma “Manchester maranhense”, como é possível constatar na mensagem do Governador Manoel Ignácio Belfort Vieira:

Tudo isso promete um brilhante futuro ao Maranhão em tempo não mui remoto e que o colocará no melhor pé de prosperidade para competir em civilização e progresso com os Estados mais adiantados da União. Si pelo lado de seus filhos ilustres nas letras já foi considerado a Atenas brasileira, há de sê-lo também, pela indústria, a brasileira Manchester, ocupando importantíssimo logar pelo empório do Norte. (Relatório dos Presidentes de Província, 1892, p. 9).

Segundo Moraes (1987), o sonho da industrialização que fez atribuir a São Luís o precoce e frustrado cognome de “Manchester brasileira”, durou pouco e foi levando “[...] na torrente de desastrosas falências, a maior parte do parque fabril instalado com muito açodamento nos últimos anos do século XIX” (Moraes, 1987, p. 10).

O historiador Viveiros (1954) foi além e chamou este intenso movimento na economia local de “surto industrial”, dado a euforia causada pela instalação dos estabelecimentos fabris na cidade num relativo curto espaço de tempo.

De acordo com Magalhães (2021), entre 1890 e 1896, o Maranhão viu o surgimento de 11 novas fábricas de tecidos, o que contribuiu para a formação de um parque industrial têxtil no estado. A Fábrica Rio Anil, fundada em 1890, foi a maior de todas as unidades fabris de tecidos do Maranhão, com suas atividades iniciadas por volta de 1895.

Para além das intenções econômicas, a ideia de modernizar São Luís, inspirada na Revolução Industrial inglesa, levou à construção da cidade como um centro industrial inspirado na cidade de Manchester. Essa transformação alterou o retrato histórico da cidade, que havia sido construído no século anterior, e traz consigo ideias de progresso e inovações tecnológicas propostos pela elite ludovicense em meados do século XIX, entre outros destaca-se: o parque industrial têxtil, as Exposições, os Códigos de Postura, o discurso médico sanitário. Esses símbolos instituem novas formas de disciplinamento dos corpos, por meio de uma nova configuração geográfica e um processo acentuado de urbanização, em nome de um novo ideal civilizatório.

Quadro 1 – Características gerais das têxteis existentes no Maranhão – 1895.

Fábricas	Ano de criação	Capital social realizado – Contos de Réis	Nº de teares	Força motriz (hp)	Nº de operários
Ind. Caxiense	1883	400:000\$	153	180	250
Camboa	1889	1.200:000\$	300	300	496
Cia. Progresso	1890	350:000\$	152	160	193
Rio Anil	1890	1.554:000\$	186	500	193
Santa Isabel	1891	1.700:000\$	400	450	589
Manufatureira de Codó	1891	986:000\$	150	240	264
Cânhamo	1891	900:000\$	105	120	208
Manufatora de Caxias	1891	800:000\$	200	320	220
Sanhoró	1891	150:000\$	26	48	58
União Caxiense	1892	850:000\$	176	280	361
Fiação e Tecelagem	1892	850:000\$	55	32	49
Industrial Maranhense	1892	230:000\$	22	35	53
Lanifícios	1892	500:000\$	22	70	46
Totais	-	-	1.947	-	3.073

Fonte: Caldeira (1988)

No Brasil, a industrialização ocorreu de forma tardia, tendo seus primeiros passos no século XIX, através do surgimento de fábricas de tecidos, bebidas e alimentos. Alguns fatores nos ajudam a entender este atraso, tais como: o sistema escravocrata que serviu como base econômica por mais de 300 anos; o fato do Brasil ser um país predominantemente agrário, com economia voltada para exportação de produtos primários (café, açúcar, borracha); a ausência de setor financeiro sólido e desenvolvido; e, falta de mão de obra qualificada e especializada para o trabalho industrial.

A partir da emergência da industrialização nacional, o Maranhão no fim do século XIX busca se distanciar da sua vocação agrícola, ainda que lenta e limitada do início a instalação das primeiras fábricas de tecidos de algodão e cânhamo nas cidades de Caxias, porém sua base econômica ainda continua sendo a agricultura e pecuária.

Na capital São Luís, o processo de industrialização ocorrido no século XIX não foi diferente do ocorrido em algumas poucas cidades do interior do Estado, onde, mesmo de forma gradual e lenta acarretou transformações importantes em diversos setores da economia da cidade.

De acordo com Silveira (2008), a sociedade de São Luís na virada do século XIX para o XX passava por profundas transformações econômicas, políticas e socioculturais resultantes, dentre outros aspectos, do fim da escravidão e do regime imperial. A implantação da República foi acompanhada do discurso de modernidade, inovação e progresso. Este período acarretou mudanças significativas de ordem econômica, política e social, devido ao término da escravidão e do declínio do regime imperial. Ao mesmo tempo vimos a falência do modelo agroexportador maranhense, sustentado pela mão de obra de pessoas escravizadas, acarretando no surgimento de novas formas de trabalho e cultura, convergentes ao modelo capitalista de expansão industrial em evidência no país.

Vale ressaltar que, tanto em São Luís como no Brasil, o processo de industrialização não teve o mesmo êxito em termos de desenvolvimento como em países da Europa ou da América do Norte, era lento, incipiente e limitado, sua produção era voltada à economia agroexportadora.

A pesquisa de José de Ribamar Chaves Caldeira sobre os acontecimentos que prenunciam as mudanças na economia local, intitulada “Origem da indústria no sistema agroexportador maranhense- 1875/1895 um estudo micro-sociológico da instalação de um parque fabril em região do Nordeste brasileiro no final do século XIX” (1988), o referido autor ratifica a condição de atraso do Maranhão no cenário econômico nacional, enfatizando que o algodão à época ainda era a base da economia local.

A posição do algodão como gênero proeminente na economia regional era antiga. Provinha dos meados do século XVIII, quando Maranhão se especializou na sua produção sobretudo para exportá-lo para têxteis na Europa. Por isso, era muito cultivado em grandes e pequenas fazendas; muitos eram também os produtores da lavoura de subsistência que o cultivavam para consumo próprio (Caldeira, 1988, p. 62-63).

A industrialização tardia do Maranhão refletia as dificuldades de adaptação e modernização econômica em uma sociedade ainda profundamente marcada pelas estruturas coloniais e escravistas. No entanto, os esforços empreendidos durante esse período foram fundamentais para estabelecer as bases de uma economia industrial, ainda que incipiente, na capital maranhense. A libertação dos escravos (1888) e a desvalorização das propriedades rurais contribuíram para desorganizar a economia agroexportadora, e o capital acumulado pelos grandes proprietários de terras converge para as indústrias instaladas na cidade.

O movimento fabril do século XIX em São Luís, embora tenha ocorrido em um contexto de atraso em comparação a outras regiões colonizadas, representou um esforço significativo do Estado para superar esse atraso histórico. Esse atraso foi causado por diversos

fatores, incluindo a superexploração da mão de obra não técnica no final do século XIX e a falta de profissionais capacitados (Pereira Filho, 2020).

Segundo Fausto (2001), não foi por acaso que o estado de São Paulo liderou o processo de desenvolvimento capitalista brasileiro, que por sua vez se caracterizava pela diversificação agrícola, urbanização e surto industrial. Até mesmo o algodão, que por muitos anos foi o principal motor da economia maranhense, começou a ser produzido em São Paulo para assegurar o fornecimento de matéria-prima para a economia têxtil do estado, tornando-o, por volta de 1919, o maior produtor do Brasil.

No caminho contrário, boa parte da elite econômica maranhense tomava decisões equivocadas na condução dos seus negócios. Enquanto os cafeicultores paulistas investiam em infraestrutura e indústrias, os fazendeiros maranhenses consumiam de forma ostentatória (Tribuzi, 2011) ou aplicavam em outras atividades não propriamente produtivas, dilapidando as receitas de exportação.

Ainda assim, a década de 1890 se constituiu o momento áureo de fábricas têxteis em atividade no Maranhão dentro do período analisado. Em 1895, o Estado encontrava-se em segundo lugar em quantidade de Manufaturas de Tecidos no Brasil, atrás apenas de Minas Gerais, caindo para a 4ª posição na década seguinte, igualando-se ao Distrito Federal, que na ocasião era o Rio de Janeiro (Magalhães, 2023, p. 67)

2.2 Construção da Memória Histórica sobre a Antiga Fábrica do Rio Anil

A fábrica de Tecidos Rio Anil faz parte do processo de desenvolvimento industrial no Maranhão, acompanhando o processo de transformação do sistema econômico europeu ocorrido no século XVIII, chamado de Revolução Industrial, no que acarretou em mudanças fundamentais no sistema de produção na Inglaterra. Neste cenário, um dos primeiros setores da indústria inglesa a se expandir foi o têxtil, e um dos aspectos que nos ajuda a compreender este cenário é a transição da produção doméstica de tecidos para a fabricação em grandes escalas nos galpões fabris.

De acordo com Caldeira (1988), as primeiras tentativas frustradas para montagem de uma fábrica têxtil no Maranhão data de 1870. Segundo estudos deste pesquisador, em 1873 houveram esforços para a instalação do Engenho Central.

Com efeito, logo depois de ter se iniciado a década de 1870, alguns fazendeiros de diversas zonas maranhense juntaram-se a vários comerciantes importadores/exportadores de São Luís, para criarem um têxtil na capital da Província. Pretendiam reduzir as importações e compras de tecidos de outras

partes do país, “por preços tão altos que quase não encontram quem queira comprar”. Ademais argumentavam: “uma fábrica de tecidos em Província como a nossa, onde o algodão é abundante, o fabrico de tecidos é fácil e ajudará o comércio vende-los por preços razoáveis”. A têxtil que se propunham a instalar visava reduzir as dificuldades enfrentadas pela comercialização interna de tecidos e utilizar matéria prima muito produzida na região (Caldeira, 1988, p. 62).

Neste âmbito a tecelagem em escala industrial se torna responsável pela primeira forma de divisão e organização do trabalho e profundas mudanças socioculturais nos países que vivenciaram este momento histórico, pois criou uma nova classe social, a dos trabalhadores industriais; fomentou o surgimento de novos produtos e serviços, acarretando em mudanças no estilo de vida das pessoas; acelerou processo de urbanização das cidades (construção de redes de estradas, redes de esgotos e saneamento); dentre outros processos, a exemplo do que ocorreu na Europa.

A instalação da Fábrica de Tecidos no Anil resultou numa reconfiguração na estética urbana de São Luís, e transformações socioeconômicas relevantes. Segundo Caldeira (1988), a instalação dos empreendimentos fabris representava o cenário de modernização industrial, e uma nova ordem econômica para o Maranhão.

A criação do Parque fabril maranhense incluiu-se entre as manifestações concretas regionais do crescimento industrial sem industrialização ocorrido no país ao final do século XIX. E resultou, sobretudo da união de capitais investidos por comerciantes importadores – exportadores, fazendeiros e pessoas ligadas a outras atividades com o apoio dos governos central e regional (Caldeira, 1988, p. 8-9).

Hobsbawm (1962), em sua obra “A Era das Revoluções: Europa 1789-1848”, destaca que a Revolução Industrial foi um dos períodos de maior transformação econômica, social e tecnológica que começou na Inglaterra no final do século XVIII, com um impacto profundo na história mundial. Ele afirma que a Revolução Industrial trouxe mudanças fundamentais que resultaram em impactos em vários aspectos da vida humana.

A Fábrica de Tecidos Rio Anil foi instalada no antigo povoado Anil, cujas origens se vinculam ao processo de ocupação europeia da ilha de São Luís, sendo proveniente da ampliação da aldeia tupinambá denominada Cutim (D’Abbeville, 2002). O referido bairro situa-se às margens do Rio Anil, assim intitulado “devido suas águas de coloração azulada e grande quantidade de plantas de anil em suas margens” (Feitosa, 2016, p. 34).

A região do Anil tem esse nome pela característica de seu rio principal, que possui águas azuis devido à abundância de índigos em suas margens. A densidade dessas águas incentivava empreendimentos para estabelecer a industrialização do índigo em suas margens.

O processo de extração envolvia a colheita das folhas de índigo, que eram posteriormente imersas na água para liberar o pigmento azul. Este método de produção foi um dos principais fatores que deu origem ao nome da região.

Itapary (1995, p. 16) reforça esta tese em sua obra “A falência do Ilusório”, onde o autor afirma:

Naquela época a produção do anil era obtida mediante processo bastante rudimentar: punham-se a macerar, dentro d'água, as folhas da planta, após o que o extrato vegetal era aglomerado, em tinhas, com cal virgem e, em seguida, posto a secar. Durante a maceração, que ocorria dentro do Rio Maioba, considerável parte do extrato misturava-se às águas, tingindo-as de azul. Decorreria desse fato a nova denominação dada ao rio que passaria, provavelmente a partir de 1730, a ser chamada de Rio do Anil e, logo em seguida, Rio Anil.

Os responsáveis pelo empreendimento foram os empresários maranhenses Henry Airlei, Antônio Cardoso Pereira, Francisco Xavier de Carvalho, Manoel José Francisco Jorge (negociantes), José Francisco de Viveiros e Jerônimo José Tavares Sobrinho (proprietário). Em 1893 foi instalada a Fábrica de Tecidos do Rio Anil, a qual tinha como objetivo a indústria têxtil, voltada para a fiação, a tecelagem e o branqueamento dos tecidos de algodão. Essa organização foi denominada de Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil, e sua fundação ocorreu em 25 de setembro de 1890, sendo a sétima fábrica de tecidos a funcionar no Maranhão. O capital da firma recém-constituída era em torno de 800 contos de réis, na qual estavam representados por mais de 8.000 ações de 100 mil réis e tinha 260 acionistas na sua fundação (Itapary, 1995).

A imponente arquitetura do prédio da fábrica contava com 97 metros de frente e 103 metros de fundo, com uma área total de 9.991 metros quadrados, com espaço suficiente para abrigar o assentamento dos motores, máquinas e transmissões. Dado o grande espaço do salão, de acordo com Itapary (1995), o projeto inicial vislumbrava a instalação de 500 teares, ideia esta que posteriormente foi abandonada por seus idealizadores.

A construção era toda em pedra, cal, tijolos e alvenaria; o pavimento, feito com cimento sobre pedra britada; o teto, constituído por estruturas de ferro sustentadas por pilares do mesmo metal, firmados em blocos de concreto ciclópico, coberto com telhas de cerâmica e vidro fabricadas em Marselha, França; os alicerces e os assentamentos da máquina motora, em razão de ser o lençol freático muito à superfície, foram feitos em estruturas argamassas de cimento, cal, areia e barro, sendo que para fundamento e base da máquina motora construíram-se paredes com 2,5 metros de espessura com argamassa de cimento, para evitar infiltrações d'água no subterrâneo do volante (Itapary, 1995)

No subsolo de todo o edifício foram instalados canos para esgoto das águas pluviais e servidas e para as que ali nascem nos tempos invernosos. A chaminé media 45 metros de altura, levantada com tijolos cerâmicos. Ao lado do prédio foi construído um tanque com capacidade para 8.000 pipas de água, servido, por gravidade, por meio de canalização derivada de um açude feito no Rio Anil. A água desse tanque, depois de utilizada nas caldeiras, voltava para reutilização (Itapary, 1995).

A instalação da fábrica às margens do Rio Anil foi estratégica, pois seu leito era de boa navegação, e, à época, mesmo diante de um esforço político voltado para o desenvolvimento urbano, São Luís ainda utilizava bastante o comércio marítimo em suas relações comerciais (Itapary, 1995).

Figura 1 – Porto do Anil



Fonte: Cunha (2008)

Neste cenário que a Fábrica de Tecidos Rio Anil se instala, usando este recurso natural tanto para a sua produção como para escoamento de seus produtos. Também se torna responsável pelo processo de crescimento demográfico e de urbanização desenfreada. Foi a partir da instalação da Fábrica de Tecidos Rio Anil, que o bairro começou seu processo de transformação.

Durante a Primeira Guerra Mundial, uma certa prosperidade econômica foi proporcionada à medida que as exportações aumentaram e o valor do algodão, dos tecidos e do babaçu aumentou. Foi nesta época que São Luís viveu uma época de relativa prosperidade, e as indústrias têxteis foram responsáveis em oferecer emprego a centenas de trabalhadores, especialmente mulheres. A fábrica de tecidos impulsionou o desenvolvimento econômico e

social da ilha, diminuindo o número de pessoas desempregadas ou sem rendimentos nas comunidades vizinhas, muitos destes pobres, oriundos de comunidades longínquas, cidades do interior do Maranhão e estados vizinhos.

Os trabalhadores fabris se tornaram consumidores do comércio nos bairros, e os seus rendimentos conquistados através dos seus ganhos quinzenais e/ou mensais impulsionaram o aparecimento de quitandas e mercearias, sobretudo especialmente

A historiadora Antônia da Silva Mota, em seu artigo intitulado “A atividade fabril no Maranhão, século XVIII ao XX”, destaca que:

O estabelecimento fabril ao longo do tempo passou a aglutinar uma população de trabalhadores (homens, mulheres e crianças), ocupando o seu entorno com construções rústicas. Importante ressaltar que não se tratava de operários no modelo europeu, aqueles desprovidos de terra e instrumentos de produção. No caso dos trabalhadores das manufaturas maranhenses, as informações coletadas dão conta de que se viravam utilizando seu saber tradicional e se adaptavam aos novos afazeres, tentando amearhar sua sobrevivência. Então, faziam roça pros lados do Bacanga, na outra margem do rio; colhiam frutas na Vila de Vinhais; faziam carvão nos arredores da ilha, que usavam para seu consumo doméstico e vendiam o excedente aos moradores do centro da cidade. Os homens pescavam nos rios Anil e Bacanga, assim como todos possuíam e cultivavam estreitos laços parentais (Mota, 2015, p. 24)

As transformações na dinâmica de São Luís foram significativamente influenciadas pelo ritmo da produção industrial da época. Um exemplo marcante foi a implantação do bonde, que destacou a capital maranhense no contexto da urbanização e planejamento urbano do início do século XX na América Latina. Esse desenvolvimento não apenas facilitou o sistema de transporte, mas também promoveu a expansão da integração da cidade, refletindo as mudanças sociais e econômicas impulsionadas pela industrialização.

Até o fim do século XIX o bairro do Anil se comunica com as demais comunidades da cidade de São Luís através do curso do seu rio e poucas estradas sem qualquer tipo de pavimentação. Devido à importância estratégica e socioeconômica do bairro, em 1893 a Companhia Ferro-Carril do Maranhão construiu dez quilômetros de trilhos até o bairro Anil, por onde circularia o bonde traçado por animais (burros eram usados como força motriz).

Muitos trabalhadores residiam em casas distantes das fábricas têxteis, muitos destes moravam em casebres de estrutura humilde. Estes precisavam acordar muito mais cedo para chegar a tempo da abertura dos portões das fábricas e evitar problemas com a gerência e com os mestres, que puniam os atrasos com a cobrança de horas extras.

Segundo Caldeira (1988), a diretoria da fábrica do Anil, por exemplo, pagava as passagens de ida e volta dos operários, nos bondes puxados a tração animal da Companhia Ferro Carril, fundada em 1871, a fim de não faltarem ao trabalho. Porém, nem sempre era possível a

muitos deles chegar na hora da têxtil iniciar suas funções, às 6 horas da manhã. Nas madrugadas de muita chuva, os bondes ficavam impossibilitados de percorrer os 12 quilômetros de sua linha, por ficarem grandes trechos desta encobertos por espessas camadas de lama, cuja remoção era realizada com certa demora. Conforme declaravam seus diretores, nos dias de fortes chuvas, a fábrica trabalhava com poucos operários, alguns dos quais a ela chegavam com muito atraso para o serviço. Contudo, diversos eram os operários que chegavam à fábrica transportados em barcos que navegavam o Rio Anil, “dando prova de alta responsabilidade” (Caldeira, 1988, p. 224)

Sobre as dificuldades de locomoção dos trabalhadores fabris da Rio Anil, Correia (2006, p. 221) afirma:

Por ser aquele um tempo em que transporte para gente pobre era coisa rara, manhãzinha de todos os dias em bandos vinham as pipiras pelas estradas, aboletando-se, por vezes tem algum carro de boi que descruzava o caminho pois esse era o meio de transporte ainda largamente utilizado pelos caboclos da Maioba e de outras localidades do interior da ilha, os quais desciam para o mercado da cidade afim de vender frutas, legumes e verduras; patos, perus, galinhas além de ervas de todos os tipos com o que eram feitos remédios para males do corpo e do espírito. Assim era aqui na madrugada de sexta para sábado e de sábado para domingo no posto fiscal que ficava no Anil centenas de verdureiros e os dos mercadores com pau de carga jumentos e carroças carregadas parecendo até a precisão o ponto de encontro fazer uma parada obrigatória.

Corroborando com o processo iniciado desde o século XIX, os subúrbios se desenvolveram a partir da linha de bonde para o Anil, principal eixo da malha ferroviária da cidade, resultando numa nova configuração do espaço urbano. Com a implantação dos bondes elétricos como novos meios de transporte, nos anos 20 do século XX, as terras às margens da linha do Anil “foram muito valorizadas e rapidamente o Caminho Grande conheceu novas edificações residenciais, o que fez com que a comunidade anilense tivesse contato com outros bairros a partir de então” (Feitosa, 2016, p. 48)

De acordo com o mesmo autor

A partir do momento em que houve uma ocupação da região do Caminho Grande por parte de uma classe operária, devido os processos de instalação das fábricas, e as linhas de bonde para o Anil criaram um eixo central, do qual a cidade cresceu e produziu os subúrbios, propiciando a conquista de áreas novas a sem ocupadas por parte daquelas que não tinha como morar no centro comercial, pois a valorização imobiliária já não podia ser assimilada pela população da classe pobre (Feitosa, 2016, p. 48).

Ribeiro Júnior (1999) reforça este pensamento quando afirma que a Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil edificou casas para alguns de seus empregados (mestres e contramestres). A Companhia Fabril Maranhense, depois denominada de Santa Izabel,

localizada no “Canto da Fabril”, também construiu moradias para seus *operários*. *Essa atitude ampliou os espaços de ocupação da urbe. Ademais, os proprietários das fábricas sabiam que proporcionar aos operários a residência próxima ao trabalho diminuiria o tempo de deslocamento e reduziria trasos e gastos com transportes. Logo, essa também era uma tática utilizada para forçar a assiduidade nas atividades laborais* (Ribeiro Júnior, 1999).

Figura 2 – Bonde de tração animal



Fonte: Livro do Maranhão (1908)

Figura 3 – “Caminho grande” – via que ligava o Anil ao Centro de São Luís



Fonte: Livro do Maranhão (1908)

A instalação da Rio Anil foi crucial para o crescimento demográfico e do processo de urbanização do bairro do Anil, que neste momento impõe a novas formas de rotinas, através da normatização dos corpos imposta pelo trabalho fabril. O poder exerce-se em todas as relações sociais e é microfisicamente difundido em diversas formas (Foucault, 1979).

Figura 4 – Antiga residência do diretor da Fábrica de Tecidos Rio Anil



Fonte: Cunha (2008)

A Companhia de Tecidos Rio Anil oferecia cinco boas moradas inteiras, das quais três eram destinadas à moradia dos funcionários de ‘patente privilegiada’ como o gerente e os diretores. Além de sete meias moradas, 23 portas e janelas, e 23 quartos destinados à moradia dos operários.

Pelo padrão arquitetônico, já dá para perceber que para operários comuns não se destinavam, muito embora, no referido relatório, tenham manifestado o interesse em contratar famílias do interior que se propunham vir para seus serviços, desde que tivessem casa. Por outro lado, também sabiam eles das vantagens que representavam contratar uma família, haja vista a vulnerabilidade em que o todo se colocava, a partir das ações das partes, sendo possível maior controle sobre ela. Por outro lado, como a família tem sido fundamental na reprodução da força-de-trabalho, podiam baratear os salários, haja vista o trabalho não contabilizado no contingente feminino nas fábricas empregado (Correia, 2006, p. 271).

Este paradoxo fica evidente nas contribuições de Hobsbawm (1962) quando o autor evidencia as intenções dos donos das fábricas: o controle social dos seus empregados.

A concessão de habitação nos arredores da fábrica representava não somente prender a força de trabalho por longo período, mas também significava assegurar a assiduidade forçada ao trabalho. Mais ainda, tal medida permitia o controle social do trabalhador e de sua família fora do âmbito do processo de trabalho, facilitando, dessa forma, a reprodução da ideologia dominante no meio operário (Hobsbawm, 1962, p. 40).

Referindo-se à necessidade de moradias para os operários, junto à fábrica, a diretoria da Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil em um de seus primeiros relatórios escreveu:

Não havendo no bairro do Anil casas para alugar próprias para residências dos empregados e operários da fábrica reconhecemos a imperiosa necessidade de mandar construí-las por conta da Companhia, pois são intuitivas as vantagens daquele pessoal morar junto à fábrica (Bessa, 2004, p. 38).

Sobre esta manifestação da gestão da Rio Anil, Guimarães (2006) ratifica a pretensa “preocupação”. Assim, com nitidez meridiana ficou registrado em relatório da Companhia do Rio Anil que "era de bom resultado" a construção de umas casas, porquanto “podiam contribuir para localização do pessoal e conseqüentemente para a boa marcha dos trabalhos da fábrica” (Guimarães, 2006, p. 270).

Situada a 7 km do perímetro urbano da cidade de São Luís, a Fábrica de Tecidos Rio Anil destacava-se no cenário econômico local no fim do século XIX como uma das maiores unidades fabris de tecidos do Maranhão. Para muitos o espaço da fábrica foi o símbolo de aspirações para uma mudança de vida, ou simplesmente o “lugar para ganhar o pão de cada dia” de mulheres, homens e crianças simples e pobre, moradores das comunidades vizinhas, ou provindos das cidades do interior do estado em busca de uma vida melhor.

A Companhia do Rio Anil representou em sua implantação, a chegada da modernização industrial ao contexto maranhense, conforme Caldeira (1988, p. 227).

A Rio Anil emerge em 1891 em meio a um ideal imagético (a Manchester do Norte) das elites maranhenses de transformar a cidade de São Luís num exemplo de progresso civilizatório rumo ao futuro baseado numa “euforia econômica” que, por sua vez, resultou num “surto industrial”, como aponta Viveiros (1954). E o ‘ilusório’ do efêmero projeto de desenvolvimento é colocado em prática.

No dia 23 de agosto de 1891 foi lançada a pedra fundamental que deu início a empreitada industrial da Companhia de Fiação e Tecidos Rio Anil em solo ludovicense. Idealizada e implementada por seis maranhenses, os sócios Henry Airlie, Antônio Cardoso Pereira, Francisco Xavier de Carvalho, Manoel José Francisco Jorge, José Francisco de Viveiros, e Jerônimo Tavares Sobrinho, inspirados pela motivação dos ares de renovação da conjuntura econômica maranhense nos fins do século XIX.

Itapary (1995, p. 27) alude a um dos mais célebres jornais da época, *A Pacotilha*, anunciara a novidade como:

Uma era de prosperidade para a Pátria Maranhense que de há certo tempo pra cá vai despertando do marasmo, da indiferença em que permaneceu longos anos, da atrofia, com o organismo depauperado pelos vícios da escravidão.” Segundo o mesmo editorial noutro dia do acontecimento, o evento reuniu cerca de mais de 2 mil pessoas de todas as classes sociais: autoridades, empresários e populares convidados. E continuava “As fábricas surgem de toda a parte e com elas o despertar de uma vida nova, cheia de atividades, urgida pelo progresso, prometendo-nos um futuro bonançoso que compense a esterilidade do passado.

Superadas as dificuldades iniciais que precederam seu funcionamento, em 1893 a Rio Anil inicia suas atividades industriais com 144 teares voltados a produção de tecidos, sob custo vultoso de 1.638.071\$525 (valores destinados a edificação do prédio, máquinas, salários, dentre outras despesas).

Quadro 2 – Valores iniciais investidos na Rio Anil em 1894

DISCRIMINAÇÃO	NÚMEROS
Área construída	Rs. 9.991m2
Chaminé	Rs. 45m. de altura
Cisterna	Rs. 8.000 pipas d'água
Custo das edificações	Rs. 872.467\$246
Custo dos maquinismos	Rs. 618.805\$361
Custo da linha férrea	Rs. 7.380\$983
Gasto com cal - 1.132.890 kg	Rs. 25.997\$450
Pedras extraídas no local	Rs. 35.049\$122
Condução de pedras	Rs. 10.919\$179
Cantarias de lastros de navios	Rs. 4.010\$400
Cantarias de Lisboa	Rs. 5.891\$727
Cimento - 4.404 barricas	Rs. 54.803\$845
Ferragens compradas em São Luís	Rs. 29.270\$883
Pedreiros empreitados a jornal	Rs. 119.051\$211
Carpinas empreitados a jornal	Rs. 34.850\$050
Ordenado do Eng. Thomas Anwyle	Rs. 15.256\$922
Estátuas para a fachada	Rs. 582\$495
Madeiras (inclusive de New York-USA)	Rs. 34.140\$597
Preparo do terreno (cortes e aterros)	Rs. 73.654\$251
Telhas importadas de Marselha, França, (inclusive frete do navio Kronos)	Rs. 19.793\$865
Tijolos	Rs. 24.085\$232
Teto do edifício (importado da Inglaterra a § 9897.6.3	Rs. 186.463\$458
Janelas (importadas a § 207.12.1)	Rs. 3.911\$190
Anos p/ extinção de incêndio e canalização de água da represa (importados a § 552.12.2)	Rs. 10.411\$068
Cancelas e quebra-pedras (britador) importados a § 435.12.2	Rs. 8.206\$788
Pára-raios (importado a § 50.2.9)	Rs. 944\$574
Aparelhos de esgoto e saneamento (importados a § 312.4.7)	Rs. 5.882\$370
Tijolos refratários	Rs. 1.805\$000

Fonte: Itapary (1995, p. 34)

No entanto, desde seu período inicial de constituição, a Rio Anil se deparou com dificuldades várias em seu processo de funcionamento, desde a dificuldade na contratação de mão de obra qualificada às oscilações do câmbio internacional que resultava na desvalorização da moeda nacional diante da libra, resultando no aumento dos preços dos equipamentos, pois todos eram importados. No que se refere ao primeiro fator supracitado, a escassez de mão de obra tanto se dava pela concorrência local entre as fábricas, que no momento do início das

atividades da Rio Anil outras quatro instalações fabris começavam a sua produção em São Luís, quanto pela qualificação dos operários contratados (a maioria descendentes de escravizados e/ou camponeses vindos das cidades interioranas), posto que as atividades exigiam conhecimento técnico específico no manuseio das máquinas.

Como estratégia para dirimir este problema, a alternativa encontrada pela diretoria foi a “importação” de ingleses para executar trabalhos de chefias e serviços técnicos, no entanto, os altos salários destes funcionários geravam grandes despesas e pouco retorno. Cabe dizer que desde o começo de suas atividades a Fábrica de Tecidos Rio Anil sempre operou em frágil situação financeira. Destaca-se o ano de 1895 como exceção, pois neste período a fábrica gerou um ganho de 645.461 (réis), resultado do êxito nas seções de Fiação e Tecelagem. Entretanto o sistema de branqueamento dos morins não conseguia alvejar com qualidade o que mercado exigia, sendo assim havia um gasto enorme com esta seção.

Até 1940, o desempenho e funcionamento da fábrica ocorreram sob a presidência do sócio majoritário José Francisco Jorge. Com seu falecimento em dezembro de 1940 seus filhos assumiram o controle e sem experiência administrativa, e com a falta de incentivos e modernização do maquinário, o empreendimento entrou em decadência agravada pelas dificuldades que assolavam a economia maranhense, centrada no setor primário (Martins, 2021).

Estas fábricas não foram capazes de criar um parque industrial dinâmico e duradouro a ponto de competir com o Sul que se industrializava e, particularidades maranhenses, como as elevadas tarifas alfandegárias, fretes exorbitantes, inúmeros feriados, dificuldades de comunicação, falta de estradas, carência de crédito e de bancos, contribuíram para que esse sonho não fosse concretizado (Campos, 2008).

Em 1950 ocorreria a jornada derradeira da Rio Anil. Itapary (1995) destaca a greve de operários ocorrida em maio daquele ano que paralisou toda a fábrica, no que acarretou em uma crise gravíssima, pois não houve dinheiro para o pagamento dos trabalhadores devido à ausência de capital de giro da empresa, uma vez que metade dos acionistas deixaram de realizar seus investimentos impactando em mais de 36 contos de réis. Sem esse capital a fábrica não poderia comprar o algodão e para piorar não conseguia renovar seus equipamentos. Ainda na década de 50, a situação da fábrica Rio Anil piorou, começa a surgir os impostos e o rigor das leis sociais como (IAPI) e a cobrança dos dividendos por parte dos acionistas.

Como não tinha capital financeiro para investir em maquinário moderno, a fábrica se viu ainda em situações complicadas devido à concorrência das unidades fabris do sul e sudeste, que já produziam tecidos de melhor qualidade, impactando a competitividade da unidade fabril

do Anil em São Luís, quer seja por sua pouca produção, quer seja pela pouca diversidade dos tecidos produzidos, ou ainda pela defasagem tecnológica de suas máquinas.

A substituição tardia do um maquinário na Rio Anil só aconteceu quando houve a explosão de um motor a gás no ano de 1955, que operava fazia mais de 50 anos, não havendo mais condições de recuperação e manutenção, demonstrando que era preciso mudar. A tragédia da explosão levou a fábrica a fazer sua primeira substituição de uma máquina desde que a mesma fora fundada. Quatro anos após o fatídico incidente, em março de 1959, mais um desastre ocorreu nas dependências da obsoleta fábrica, uma das caldeiras com água fervente explodiu vitimando 4 trabalhadores.

A Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil, vitimada pela imprevidência, parou para ver Frei Hermenegildo Maria dar a extrema-unção aos infelizes e ainda jovens operários, cujos corpos foram depositados sob uma frondosa mangueira no Largo da Fábrica. A partir desse acidente, a Rio Anil celeremente chegaria ao término de sua vida decorrida sempre em meio a crises sucessivas, desde o desaparecimento de Henry Airlie, cujo espírito empresarial e tirocínio administrativo não seriam jamais substituídos (Itapary, 1995, p. 120)

Esta deficiência tecnológica dos maquinários contribuiu significativamente para apressar o fim das atividades da fábrica Rio Anil. Sem nenhuma condição para disputar o mercado com outras unidades fabris no mercado, foi paulatinamente observando a falência. A falta de iniciativa empresarial por parte dos seus donos também colaborou para que fábrica sofresse com o processo de falência.

As elites maranhenses saíram de suas fazendas de algodão e cana-de-açúcar para investir em uma atividade totalmente desconhecida até então para essas elites, a produção industrial com máquinas importadas dos países do capitalismo central, e no caso da fábrica do rio Anil, de maquinário inglês. A falta de visão e de capacidade de gestão dos pretensos burgueses maranhenses contribuíram para esta ruína. Quase 80% chegaram a ser fechadas (Viveiros, 1954 p. 558) e o curto ciclo de industrialização maranhense que se tentou iniciar durante o final da década de 1880 foi se finalizar antes de se iniciarem os anos 1920 (Matos, 2015).

A falta de incentivos e a estagnação das tecnologias de produção fizeram com que o parque industrial têxtil do Maranhão entrasse em decadência fechando gradativamente suas portas. Nesse contexto, a Fábrica Rio Anil encerrou suas atividades em 1961 (Caldeira, 1988).

Assim, a Manchester maranhense sucumbiu as dificuldades econômicas enfrentadas pelo Estado, representado pelo legado deixado pela monarquia para a recém-criada república: um Maranhão anêmico e cheio de dívidas (Fernandes, 2003).

As poucas indústrias que restaram no século XX foram se decompondo devido à queda da qualidade da produção algodoeira e, principalmente, devido a ineficiência tecnológica e econômica das máquinas industriais (que continuaram as mesmas da década de 1890), pois o empresariado maranhense as mantiveram obsoletas mesmo durante o período favorável das duas Grandes Guerras Mundiais, preferindo aplicar estes vultosos lucros no investimento de empreendimentos imobiliários no Sul do país (Tribuzi, 2001).

Restaram as chaminés e ruínas de fábricas espalhadas pela região central e histórica de São Luís, algumas restauradas, reutilizadas e outras simplesmente abandonadas denunciando um passado em que se sonhou áureo, mas que o tempo, e as condições já explicadas que impactaram na competitividade das indústrias maranhenses, terminou por ceifa-lo. Contribuiu para isso a ineficiência do poder público local por meio da sua própria restrição de meios legais e financeiros. Similarmente, houve também indiferença do governo imperial que voltou as suas atenções para a região cafeeira e cujas políticas monetária, creditícia e cambial eram voltadas para o benefício desta região não havendo uma decisão nacional que integrasse o país, ainda mais se tratando de uma questão tão longínqua do centro do Império como o Maranhão (Tribuzi, 2001, p. 61).

E assim se encerram as atividades produtivas de forma melancólica e trágica na Fábrica de Tecidos Rio Anil, que outrora surgira como símbolo de um futuro prospero e ilusório criado pelas elites para uma cidade que pretendia lançar-se nos trilhos da modernidade. Além de seu impacto econômico, a Fábrica Rio Anil também teve um impacto social na cidade, gerou empregos para milhares de pessoas, acelerou o processo de urbanização da localidade em que se instalou além de contribuir para o desenvolvimento da região.

Corre como sendo verdadeira a fantástica história segundo a qual, mesmo após haver encerrado definitivamente, as suas atividades, e até que todos os velhos teares fossem vendidos como sucatas, quem à noite passasse perto do grande edifício ouviria o matraquear dos teares como se mãos sobrenaturais os operassem (Itapary, 1995, p. 124).

A comunidade da Vila Anil após seis décadas de funcionamento da fábrica de tecidos viu o último tear parar de funcionar. Ficaram as lembranças em memórias narradas (os causos, as lendas, os fatos históricos) daqueles que de alguma forma vivenciaram os ciclos deste importante monumento histórico.

A lenda conta, ainda que pelos salões das diversas seções da fábrica, altas horas das noites de serão era frequentemente vista a figura de Henry Airlie, de calça preta e camisa branca, boné escuro sobre os cabelos claros, a barba branca, a passear tranquilamente entre os maquinários, como a supervisionar o funcionamento da empresa que idealizara e montara (Itapary, 1995. p. 124-125).

Figura 5 – Prédio da antiga fábrica têxtil Rio Anil



Fonte: Cunha (2008)

Halbwachs (2006) destaca que a memória é intrinsecamente ligada ao espaço social em que é construída. No caso da Fábrica Têxtil Rio Anil, o espaço físico da fábrica e seu entorno, sobretudo o bairro que recebe seu nome, o Anil, desempenharam um papel crucial na formação das lembranças e na identidade dos trabalhadores. O apito da fábrica, os alojamentos dos operários, as ruas do bairro operário - todos esses elementos contribuíram para a criação de uma memória coletiva que está profundamente enraizada no espaço urbano. Essa conexão entre memória e espaço é essencial para entender o impacto duradouro da fábrica na vida dos comunitários locais.

Ribeiro Filho (1994), em sua obra “Pesquisa e entrevistas: Documentário Vila do Anil, Fábrica do Rio Anil”, contribui conosco ao compartilhar relatos auto biográficos preciosos das lembranças de sua mãe, Dona Máxima Diniz Ribeiro (antiga moradora do Anil e ex-operária da Fábrica de Tecidos Rio Anil).

Quantos de nós não temos a honra de dizer aos nossos filhos, eu fui um operário daquela fábrica que vocês sempre passam perto dela; ali eu comecei a trabalhar para ajudar meus pais e depois a nossa família. Daqui da nossa casa, eu ouvia o seu apito e me apressava porquê daqui a pouco era a vez do fial, hoje são só lembranças de uma fábrica que era a vida deste bairro.

A minha mãe sempre repete a todos nós: lá eu conheci o pai de vocês, foi realmente através desta fábrica, nós cruzamos os mesmos caminhos e fizemos a nossa família. (Filho, 1994, p. 7)

As memórias de Dona Máxima, cuidadosamente registradas por Filho, transcendem a mera nostalgia. Elas tecem um rico panorama das relações sociais, dos valores e da identidade construída em torno do Rio Anil. A fábrica não era apenas um local de trabalho, mas sim um espaço de encontro, aprendizado e formação de laços afetivos.

O orgulho de ter sido operária da Rio Anil, transmitido de geração em geração, demonstra o papel fundamental da fábrica na construção da identidade local. A frase “eu fui um operário daquela fábrica” torna-se uma espécie de emblema de identidade, honra e resistência, perpetuando a memória de um tempo em que o trabalho manual era a base da sustentação familiar e do desenvolvimento da comunidade.

A passagem aqui retratada carrega uma riqueza simbólica pelo fato de ter sido operário (a) da fábrica, contribuindo para o sustento da família e para o desenvolvimento da comunidade. O trabalho manual, muitas vezes árduo e repetitivo, era visto como algo nobre e digno, pois permitia a construção de uma vida melhor para si e para os seus.

Seu Raimundo Ascensão, aos 65 anos, personifica o simbolismo que permeia as três instituições aqui estudadas. Foi morador do bairro Anil por mais de quatro décadas, destas, três dedicadas a serviços prestados ao CINTRA, ele recentemente se aposentou da instituição já na fase do IEMA. Além disso, seus pais foram trabalhadores da fábrica têxtil, suas duas filhas foram estudantes do CINTRA, e uma neta se formou no IEMA Rio Anil em 2023. A trajetória de vida de Seu Raimundo ilustra as múltiplas conexões familiares e comunitárias que se entrelaçam com sua história pessoal e profissional.

Em entrevista para este estudo, o mesmo relata que lembrar a época da existência da fábrica lhe traz muitas saudades.

Meus pais trabalharam na fábrica. O meu pai e minha mãe trabalharam aqui. Minha mãe, por exemplo, trabalhava na tecelagem, e meu pai trabalhava na parte da contabilidade, ou seja, ele que fazia os pagamentos dos funcionários aqui. E, me deixa com muita saudade porque, praticamente toda minha família foi criada a partir deste emprego da Fábrica de Tecelagem do Rio Anil, com isso, me dá muita saudade de lembrar o que foi a antiga Fábrica de Tecidos do Rio Anil, ou seja, a antiga fábrica de tecelagens (Ascensão, 2023).

Num dos trechos do diálogo estabelecido no dia vinte e três de setembro de 2023, nas dependências do Iema Rio Anil, ele se emociona ao rememorar e compartilhar algumas lembranças, mas antes fez questão de mencionar como as que seguem no trecho:

Me deixa com muita saudade porque praticamente a minha família foi criada todas através desse emprego daqui da fábrica de tecelagem, ou seja, a Fábrica do Rio Anil. Então, com isso, me dá muita saudade de lembrar o passado, que tinha poços aqui, que a gente banhava nos poços, os próprios brinquedos que eram feitos daqui, ou seja, aqueles carrinhos de linha que eram feitos, já feitos, os brinquedos para nós (Ascensão, 2023).

Quando perguntado sobre o que sabia sobre a influência da fabril na vida dos comunitários do Anil ele respondeu da seguinte forma:

Um crescimento muito para o Anil, essa fábrica. Inclusive, teve várias obras aqui, ou seja, no Anil tinha subprefeitura, tinha bancos, tinha os

supermercados como o funcionamento dessa fábrica. Inclusive, tinha porto aqui que todo material que vinha de fora, ou seja, da própria Inglaterra, da própria França, que praticamente o maquinário era exportado, vinha todos através do porto que eles tinham aqui no Anil, hoje fica inclusive aqui perto da fábrica, onde chamam a ponte do Anil, era justamente onde era o porto do Rio Anil. Aqui era bem movimentado, então lá foi fundada a Rua do Porto, que hoje é uma rua, realmente hoje já não existe nem mais o Porto (Ascensão, 2023).

O depoimento de Seu Raimundo é um valioso testemunho da memória e da identidade entrelaçadas como os fios de tecidos usados na Fábrica Têxtil Rio Anil. Através de suas palavras, podemos compreender o impacto profundo que a fábrica teve na vida de sua família e na comunidade como um todo.

Em dado momento do diálogo, o comunitário (Raimundo) reforça a relação que a comunidade do Anil estabelecia com a Rio Anil. Na passagem “praticamente toda minha família foi criada a partir deste emprego da Fábrica de Tecelagem do Rio Anil” (Ascensão, 2023) evidencia o papel crucial da fábrica na formação da comunidade local. A Rio Anil não apenas gerava renda e oportunidades de trabalho, mas também servia como um espaço de socialização e construção de laços afetivos.

Através do trabalho na fábrica, famílias como a de Seu Raimundo construíram suas casas, criaram seus filhos e formaram uma comunidade coesa e unida. A fábrica era o centro da vida social, onde as pessoas se encontravam, compartilhavam histórias e construíam um senso de pertencimento. Esse depoimento ilustra como a memória coletiva e a identidade de uma comunidade podem ser influenciados por uma instituição central como a fábrica.

Segundo Halbwachs (2006), a memória coletiva está intrinsecamente ligada aos ambientes sociais nos quais as interações ocorrem, de certo a fábrica atuava como um ponto de convergência dessas interações, tanto dentro de suas instalações, assim como para o meio externo.

Os lugares aqui citados pelos entrevistados são espaços onde as memórias são compartilhadas e reconstruídas socialmente, tornando-se fundamentais para a consolidação da identidade coletiva. Assim, a Fábrica Têxtil Rio Anil funcionava como um espaço onde os trabalhadores não apenas desempenhavam suas funções laborais, mas também construíam suas vidas sociais e familiares.

A memória da Rio Anil vai além de meras lembranças do passado. Ela se configura como um pilar fundamental da identidade da comunidade até os dias atuais, moldando valores, influenciando costumes e o próprio senso de pertencimento dos moradores. A fábrica não era apenas um local de trabalho, mas sim um espaço de vida, onde se ‘costuravam’ histórias, sonhos e esperanças.

Os relatos do Seu Francisco Carramilo (ex funcionário da Rio Anil) endossam a importância que a fábrica teve nas vidas dos comunitários do Anil e adjacências. Em depoimento ao pesquisador Jean Carlos Louzeiro (2020), o sr. Carramilo afirma que:

Essa Fábrica representou muita coisa, pois se não fosse ela eu não tinha me aposentado, não estava recebendo esse trocadinho que recebo hoje. Para mim, o mais importante eu encontrei: um apoio para viver, pois depois que ela fechou pronto, todo mundo procurou se virar de outro jeito; como vivia trabalhando doente, eu me encostei, depois me aposentei, foi bom, foi importante (Carramilo, 2020).

Figura 6 – Carteira de trabalho do sr. Carramilo



Fonte: Santos (2020)

Na Rio Anil, o trabalho manual era a base da sustentação familiar de muitos moradores do bairro Anil. Os operários, homens e mulheres, dedicavam longas horas de trabalho para garantir o sustento de seus lares. Era um trabalho árduo, mas também um trabalho que gerava orgulho e satisfação. Através do seu suor, os operários contribuíram para o desenvolvimento da comunidade, movimentando a economia local e gerando renda para o bairro.

Pollak (1989) concebe a memória coletiva como um processo dinâmico, no qual as lembranças individuais são compartilhadas e reconstruídas socialmente. No contexto da Fábrica Têxtil Rio Anil, as narrativas dos trabalhadores e de suas famílias desempenham um papel fundamental na construção dessa memória coletiva. As histórias sobre as condições de trabalho, os desafios enfrentados no chão fabril e os momentos de solidariedade ocorridos durante a

rotina contribuem para a formação de narrativas compartilhadas que constroem a história da fábrica face à identidade da comunidade local.

O conceito de memória de Pollak (1989) sustenta os relatos ao afirmar que tais recordações fazem parte das lembranças de outros comunitários que viveram este espaço, e que hoje são memórias repassadas aos filhos e netos. O apito da fábrica, a entrada e saída dos funcionários, as ruas do bairro operário - todos esses elementos contribuíram para a criação de uma memória coletiva que está profundamente enraizada no espaço urbano.

Essa conexão é essencial para entender o impacto duradouro da fábrica na vida dos habitantes locais. Halbwachs (2006) sugere que os lugares onde vivemos e trabalhamos servem como ancoradouros para nossas memórias. No caso da Rio Anil, cada aspecto do espaço fabril - desde a entrada da fábrica até as máquinas de tecelagem - estava impregnado de significados e lembranças para os trabalhadores.

A exemplo do que contam Dona Máxima e Seu Cristino sobre o momento do ‘fial’, quando o apito da fábrica era ouvido para além do bairro Anil, ecoando o som para os bairros circunvizinhos, determinando horários que variavam entre a entrada, hora do almoço e saída dos funcionários. Seguem alguns registros que ilustram este momento. “Daqui da nossa casa, eu ouvia o seu apito e de apressava porquê daqui a pouco era a vez do fial, hoje são só lembranças de uma fábrica que era a vida deste bairro” (Ribeiro Filho, 1994)¹.

“Chegava o fial, daqui a meia hora o pessoal que morava aqui perto tinha que estar lá no trabalho. Fala o pessoal que a zoadada escutava até no Turu, ali no Turu” (José Cristino)².

Outro fato lembrado por dois dos nossos entrevistados, e que de forma recorrente é mencionado até os dias atuais por outros moradores do bairro Anil é sobre o acidente que vitimou quatro operários devido ao estouro de uma das caldeiras, em março de 1959. Esta ocorrência é mencionada por Itapary (1995, p. 119) da seguinte forma:

O oxidado ventre da caldeira, com mais de meio século de operação, explodira. Das suas entranhas, água fervente e estilhaços de ferro quente espalharam morte e terror. Espessas paredes de pedra se fenderam, telhas e janelas, espedaçadas voaram para longe e a água quente, propelida violentamente através das aberturas da fachada sul, cozinhou a vegetação da galeria do tranquilo Rio Anil.

Fato que também foi rememorado e relatado tanto por Seu Raimundo Ascensão, quanto por Seu Cristino, cada um com sua lente e percepção.

Raimundo descreve da seguinte maneira:

¹ Depoimento de Dona Máxima ao pesquisador.

² Em depoimento para o projeto “Do tecer dos fios ao tecer dos saberes: Memória e Patrimônio no Iema Rio Anil, 2022”.

Segundo alguns estudos, relatos de moradores também. Parece que teve alguns acidentes aqui na fábrica. É, foi relatado mesmo isso, que teve um acidente aqui na fábrica, um acidente muito grave. E, graças a Deus, que meu pai e minha mãe não estavam presente nesse momento, foi o caso da explosão das caldeiras que tiveram. E foi uma explosão muito triste. Muitos morreram, realmente. Então, com isso, esse acidente que teve aqui foi também uma das causas de encerrar a fábrica do Rio. (Ascensão, 2023)

Por sua vez Cristino (2023) nos relata que:

Posso falar da data que ela explodiu a caldeira? Foi no dia 19 de março, se eu lembro que eu tinha 13 anos, 19 de março de 1959. Ela explodiu a caldeira do outro lado, onde é que ela chama, né? Não lembro bem se foram três ou quatro pessoas. A explosão foi tanta que as tampas da caldeira foram bater lá no rio, perto das águas. Por causa da pressão da caldeira. Ela explodiu e matou umas três ou quatro pessoas. E daí pra cá ela não funcionou mais.

Lembranças como a de Dona Máxima, Raimundo Ascensão, José Cristino e José Carramilo nos auxiliam a entender melhor como a memória e o espaço se interconectam e se perpetuam nas vidas de quem trabalhou na fábrica, de quem viveu no bairro, ou simplesmente ouviu de parentes e familiares narrativas que ilustram o impacto que esta instituição teve em suas vidas. Esses espaços físicos facilitavam a construção e a perpetuação das memórias coletivas, contribuindo para a identidade do bairro do Anil.

A análise das narrativas dos ex trabalhadores da Fábrica Têxtil Rio Anil, dos seus familiares e comunitários à luz das obras de Halbwachs e Pollak, nos permite compreender a profunda relação entre as vivências fabris e a construção da identidade social da comunidade do Anil.

As memórias compartilhadas por estes atores sociais, permeadas por emoções e significados, servem como recursos simbólicos (e até pedagógicos) necessários para compreender o passado, lidar com o presente e olhar para possibilidades melhores de um futuro que não prescindia da importância das lembranças de seus antepassados.

3 ECOS DA SIRENE NO RIO ANIL

3.1 “A ‘fábrica de sonhos’ no bairro do Anil a partir dos anos 1990”

Na década de 90 (século XX), o Maranhão enfrentava significativa crise econômica e social. Fatores como a má distribuição de renda, infraestrutura precária e problemas de ordem política contribuíram para agravar tal situação. A economia maranhense encontrava-se em crise com altos índices de desemprego e pobreza. De acordo com Pereira (1997), o Maranhão se encontrava neste cenário adverso devido a um conjunto de fatores onde destacamos, sobretudo, um modelo estatal ineficiente e de políticas econômicas equivocadas. O referido autor defendia a necessidade de reformas estruturais para reverter essa situação, propondo um novo papel para o Estado na economia e na sociedade brasileira.

Após um passado industrial cada vez mais distante, decorridas mais de três décadas após o fechamento da fábrica de tecidos, o bairro do Anil (assim como vários bairros da periferia da capital maranhense), no início da década de 1990 sofria com falta de infraestrutura adequada: saneamento, crescentes índices de violência, urbanização precária, ausência de áreas de lazer, entre outros fatores que influenciavam (e ainda hoje são presentes) diretamente na qualidade de vida de seus moradores.

O CINTRA surge nesse contexto de adversidades, trazendo consigo a aurora de expectativas e anseios da comunidade anilense (e de moradores dos bairros adjacentes), através da instalação de uma escola de referência em ensino público de qualidade. Propõe um reencontro histórico de um passado idílico a partir da instalação da fábrica têxtil, com um futuro promissor materializado na chamada “fábrica de saberes”, depois sendo conhecida popularmente como a “fábrica de sonhos”.

O ex senador Edinho Lobão, em entrevista, relembra com empolgação e entusiasmo como foi o processo de transformação das ruínas da fábrica para uma escola de referência. Sobre os anos entre as fases de reforma e entrega da instituição para a comunidade, ele compartilha as seguintes memórias:

Tesouro arquitetônico histórico mesmo da nossa cidade. Contratamos um especialista em restauração e que comece a fazer um projeto realmente diferenciado.

Foi demandado muitos meses de dedicação, de estudo, de aprofundamento dentro daquela área para que aquilo se tornasse o que se tornou. O objetivo de governo personificado pela secretária Nice Lobão. O objetivo era criar uma escola que fosse referência no Brasil, no Norte, Nordeste. Mas também em todo o Brasil. Era um monumento de escola com uma qualidade de ensino inigualável, nem as escolas particulares de São Luís se igualavam à qualidade

de ensino feita dentro do CINTRA. O CINTRA foi referência, realmente, como era. O nosso projeto, ao longo de todo o nosso governo, foi referência na era da educação em todo o Brasil (Lobão, 2023).

Figura 7 – Fachada do CINTRA



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Na edição de fevereiro de 1994, o jornal O Estado do Maranhão dedicou um extenso editorial intitulado 'Caderno Especial', composto por doze páginas, para relatar a transformação do prédio da antiga fábrica em uma moderna instituição escolar. Essa iniciativa não apenas refletia a visão de progresso defendida pelo então governador do Estado, Edison Lobão, mas também atendia às necessidades prementes de uma comunidade ávida por um modelo educacional abrangente, capaz de oferecer desde os estágios iniciais de educação até a formação profissionalizante. Um dos trechos emblemáticos desse caderno especial ilustra essa abordagem:

“A hora e a vez da educação fazer história”

O resgate do patrimônio histórico é imprescindível. Além desse resgate, o Centro Integrado do Rio Anil, unidade operativa da Fundação Nice Lobão, como proposta pedagógica, encerra a grande responsabilidade de dar novos rumos à educação básica e ao processo de instrução e capacitação da mão-de-obra. O CINTRA é o primeiro de uma série de Centros que se propõem a reestudar e recuperar a qualidade do ensino, abrindo espaço para que os nossos jovens, na faixa economicamente ativa, tenham acesso à formação e capacitação tecnológica, com reflexo direto no aumento da renda familiar. Os que se integrarem a esse empreendimento, direta ou indiretamente, estarão tornando suas famílias intensamente participativas e atuantes na comunidade, criando-se com isso novas e viáveis alternativas para a ascensão social e econômica de milhares de maranhenses obstruídos pela carência de melhores oportunidades profissionais (A hora [...], 1994, p. 6).

Na época, aos 17 anos, recém-saído do Ensino Médio, eu observava com atenção o entusiasmo evidente na mídia local, seja nos jornais impressos ou nos programas televisivos, em relação à inauguração daquela que prometia ser uma escola grandiosa. O evento era tratado com grande pompa, sendo frequentemente destacado na programação televisiva local através de propagandas patrocinadas pelo governo estadual da época. Esses anúncios mostravam um ambiente escolar e social dotado de uma estrutura pedagógica e de serviços que até então era inédita em escolas públicas.

Martins (2019) em tese de doutorado intitulada “AS REPERCUSSÕES DO ENEM NO CURRÍCULO DO ENSINO MÉDIO DAS ESCOLAS ESTADUAIS NO MARANHÃO: o caso do CINTRA”, faz alusão a este momento de surgimento do CINTRA destacando que

No imaginário local, constituiu-se escola modelo, conforme o discurso oficial, da SEDUC/MA à época que apresentou a instituição com a proposta de preparar o alunado, instrumentalizando-o para o domínio do conhecimento tecnológico, necessário ao processo de desenvolvimento econômico e social local. Assim, representou o espaço para possibilidades de melhoria do nível de vida dessa população, fomentando o ingresso no mercado de trabalho, a partir da educação formal complementada pelas oficinas profissionalizantes. (Martins, 2019, p. 116-117).

Na página sete do editorial do referido jornal, o Estado do Maranhão, a manchete destacava em letras garrafais a seguinte chamada: “O RENASCIMENTO DE UM MARCO”. O texto redigido pelo escritor Joaquim Itapary (descrevia em empolgantes linhas os esforços do governador Edison Lobão e sua esposa Nice Lobão, respectivamente Governador e Secretária de Estado), voltados para retomada da imponente arquitetura outrora com estrutura e contornos arquitetônicos destinados a cumprir sua função primária, a de ser uma das mais importantes fábricas têxteis do estado do Maranhão, agora readaptada e pronta para atender a população do bairro Anil, e por conseguinte a comunidade da cidade de São Luís, como uma escola-referência.

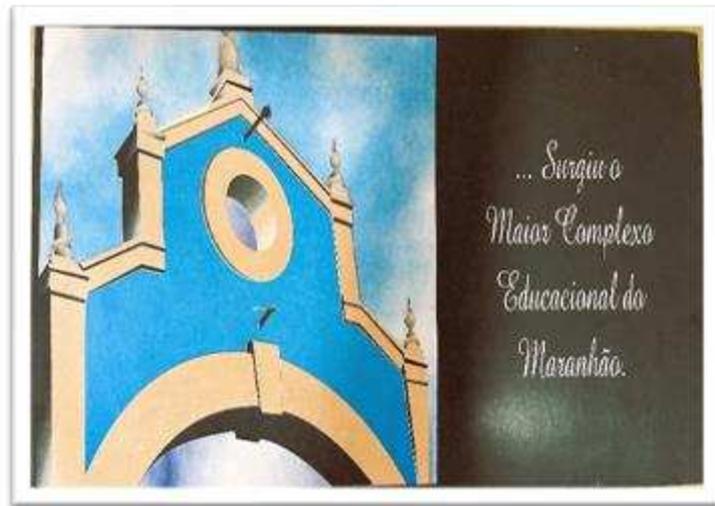
A matéria jornalística dispunha exultantes linhas em alusão ao “resgate de um passado de glórias” relacionado ao papel histórico da fábrica no cenário econômico local na transição da economia entre os séculos XIX e XX, e sobretudo ao impacto na reconfiguração urbanística e socioeconômica da região onde foi instalada, agora com missão de se tornar a “fábrica de sonhos” para os cidadãos ludovicenses.

O CINTRA começa resgatando toda a beleza e originalidade do conjunto arquitetônico da antiga fábrica de Fiação e Tecidos do Rio Anil devolvendo a população a alegria de novos tons onde imperavam a palidez e o abandono do amarelo surgirá a força e a prosperidade azul anil, abrindo assim novamente as largas portas da Centenária Fábrica, fechada há 32 anos, para atribuir-lhe nova

e elevada missão, a de congregar a vida e o interesse de milhares de famílias (Itapary, 1994, p. 7).

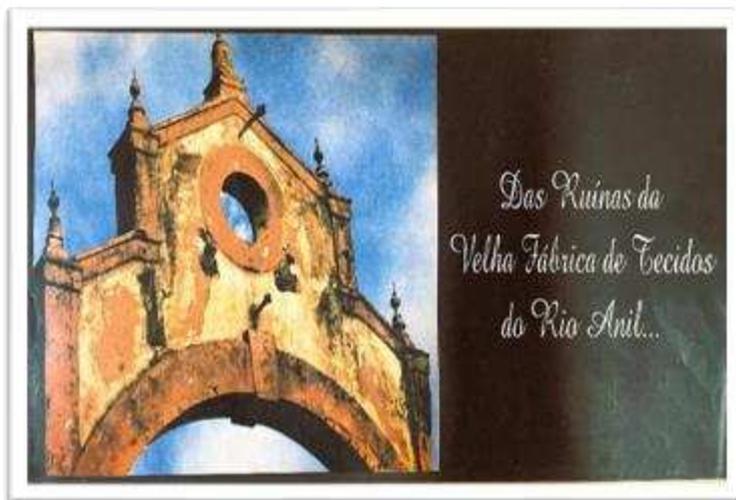
A abordagem do popular periódico fazia parte de um conjunto de iniciativas de divulgações sobre a inauguração daquela que seria uma das maiores e mais importantes instituições educacionais e sociais do Maranhão nos anos vindouros. Além dos jornais impressos, a propaganda do Centro Integrado Rio Anil, CINTRA, também figurava nos intervalos dos programas televisivos nos anos 90, despertando na comunidade ludovicense, e sobretudo os moradores do Anil, uma catarse no imaginário dos moradores, seguida de curiosidades e expectativas sobre o padrão de atendimento que se propunha enquanto instituição de referência.

Figura 8 – Arquivo pessoal do autor-Encarte promocional do Cintra 1, 1994



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 9 – Arquivo pessoal do autor-Encarte promocional do Cintra 2, 1994



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Num dos encartes das propagandas institucionais divulgadas à comunidade, o conteúdo continha informações sobre o CINTRA com dados sobre os serviços ofertados. Além disso, era ilustrado por textos que aludiam ao passado histórico da fábrica, agora repaginado num monumento arquitetônico reformado para atender a comunidade. A peça publicitária servia como uma espécie de convite destinado a comunidade ludovicense, sobretudo do Anil e bairros vizinhos.

Um dos textos trazia a seguinte passagem:

Os que se integrarem a esse empreendimento, direta ou indiretamente, estarão tornando suas famílias intensamente participativas e atuantes na comunidade, criando-se com isso novas e viáveis alternativas para a ascensão social e econômica de milhares de maranhenses obstruídos pela carência de melhores oportunidades profissionais. (SECOM; SEDESC, 1993)

O processo de revitalização do antigo prédio da fábrica de tecidos para uma instituição educacional durou cerca de dois anos, e logo se destacou por se tornar um dos maiores processos de adaptação arquitetônica já realizados por um órgão público. As obras ocorreram no período entre os anos de 1991 a 1993, durando cerca de 18 meses. Os órgãos governamentais que estiveram à frente da empreitada foram a Secretaria de Infraestrutura do Maranhão- SINFRA, a Secretaria de Estado da Educação- SEDUC e a Secretaria de Desenvolvimento Social e Comunitário- SEDESC presidida pela primeira dama Nice Lobão.

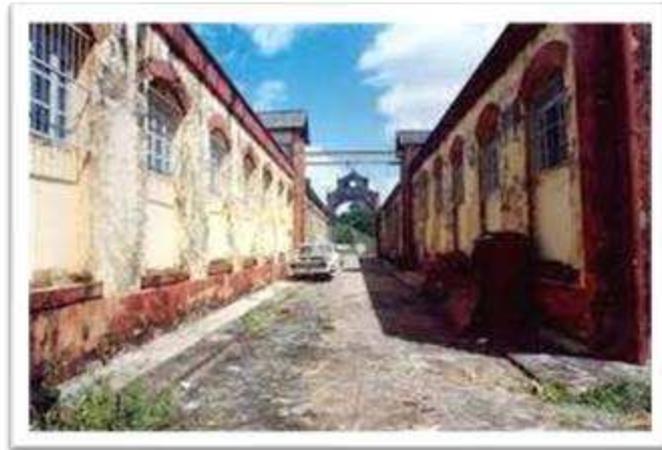
O CINTRA fazia parte das grandes obras do plano de gestão do governador Edison Lobão, que junto da sua esposa, idealizara o ambicioso (e inusitado) projeto educacional, que ao mesmo tempo propunha o resgate do patrimônio histórico aliado a oferta de educação profissionalizante e serviços básicos para a comunidade, o propósito era atender 4.500 estudantes através da oferta de educação integral.

Figura 10 – Arquivo pessoal do autor. Ruínas da antiga fábrica



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 11 – Arquivo pessoal do autor. Ruínas da antiga fábrica



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

A reforma das ruínas da antiga fábrica ocorreu numa área com terreno de 24 mil metros quadrados, envolvendo o vultoso número de 550 trabalhadores segundo reportagem do Jornal O Estado do Maranhão, de fevereiro de 1994, chegou ao pico de 700 envolvidos na construção e restauração da grandiosa obra arquitetônica com dimensões exatas de 12.558 metros.

A adaptação manteve as fachadas, os poços, bem como as chaminés do estabelecimento fabril. Os galpões foram interligados por ruas internas calçadas com as tradicionais pedras de cantaria. A altura dos galpões permitiu o projeto de mezaninos onde estão situados setores administrativos e pedagógicos das instituições. Foram criados espelhos d'água no interior dos galpões para otimizar a iluminação natural. (Martins, 2021, p. 15)

A infraestrutura do complexo educacional contava com 87 salas de aulas, 10 salas para apoio pedagógico, 02 laboratórios de biologia e química, 01 ambulatório, 01 quadra esportiva polivalente coberta, alojamentos, 01 restaurante, 1 teatro (com capacidade para 200 pessoas), 01 sala de dança, 01 biblioteca, 01 capela para atividades ecumênicas e 01 horta comunitária.

É necessário ressaltar que a grandiosidade dos números que ilustram a estrutura do surgimento do CINTRA é equivalente às pretensões de seus idealizadores, que vislumbravam a transformação da comunidade a partir do impacto social gerado pelo empreendimento. Imprescindível frisar que o processo de reforma movimentou o bairro e mexia com o imaginário da comunidade. A professora Denilza Mendes, 55 anos, morou durante 15 anos no Anil, era vizinha das instalações da antiga fábrica, e como funcionária da SEDESC acompanhou atentamente a rotina da reforma no prédio. A ex funcionária do CINTRA e atual apoio pedagógico compartilha lembranças que nos ajuda a entender o referido contexto.

Uma das lembranças que eu tenho sempre é eu passando um pouco pela frente da escola, da fábrica, cheia de mato. E eu ficava muito triste de ver que naquela fábrica já trabalharam várias pessoas, inclusive a minha avó trabalhava. E isso

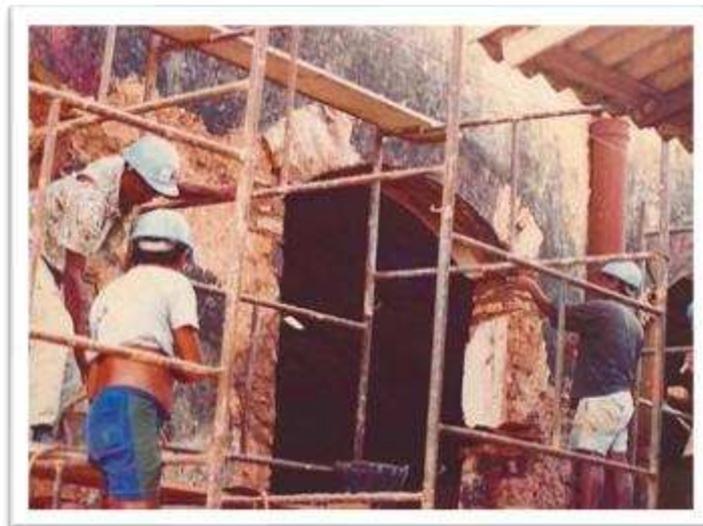
me doía muito, de ver o prédio se acabando da forma que estava. E a gente vinha aqui e olhava o pessoal ainda na construção. Ficava imaginando como seria a escola onde eles estavam construindo. O povo falava muito do que ela seria, o que ela traria para a comunidade (Mendes, 2023).

Figura 12 – Arquivo pessoal. Trabalhadores durante a reforma do prédio da antiga fábrica 1



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 13 – Arquivo pessoal. Trabalhadores durante a reforma do prédio da antiga fábrica 2



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

A professora Alexandrina Collins, 67 anos, moradora do Anil há cinco décadas, também compôs a equipe de relacionamento com a comunidade da extinta SEDESC, foi professora do CINTRA, além de ter sido Gestora Pedagógica na atual configuração institucional, o Iema Rio Anil. A referida docente mantém até hoje fortes laços de identidade com a instituição, tendo em vista que foi no CINTRA que ela iniciou sua carreira profissional

e, até os dias atuais, mesmo após sua aposentadoria, faz questão de frisar que é uma “eterna amiga da escola”. Ela nos manifesta valiosas informações sobre o período que antecede a inauguração, e o aguardo da comunidade do Anil.

Foi o governador Lobão, ele pegou o projeto, redimensionou e deu vida a isto que nós temos hoje, vivenciando aqui a nossa escola. E aí exatamente, teve toda uma história aqui no bairro, o lançamento da pedra fundamental, o anúncio de aproveitamento aqui do prédio, E aí, uma construção que chamou a atenção, com muitos trabalhadores aqui, um movimento muito grande no bairro do Anil. Quando eu digo inauguramos, porque a comunidade teve uma participação ativa no primeiro planejamento de funcionamento da escola. A logística de funcionamento foi levada a toda a comunidade do entorno da escola, tendo em vista que a proposta da escola era atender o anil e a área de abrangência do anil. (Collins, 2023)

Para tanto, a imprensa jornalística destacava o engajamento pessoal da então Primeira Dama do Estado, Dona Nice Lobão, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Comunitário e do Trabalho, na execução do projeto, que resultou na criação de uma das principais entidades mantenedoras do CINTRA: a Fundação Nice Lobão.

Figura 14 – (Arquivo fotográfico do CINTRA)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 15 – Jornal O Estado do Maranhão 18 de fevereiro de 1004



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

A procura por vagas no CINTRA foi tão intensa que gerou tumultos na comunidade, evidenciando a carência e a necessidade urgente de novos aparelhos educacionais e de desenvolvimento social. Isso ilustra a relevância do CINTRA, que desde sua inauguração tem sido um catalisador para a transformação do bairro do Anil. A abordagem pedagógica inovadora e abrangente, que incluía todos os níveis de ensino, da pré-escola ao ensino médio, respondia diretamente às demandas locais por uma educação de qualidade.

Segundo relatos da professora Denilza, a comunidade acompanhava todo o processo das obras da reforma predial, e esperavam ansiosos pelo início das matrículas. Sobre esse momento ela relata que:

Era uma expectativa muito grande de toda a comunidade, de parentes meus, inclusive. Saber que a fábrica ia se transformar numa escola, e como seria. Tanto que, quando começaram as matrículas, nós fomos chamadas todas para fazer. Era muita gente, era muita fila. E a gente ficava até oito, nove horas da noite fazendo matrícula. (Mendes, 2023)

Tamanha euforia foi retratada pelos jornais *O Imparcial*, o *Jornal Pequeno* e *O Estado do Maranhão* no decorrer do mês de fevereiro de 1994, as vésperas do início das atividades pedagógicas. Destacavam em suas capas e páginas internas a jornada das famílias em busca de vagas para seus filhos. Na edição de 8 de janeiro de 1994, *O Imparcial* transcrevia em texto esse tenso momento para a comunidade local.

O primeiro dia de matrículas para preenchimento de 3.400 vagas dos cursos do pré-escolar, 2º Grau e profissionalizante, do Centro Integrado do Rio Anil (Cintra), foi tumultuado e cansativo para cerca de 3 mil pessoas, que se

digladiavam do lado de fora do empreendimento na tentativa de não perder o lugar. Depois de uma noite mal dormida, pais alunos, que tentam fugir das altas mensalidades escolares cobradas pela rede de ensino particular, reclamavam da falta de organização das filas, que se duplicavam por todos os lados. (Jornal *O Imparcial*, 1994, Editorial Cidade, p. 1)

Figura 16 – (Jornal *O Imparcial* 08 de janeiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 17 – (Jornal *O Estado do Maranhão*, 06 de janeiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

A professora Aline Santos, 28 anos, é ex moradora do Cruzeiro do Anil (bairro vizinho do Anil), e ex estudante do CINTRA. A docente trabalha há 4 anos no Iema Rio Anil, em entrevista para esta investigação compartilhou lembranças sobre esse período.

Pra entrar era uma providência. Mesmo pequenininha, eu tinha, acho que meus 6 anos de idade. Eu precisava fazer uma prova, eu era tão pequenininha que eles me colocavam no balcão assim. E todo mundo parava pra olhar no jornal, a gente olhava no jornal, quem tinha passado no Cintra. E aí era uma felicidade gigantesca. Aí eu lembro que minha mãe falou pra mim assim, minha mãe já é falecida. “Meu Deus, meu filho, tu passou, tu vai estudar no Cintra!” E aí, foi uma felicidade muito grande, aí eu comecei a estudar aqui desde o primeiro ano, passei a Fundamental Menor, Fundamental Maior e o Ensino Médio hoje em dia. (Santos, 2023)

Figura 18 – (Jornal O Imparcial, 09 de janeiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 19 – (Jornal O imparcial, 08 de janeiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

O que justifica tamanha adesão da comunidade deve-se, em grande parte, ao legado deixado pela Fábrica Têxtil Rio Anil. Durante muitos anos, a fábrica não representou apenas o lugar de sustento, mas também atuou como um espaço de socialização e construção de identidades para a comunidade local. A partir do encerramento das atividades fabris surgiu um vácuo socioeconômico e cultural que o CINTRA simbolicamente passou a materializar. Outro fator que deve ser considerado, diz respeito a crise econômica que assolava o país no início dos anos noventa, muitas famílias perderam poder de renda, vendo na proposta defendida pela recém-criada escola uma possibilidade de acesso à educação de qualidade para seus filhos.

A professora Portela transcreve com exaltação e saudosismo a participação e envolvimento da comunidade nos projetos desenvolvidos pela escola, destacando que:

Eram atividades gigantescas, porque elas não ficavam dentro da escola, elas ultrapassavam o muro da escola, envolvia, parava a rua, era mantido contato com a questão do DETRAN, eu acho que era DETRAN, que eles sinalizavam, deixavam à vontade a área, especificamente para aquele momento não tinha nenhuma preocupação um acidente de carro, porque tudo era protegido, é marcado, é limitado (Portela, 2023).

Além disso, o impacto positivo do CINTRA na comunidade pode ser explicado pela sua proposta de inovação educacional. O centro foi projetado para atender às necessidades contemporâneas dos moradores, oferecendo uma educação de qualidade e programas voltados para a formação profissional e cidadã. Não obstante, a escola se destacava em eventos

esportivos, além de propiciar para os anilenses a participação em atividades por meio do acesso à cultura e desporto.

A “escola do futuro”, “o laboratório de experiências educativas”, a “fábrica de sonhos”, entre outros predicativos usados para designar a instituição escolar CINTRA, eram comumente empregados nos discursos dos seus idealizadores, mas também serviam como chamariz nas manchetes da imprensa local nos meses que antecederam sua inauguração. Logo tais adjetivos também fariam parte do repertório do vocabulário da comunidade escolar, construindo simbologias e identidades no decorrer dos anos vindouros.

A inauguração do CINTRA ocorreu no dia 21 de fevereiro de 1994, com um grande evento para a comunidade, que compareceu em massa para prestigiar a entrega do importante equipamento pedagógico. Marcou um momento crucial na história da população maranhense, representando um verdadeiro divisor de águas. O evento contou com a presença do Governador do estado, Edison Lobão, da primeira dama Nice Lobão, além de diversas personalidades políticas locais e nacionais, com destaque para a presença do Secretário da Educação, Murílio de Avellar Hingel.

É relevante mencionar que parte da imprensa de São Luís dedicou várias páginas para ilustrar esse importante momento da história do Maranhão. Nos meses que antecederam a apresentação e entrega das instalações do CINTRA, o evento foi destaque em reportagens dos principais jornais da cidade, como o Jornal Pequeno, O Imparcial e O Estado do Maranhão. Além disso, fez parte da programação televisiva da época, com matérias alusivas à solenidade ocorrida no bairro Anil. Os referidos veículos de comunicação enfatizaram a relevância do CINTRA para a comunidade e seu papel transformador na educação local.

O jornal *O Estado do Maranhão* da edição do dia 21 de fevereiro de 1994 destacou em sua capa o evento que parou o bairro do Anil e movimentou a cidade de São Luís com a seguinte chamada: “O CINTRA inaugura hoje uma nova era na educação”, onde trazia o seguinte texto:

O Maranhão ganha hoje o que poderá ficar consagrado como a mais importante obra do Governo Lobão: o Centro Integrado do Rio Anil (Cintra). Trata-se da maior escola profissionalizante da região, uma das maiores do país. O Cintra funcionará num espaço que em outros tempos simbolizou a pujança econômica do Estado: a fábrica Rio Anil. A escola abrigará milhares de crianças e adolescentes, que receberão educação especial, na qual a formação escolar e a preparação profissional se fundirão num só conceito. O ministro da Educação, Murílio Hingel, participará do ato de inauguração (*O Estado do Maranhão* da edição do dia 21 de fevereiro de 1994, capa).

O suplemento *POLÍTICA* do referido jornal um editorial inteiro para a cobertura do evento de inauguração, a chamada da matéria em questão destacava: “O governo entrega à comunidade o maior centro de ensino do Maranhão”, segue algumas passagens que ilustram a abordagem:

Lobão falou da importância da escola, lembrando que ao assumir o governo, recebeu o Estado com um déficit de matrículas da rede oficial. Em três anos de governo o número de matrículas foi triplicado. Esta mudança no quadro educacional do Maranhão se deve, segundo o governador, à atuação especial que vem sendo dada em seu governo ao segmento educação, tendo em vista a situação caótica em que se encontra o ensino em todo o país (O governo [...], 1994, p. 3).

Por sua vez o Jornal *O Imparcial*, destacou passagens da fala do então Secretário de Infraestrutura do Estado, Astrogildo Quental que em entrevista ao periódico a exaltou detalhes técnicos do projeto, exaltando o CINTRA como “a escola do futuro”, e assim descreveu alguns detalhes segundo sua visão sobre o empreendimento:

[...] como explica Astrogildo Quental (Secretário de Infraestrutura do Estado), a construção de corredores fechados e abrindo ao máximo a visão para o interior dos pavilhões. Por outro lado, a criação de jardins e aberturas internas possibilitou, ao interior da fábrica, ambientes bem iluminados e termicamente confortáveis. Na concepção do projeto os deficientes físicos também foram lembrados. Qualquer portador de deficiência física ou dificuldade de locomoção terá acesso aos mezaninos por rampas projetadas dentro de normas oficiais além de escadas (Quental, p. 5).

Diante da magnitude da proposta sócio pedagógica e, considerando o cenário de carências na prestação dos mais diversos serviços públicos para a população anilense na década de 90, o CINTRA surgiu como o maior e mais ousado empreendimento educacional do Maranhão. O discurso utilizado por seus idealizadores, no caso o então governador Edison Lobão com a primeira dama Primeira Dama do Estado, Abdenice Lobão, era de “recuperar” a qualidade do ensino, proporcionando aos jovens acesso a oportunidades de capacitação e formação tecnológicas

O CINTRA marcou um momento crucial na história da comunidade anilense, trazendo consigo uma proposta pedagógica inovadora, sendo instituída e concebida como um centro educacional e comunitário. Representou para as famílias menos abastadas economicamente novas oportunidades e um sentimento de esperança para os moradores da região, especialmente após um século do fechamento da Fábrica Têxtil Rio Anil, que havia sido um pilar econômico e social por décadas.

A importância social do Centro, propondo-se a apoiar as famílias carentes e a redirecionar os caminhos da educação em nosso Estado como um dos seus principais objetivos, é de alto alcance e justifica todo o empenho e dedicação

dos que o idealizaram e não medem esforços para vê-lo realizado. O CINTRA é nosso, para nossos filhos, nossas famílias, nossa comunidade. (SECOM; SEDESC, 1993)

Figura 20 – (Jornal O Estado do Maranhão, 21 de fevereiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 21 – (Jornal O Estado do Maranhão, 21 de fevereiro de 1994)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

O impacto significativo do CINTRA na comunidade anilense é ressaltada pela professora Heloisa Portela, 67 anos, que dedicou mais de 30 anos de sua vida profissional à instituição (e ainda está na ativa), entrelaçando sua história com a da instituição. Em entrevista,

Heloisa destacou que a proposta pedagógica do CINTRA era inovadora e ousada, vislumbrando um ensino integral que englobava todos os níveis de educação, da pré-escola ao ensino médio.

Bom, a gente faz assim uma retrospectiva no sentido de a nossa escola, a proposta pedagógica que eu sinto era uma proposta pedagógica inovadora e ousada porque ela vislumbrava o ensino integral.

E nós tivemos uma experiência com o ensino integral, vamos dizer parcialmente, porque aqui nós tínhamos todos os níveis de ensino, da pré-escola ao ensino médio. Porque nós, aqui no CINTRA, fora os projetos institucionais que eram desenvolvidos em todas as áreas, a gente tinha também os projetos turísticos. (Portela, 2023)

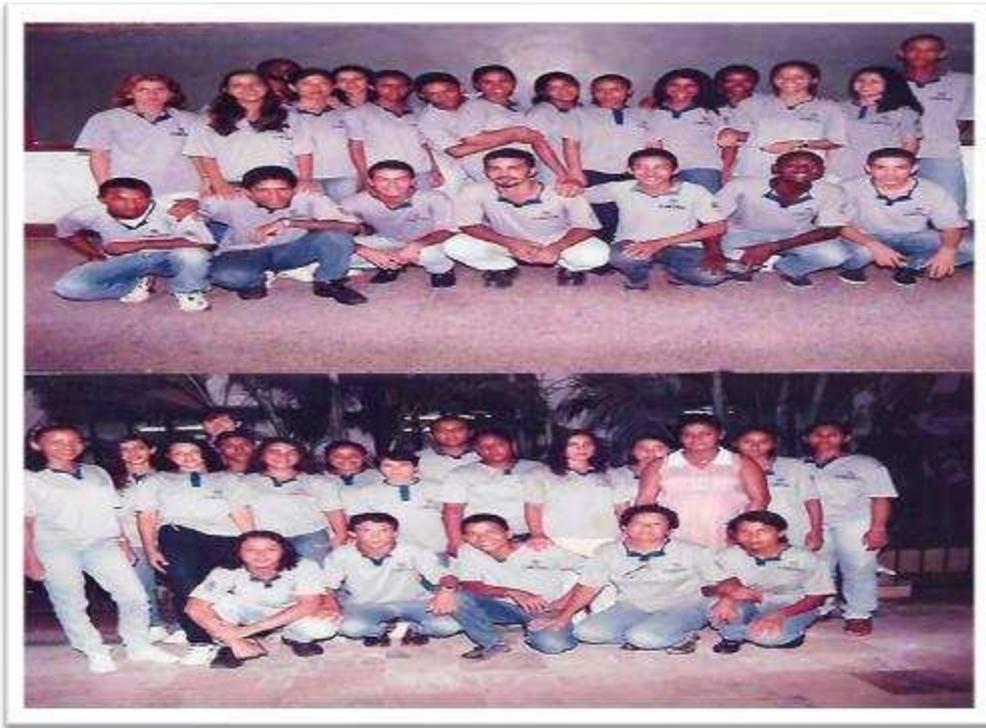
O CINTRA ofereceu uma nova perspectiva de crescimento e desenvolvimento, não apenas através da educação formal e profissionalizante, mas também por meio de atividades culturais e esportivas que reforçavam os laços sociais e promoveram o desenvolvimento da comunidade. Representou para as famílias menos abastadas novas oportunidades e um sentimento de esperança para os moradores da região, especialmente após um século do fechamento da Fábrica Têxtil Rio Anil, que havia sido um pilar econômico e social por décadas.

A professora Fátima Durans, 63 anos, fez parte do quadro de funcionários do CINTRA por 30 anos, é uma das personagens mais conhecidas nos corredores da escola por parte dos estudantes, pais e demais colegas de trabalho. Em entrevista concedida, destaca o papel de relevância social que a instituição (ainda) possui na comunidade do Anil, e por conseguinte se estende a outras localidades vizinhas. A docente contribui para esse entendimento quando relata que:

As maiores lembranças é quando a família desses alunos que nós trabalhávamos, que nós acompanhávamos eles estavam presentes nessa escola. Eles chegavam nessa escola às sete da manhã e participavam da vida dos filhos deles e só iam à tarde, à noite, para casa, onde eles participavam das oficinas da escola.

Onde essas famílias, elas eram desprovidas e onde eles participavam de oficinas e melhoraram muito a vida econômica deles a partir do momento das oficinas, cabeleireiro, porte-costura e eles também estudavam no ensino formal, onde se fazia até o supletivo. Então a melhoria dessas famílias, melhoraram muito a questão da economia da casa dessas famílias. (Durans, 2023)

Figura 22 – (Arquivo visual do Iema Rio Anil- turma de formandos nas oficinas do CINTRA)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Seu Raimundo Vale é outra personagem crucial nesta jornada de investigação científica, figura conhecida entre a comunidade escolar, s que busca compreender melhor, à luz das narrativas daqueles que vivenciaram momentos significativos na história do CINTRA. Aos 67 anos, 30 destes dedicados à instituição, ele destaca o impacto positivo do CINTRA na vida de muitos moradores do Anil e arredores. Suas memórias e experiências pessoais oferecem um valioso testemunho sobre a importância do CINTRA na promoção de desenvolvimento educacional e social na comunidade. Sobre as oficinas profissionalizantes, que eram um dos projetos exitosos da escola, ele afirma o seguinte:

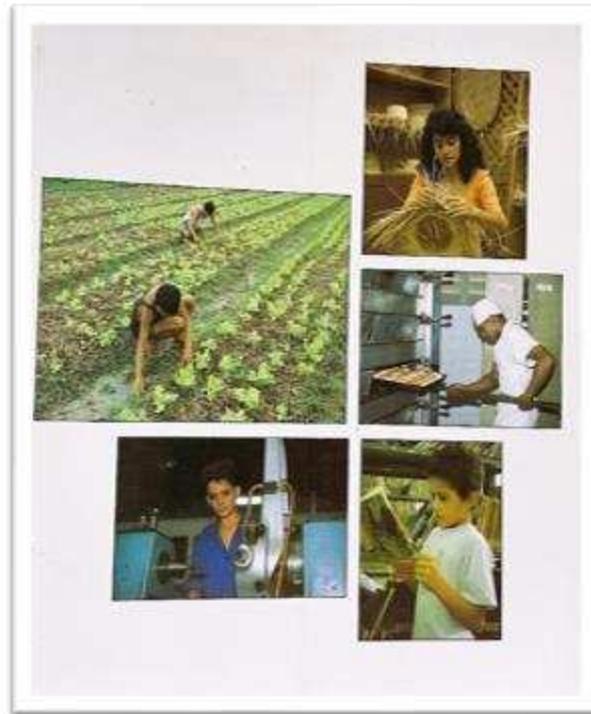
Muitos alunos estudavam aqui no turno da noite, principalmente nas oficinas. Eu conheço pessoas hoje que vivem nos cursos que fizeram aqui, em encadernação, de planificação...

Tem colegas nossos que hoje têm padarias baseadas no que fizeram aqui. Eu conheço um cidadão de São Francisco, que ele fez um curso em encadernação e ele vive hoje nessa encadernação aqui. (Vale, 2023)

O aparato pedagógico do Centro Integrado Rio Anil era composto pela seguinte estrutura pedagógica: educação formal com turmas de pré-escolar, 1º grau menor, 1º grau maior, 2º grau (educação geral/ magistério). As oficinas profissionalizantes faziam parte da proposta pedagógica da educação pelo trabalho, num total de 07 (nos anos 2000 chegaram as 12), sendo elas: agricultura, cerâmica, artes gráficas, padaria e confeitaria, computação, hotelaria e eletrônica. Ainda ofertava cursos de curta duração como: datilografia, corte e costura, manicure,

pedicure e disponibilizava para a comunidade serviços médicos, odontológicos e psicológicos. Outro destaque se refere as escolinhas esportivas destinadas aos estudantes com extensão aos moradores do Anil, num total de mais de 10 modalidades (futsal, judô, tênis de mesa, vôlei, basquete, futebol de campo, ginástica olímpica, dentre outros).

Figura 23 – Foto ilustrativa do folder informativo do CINTRA



Fonte: SEDESC; SECOM (1993, p. 1)

Figura 24 – Protocolo de instalação das oficinas profissionalizantes

The image shows a scanned document titled "PROPOSTA" from "FBB FUNDACAO BANCO DO BRASIL" dated "1994". The document is a form for the "IMPLEMENTACAO DE OFICINAS DE FORMACAO PROFISSIONALIZANTE". It contains several sections with text and lines for input, including "OBJETIVO", "JUSTIFICATIVA", and "CONSIDERACAO". There are handwritten signatures and dates at the bottom.

Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

No âmbito social o projeto ofertava o serviço de creche e a implementação de uma unidade local da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social, juntamente com um serviço ambulatorial. No contexto das atividades culturais, o cerne da proposta residia na criação de um espaço que pudesse acolher as diversas expressões socioculturais emanadas de um bairro vibrante em tempos passados. (SECOM; SEDESC, 1993, p. 9)

A professora Aline descreve a importância de ingressar no CINTRA, e fala como quão significativo era ingressar na escola e usufruir dos serviços ofertados.

Era emblemático estudar no CINTRA, para os moradores reconhecer o CINTRA como a escola que tem tudo. Porque o CINTRA tinha vários tipos de atividades que a gente podia fazer. Desde ginástica, passando por manta, passando por carpintaria, padaria, fotografia, pintura, tudo o que vocês puderem imaginar. E acolhia não só os alunos, mas acolhia toda a comunidade. Além dos estudantes da noite, que eram trabalhadores, tinha também o pessoal que vinha fazer os cursos aqui à noite, da comunidade. Então pra eles era muito importante, muito significante (Santos, 2023).

Figura 25 – (Jornal Pequeno, 28 março de 1998)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

A inédita proposta pedagógica foi rapidamente reconhecida pela comunidade como uma oportunidade única de melhoria de vida, o que explica a enorme procura por matrículas e a euforia que se seguiu à sua inauguração. Assim, o CINTRA não apenas preencheu uma lacuna deixada pela antiga fábrica, mas também se consolidou como um novo símbolo de esperança e progresso para o bairro do Anil.

A criação do CINTRA não foi apenas um projeto educacional, mas um esforço ambicioso para revitalizar e fortalecer a comunidade, oferecendo oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal e profissional, refletindo a visão de seus fundadores de um futuro melhor e mais inclusivo para todos os moradores.

Ao longo de seus 25 anos de existência, o CINTRA tornou-se um importante elemento de identidade e desenvolvimento para a comunidade do bairro Anil. Com os serviços prestados, consolidou-se como uma das escolas de referência do Maranhão. O impacto socioeconômico da instituição foi significativo devido ao grande número de profissionais formados e ao elevado índice de estudantes que ingressaram nas universidades. Além disso, a simbologia do monumento arquitetônico como referência cultural reforça ainda mais sua importância para a comunidade.

Figura 26 – (Documento da criação da Fundação Nice Lobão, instituição mantenedora do CINTRA)



Fonte: Maranhão (1993)

Alexandrina destaca importantes considerações fundamentadas em suas vivências profissionais e pessoais como residente da comunidade do Anil, reforçando a compreensão sobre a relevância social do CINTRA. Suas experiências destacam a importância da instituição não apenas na formação educacional, mas também na promoção de coesão e desenvolvimento social na comunidade.

Então, uma das melhores lembranças que eu tenho, que eu guardo, que eu ainda tenho a oportunidade de vivenciar, é quando eu encontro os estudantes daqui, que hoje são, os que foram estudantes, que hoje são profissionais, e que guardam como o CINTRA tenha sido a escola de referência na vida escolar. Então, uma das melhores lembranças foi ver o sucesso dos estudantes e atuais profissionais que tiveram a oportunidade de estudar aqui no centro, que ela se tornou uma escola de referência. (Collins, 2023)

O CINTRA, mais do que uma instituição escolar, se consolidou como um patrimônio histórico que, assim como os vitrais e o aço que sustenta sua estrutura, permanece latente entre a comunidade que o abriga, o Anil. Familiares dos ex trabalhadores da fábrica, alunos egressos, atuais e antigos professores, comunitários são impelidos por um conjunto de lembranças que

no decorrer dos anos foram compartilhadas (e vivenciadas) entre os atores sociais que se relacionaram com referido espaço.

Nesse contexto de análise, concordamos com Le Goff (1994, p. 469) quando o mesmo afirma que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”.

Na segunda década dos anos 2000, o CINTRA enfrentou momentos tensos em sua trajetória. A comunidade escolar lidava com questões internas significativas, enquanto também era afetada por problemas sociais externos, como a violência urbana, a ausência de políticas públicas assertivas, crise econômica crescente e instabilidade política.

Tais fatores influenciaram profundamente a dinâmica da instituição, e de forma gradativa culminando no desgaste da sua imagem. O ápice desse processo ocorreu durante o movimento de ocupação das escolas públicas no Brasil, em 2016, por conta dos protestos estudantis que desencadearam uma insatisfação generalizada com o estado da educação pública e as reformas propostas pelo governo do então presidente Michel Temer. Cabe dizer que o movimento era contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241/2016, pois impunha limites aos investimentos destinados à educação pelo governo federal durante 20 anos.

Seguindo essa tendência, várias escolas de São Luís aderiram às manifestações nos espaços acadêmicos. O CINTRA era reconhecido pelo forte engajamento político de seu movimento estudantil, cujas lideranças frequentemente protagonizavam momentos de participação direta na resolução de problemas relacionados à instituição.

Nesse contexto, em 8 de novembro de 2016, um grupo representativo de 35 estudantes realizou a ocupação do prédio do CINTRA, o que resultou na suspensão das aulas por quase dois meses. Essa ‘ocupação’ refletiu a insatisfação dos alunos com as políticas educacionais vigentes e sua determinação em lutar por melhorias na qualidade do ensino e nas condições de infraestrutura da escola. A ação foi parte de um movimento mais amplo que se espalhou por todo o país, demonstrando a capacidade dos estudantes de se organizarem e influenciarem as decisões políticas e administrativas, acadêmicas relacionadas à comunidade escolar.

No entanto, a ocupação tomou outros rumos durante os dias de protesto no decorrer dos dias. Segundo relatos de lideranças estudantis que participaram diretamente dos atos ocorridos no CINTRA, a falta de apoio e participação dos professores, somada aos conflitos internos entre as agremiações que estavam à frente da organização do movimento estudantil, resultou em uma série de problemas.

O conselheiro Nélio Lobato é morador do bairro do Anil, ex estudante da escola e antiga liderança estudantil da referida instituição. Segundo o entrevistado em questão, as divergências ideológicas entre os grupos envolvidos geraram tensões que culminaram na depredação e pilhagem de várias dependências do prédio por parte de alguns integrantes. Esses incidentes comprometeram a integridade do movimento, desviando o foco dos protestos e causando prejuízos materiais significativos à instituição. Na visão de Lobato, a falta de coesão e a ausência de um apoio institucional mais amplo foram fatores determinantes para o desfecho negativo da ocupação.

O CINTRA foi a primeira escola estadual do estado a ser ocupada e por conta disso gerou muitas situações, porque existia um conflito entre os dois grupos que estavam como é que se diz ocupando, que era o pessoal da UESMA (União dos estudantes secundaristas do Maranhão) e o grêmio da escola. O CINTRA foi a primeira escola estadual do estado a ser ocupada e por conta disso gerou muitas situações, porque existia um conflito entre os dois grupos que estavam como é que se diz ocupando, que era o pessoal da UESMA e o grêmio da escola.

A ocupação na escola toda acabou que gerou muito conflito por falta de responsáveis para estar lá monitorando toda a situação, que foi o caso que as outras escolas fez, os IFMAS (Institutos Federais de Educação) e o Colun (Colégio Universitário), no qual aconteceu essa questão do monitoramento para os profissionais da área da educação. Além disso, muitas invasões dentro de pessoas do bairro e do entorno do bairro aconteceram dentro da ocupação, roubaram coisas lá de dentro e no final isso acarretou muito para quem ainda estava na ocupação (Lobato, 2023).

Figura 27 – Imagem da depredação ocorrida durante a ocupação 1



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 28 – Imagem da depredação ocorrida durante a ocupação 2



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

De acordo com a abordagem do periódico online ‘Imirante.com’, do dia 9 de novembro de 2016, o fato decorreu da seguinte forma:

A ocupação pegou de surpresa funcionários e estudantes da escola, que ao chegarem ao local no início da manhã e não puderam entrar no prédio. Os estudantes contrários à ocupação e os ocupantes entraram em conflito e começaram a discutir. De dentro da escola, os representantes da Uesma explicavam o motivo do movimento. “A PEC 241 propõe o congelamento dos gastos públicos por 20 anos e o setor da educação será atingido. Se nós não lutarmos agora contra isso, no futuro teremos um sistema de ensino ainda mais precário que o atual”, argumentou Brendo Costa.

Figura 29 – Alunos em movimento de ocupação do CINTRA



Fonte: Movimentos [...] (2016)

Figura 30 – Reportagem sobre a ocupação



Fonte: Alunos [...] (2016)

O movimento de ‘ocupação’ ocorrido no CINTRA em 2016 é lembrado até hoje pelos transtornos causados à comunidade escolar e aos moradores do entorno. Além dos prejuízos materiais devido à depredação do patrimônio, houve o comprometimento do calendário acadêmico em razão da suspensão das aulas. Casos de violência cometidos por alguns envolvidos foram relatados, especialmente por pessoas externas que se aproveitaram da ocasião para se infiltrar na organização, como assinalou o ex-estudante Nélio Lobato. O portal online Imirante.com noticiou, em sua página de 21 de novembro de 2016, os diversos incidentes e conflitos que marcaram o período, evidenciando a gravidade dos acontecimentos e seus impactos na instituição.

SÃO LUÍS - A Defensoria Pública do Estado do Maranhão, a Defensoria Pública da União e Ordem dos Advogados do Maranhão, através, respectivamente, dos núcleos de Direitos Humanos das Defensorias e da Comissão de Direitos Humanos da OAB, têm acompanhado a ocupação que os estudantes estão fazendo nas escolas de São Luís. A defensoria informou que foi alertada sobre casos de violência no Centro Integrado Rio Anil (Cintra). Ocupada desde o dia 8 deste mês, as aulas na escola serão retomadas nesta terça-feira (22). A desocupação da unidade ocorre após negociações entre representantes do governo e os manifestantes que promoviam o ato. (Após [...], 2016)

É importante destacar que, apesar dos percalços gerados, a ocupação das escolas em 2016, incluindo a do CINTRA, representou uma ação legítima do movimento estudantil, alinhada aos protestos nacionais contra as políticas do governo Temer. Um aspecto crucial a ser mencionado é a insatisfação dos estudantes com a gestão da escola, refletida na política

administrativa adotada pelo diretor à época. Essa insatisfação foi um dos catalisadores para a ocupação, evidenciando a demanda por uma gestão mais participativa e transparente, além de reforçar a luta dos estudantes por uma educação pública de qualidade.

Em linhas gerais o movimento foi uma resposta às medidas de austeridade e reformas educacionais propostas, que eram vistas como prejudiciais ao ensino público. As ocupações de 2016, do ponto de vista sociopolítico, são extremamente relevantes por demonstrarem o engajamento e protagonismo juvenil em prol da defesa de seus direitos educacionais e sociais, além de evidenciar a capacidade de mobilização e articulação política dos estudantes.

Ex estudante do CINTRA, Nélio Lobato reafirma a referida passagem uma vez que

Minha opinião é que os estudantes erraram no todo, mas não erraram por todos os motivos. Porque os motivos da ocupação na verdade eram políticos eram mais sobre a questão de uma revolta que aconteceu no Brasil todo relacionado ao congelamento dos investimentos de educação e de saúde proposto pelo governo Temer. E aí acabou com que os estudantes do Maranhão aderiram e os estudantes do CINTRA também (Lobato, 2024).

Superado este episódio, o então governador do Estado, Flávio Dino iniciou uma série de transformações, afim de dar novos rumos à história do Centro Integrado Rio Anil. Para tanto foram promovidas mudanças substanciais de toda ordem, onde destaca-se como principal a destituição da gestão da instituição (o CINTRA tinha o mesmo gestor há 20 anos) e a instituição de uma comissão gestora para gerir o processo de reestruturação das dependências prediais, assim como promover reorganização curricular da instituição.

Após pouco mais de um ano dos eventos mencionados, mais precisamente em abril de 2018, fui convidado pelo então Secretário de Estado da Educação, Felipe Camarão, para assumir a gestão geral do CINTRA. Nesse momento, minha história de vida se entrelaça com os fios narrativos do objeto pesquisado. Ao assumir essa posição, busquei adotar uma postura cuidadosa e reflexiva, garantindo que minha proximidade com a instituição não comprometesse a objetividade e a integridade da pesquisa, mantendo um equilíbrio entre minha experiência pessoal e a análise acadêmica.

Conforme Pollak (1989), em seus estudos sobre memória e identidade, destaca a necessidade e importância de manter um distanciamento crítico: “O pesquisador deve estar consciente de sua própria posição e das influências que ela pode exercer sobre a interpretação dos dados. A proximidade excessiva pode levar a um envolvimento emocional que comprometa a objetividade da pesquisa” (Pollak, 1989, p. 60).

Congruente a Pollak (1989), Halbwachs (2006) também versa sobre essa questão em sua abordagem acerca da memória coletiva. Ele afirma que “a memória do pesquisador,

enquanto integrante da sociedade que estuda, pode influenciar a seleção e a interpretação das lembranças coletivas” (Halbwachs, 2006, p. 45). Para tanto, Halbwachs enfatiza a necessidade do rigor científico por parte do pesquisador, para deixar claro a fronteira entre as lembranças pessoais e as narrativas coletivas dos sujeitos estudados.

Desde o início da minha jornada no exercício da gestão do CINTRA, ao caminhar pelos corredores do majestoso prédio da antiga fábrica, percebi que aquele ambiente respirava uma história que ainda estava latente, viva, pulsante. Na busca pela compreensão daquele espaço que evocava tantas memórias, maior que o encanto despertado pelas paredes intactas de pedra e cal; do que o vislumbre causado pela arquitetura em aço puro que sustenta a edificação; o que atinou minha curiosidade de pesquisador foram as exaltadas narrativas advindas dos atores sociais que construíram a história daquele lugar.

Conforme ia me apoderando do ambiente da 'fábrica de sonhos', costurando relações e buscando decifrar subjetividades identitárias que permeavam as relações estabelecidas tanto dentro da escola quanto em seus arredores geográficos, mais aguçada era minha percepção das complexas dinâmicas sociais em jogo. Esse processo de imersão possibilitou uma compreensão mais rica das influências culturais e históricas que possivelmente influenciaram na construção das identidades dos indivíduos e da comunidade que se relacionava com o CINTRA.

Cada interação revelava camadas de significados e histórias que contribuíam para a construção de um mosaico identitário multifacetado, destacando a importância de uma abordagem sensível e rigorosa no estudo da memória coletiva e das trajetórias pessoais interligadas a esse espaço educacional. Uma das primeiras experiências marcantes foi durante o projeto “CINTRA 25 Anos”.

Celebração do jubilo de 25 anos se baseava na realização de várias atividades alusivas ao aniversário de 25 anos da instituição, ao longo do calendário acadêmico. As atividades envolviam toda a comunidade escolar estudantes, professores, pais e responsáveis, além de parceiros institucionais através de palestras, oficinas, simpósios, peças teatrais, mostras científicas, disputas esportivas, dentre outras. Essas agendas não celebravam apenas a história e os marcos da escola, mas também buscavam reforçar os laços comunitários e ressaltavam a importância do CINTRA na vida de seus alunos e da comunidade local.

Figura 31 – Logo marca usada na celebração dos 25 anos da instituição CINTRA



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

Figura 32 – Atividade sobre os 25 anos do CINTRA



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

3.2 E a fábrica virou laboratório: do CINTRA ao IEMA RIO ANIL

O CINTRA nasce com a vocação de ser grande, tal qual um dia a fábrica textil foi durante o processo de tentativa de modernização da cidade de São Luis. Sua proposta pedagógica deixava clara tais pretensões e, para os governantes da época “era o resgate de um passado glorioso”. De fato, ao longo de quase duas décadas a instituição confirmou tais expectativas diante da comunidade anilense e do estado do Maranhão.

O ousado projeto pedagógico do CINTRA consolidou um modelo educacional de excelência que contribuiu para a formação em tempo integral, aliando profissionalização a valores culturais locais, incentivo a prática esportiva e promoção de serviços públicos diversos (odontologia, medicina básica, etc) construindo no imaginário da comunidade, possibilidade de apropriação de conhecimentos tecnológicos e crescimento profissional para vários jovens.

Após duas décadas usufruindo desta referência, a identidade construída a partir do prestígio desfrutado ao longo dos anos como escola que inspirava uma educação moderna e pioneira, deu lugar a questões que expuseram a fragilidade institucional, tais como: falta de investimento na manutenção predial, más condições de trabalho, super lotação de salas, conflitos entre os estudantes e a gestão, e forte interferência política; dentre outros. No que se refere à super lotação, segundo a professora Portela, o CINTRA chegou a atender exorbitantes onze mil e quatrocentos alunos no fim da década de 90, no que acarretou a criação do Anexo Vovó Anália em 2004, para suprir a esta demanda com atendimento de mais 12 salas.

Martins (2021, p. 73) reforça esta análise contextual ao afirmar que:

O discurso de "escola modelo" desencadeou a superlotação das salas de aula, ampliando o desafio de lidar com a diversidade mediante a amplitude da estrutura física. Surgiram ainda, questões como a falta de inovação dos recursos pedagógicos, necessidade de melhorias na estrutura física, aos poucos descaracterizada no aspecto histórico. Outro ponto de impacto foram questões sociais relacionadas ao bairro do Anil quanto à violência, pobreza e falta de investimento em políticas públicas. Nessa conjuntura, o CINTRA como fábrica dos sonhos no espaço educacional, tal como um dia representou a Fábrica do Rio Anil, teve sua oferta de ensino impactada pela questão social local e pelas descontinuidades do setor público.

Após mais de duas décadas de reconhecimento no cenário da educação do Maranhão como CINTRA, a instituição carecia de novos rumos, a transição para o IEMA representou não apenas uma mudança de nome, mas um marco crucial na história educacional local. A necessidade imperativa de enfrentar os desafios estruturais e administrativos, que por anos comprometeram a qualidade do ensino, tornou-se evidente.

A transformação para Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão refletiu um compromisso renovado com a modernização e a excelência educacional. Foi um período de reavaliação profunda dos processos internos, investimentos em infraestrutura adequada e na formação contínua dos professores. A transição não apenas revitalizou a identidade da instituição, mas também fortaleceu seus pilares fundamentais, promovendo um ambiente propício para o aprendizado significativo e inclusivo, alinhado com as demandas educacionais contemporâneas.

Em 2019, o então governador Flávio Dino promoveu uma reestruturação na administração estadual, e dentre algumas medidas extinguiu a Fundação Nice Lobão, e, por conseguinte, transformou o CINTRA em uma unidade plena do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão -IEMA. Essa mudança foi implementada através da medida provisória nº 291, especificamente no artigo 23, que determina:

A Fundação Nice Lobão, entidade sem fins lucrativos dotada de personalidade jurídica de direito público e integrante da Administração Pública Estadual Indireta, fica transformada em unidade do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IEMA (Maranhão, 2019).

A medida foi apresentada à Assembleia Legislativa no Projeto de Lei 219/2019 (Maranhão, 2019), resultando na aprovação e subsequente promulgação do Decreto Nº 11.053, de 2 de julho de 2019. Este decreto formalizou a transformação estrutural da Fundação Nice Lobão em unidade plena do IEMA, consolidando assim a nova configuração administrativa e institucional.

Em entrevista o secretário de estado da educação, e atual vice governador, Felipe Camarão fala sobre este marcante momento, e, como percebeu esse processo de transição. Durante o diálogo que estabeleceu conosco, Camarão fez questão de mencionar sua relação com o bairro do Anil, e com o prédio da antiga fabril.

O primeiro destaque que eu quero trazer sobre essa escola, sobre esse prédio, diz respeito a uma missa que eu fui aqui na igreja Nossa Senhora da Conceição, no Anil, em que nós restauramos o sino da igreja, que estava lá parado desde 1930, 1940.

Na época, eu era presidente da Fundação da Memória Republicana, nós tiramos um sino e compramos outro pra igreja. E naquela ocasião, as pessoas mais antigas do bairro diziam, seus avós, seus pais diziam que o Anil tinha dois sons apenas, que era o que todo mundo sabia, era o som do sino da igreja e o som da fábrica, dessa fábrica. Então pra vocês verem a ligação da cidade, do bairro, com esse prédio. (Camarão, 2023)

Sobre lembranças da instituição educacional e o processo de mudanças ocorridas no CINTRA durante sua gestão, o mesmo assinalou que

Então, assim, lembro vagamente, eu era muito criança, mas lembro vagamente desse processo de criação do CINTRA, da tradição que a escola teve ao longo desses anos. Em 2016, eu assumi... então, quando nós assumimos a Secretaria de Estado da Educação, o CINTRA estava passando justamente por uma transformação (Camarão, 2023).

Quando questionado sobre quais transformações se referia, este afirmou

Buscar seus tempos áureos, de reviver aquela tradição dos anos 90 e dos anos 2000 especialmente, porque o CINTRA foi uma das escolas mais tradicionais do nosso estado. Nós enfrentamos ali 2016, 2017, inclusive ocupações. Ocupações de estudantes aqui na escola por uma série de razões relativas, atinentes à gestão da época, repasse de recursos, recuperação do anfiteatro, que é belíssimo que nós temos aqui, a pauta era bem extensa. Então foi uma ocupação de alguns dias, nós viemos negociar com os estudantes, foi resolvido na época, pactuamos algumas coisas (Camarão, 2023).

Sobre os meandros do processo o secretário elencou que

Em 2016, no CINTRA, nós tínhamos 5 mil estudantes. Nós tínhamos mais estudantes no CINTRA do que boa parte da população de algumas cidades aqui do estado do Maranhão. Então, nós resolvemos fazer o que? Focar na qualidade do aprendizado. Só dava pra gente melhorar a qualidade da educação do CINTRA se a gente fizesse um foco numa gestão profissional. Eu quero registrar que de 2016 até esse período de 2019, o CINTRA melhorou bastante na parte de gestão escolar, na parte de resultados educacionais (Camarão, 2023).

O secretário Felipe destacou sua visão de empreendimento educacional, enfatizando a importância de uma abordagem inovadora e estratégica para transformar o CINTRA em Iema através de uma perspectiva administrativa moderna.

Numa gestão compartilhada com a Secretaria de Estado de Educação, não dava mais para ficar uma fundação separada, porque isso gerava muitos problemas, e esse foi um dos motivos da ocupação também aqui dos estudantes. Então, nós resolvemos integrar, transformar isso numa sinergia positiva. E a ideia foi transformar no IEMA, que é o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia, de Formação Profissional, Educação em Torno Integral. Obviamente, nós fizemos isso... se eu lembro bem, de forma gradativa, de forma paulatina, para não prejudicar os estudantes que aqui já estavam, as famílias que aqui já estavam, para que o impacto social fosse minimizado e fosse positivo, e não negativo (Camarão, 2023).

A decisão de transformar o CINTRA em IEMA visava criar uma sinergia positiva, focada na educação integral e na formação profissional. A transição foi cuidadosamente planejada para minimizar os impactos sociais, refletindo uma preocupação com a continuidade e a qualidade do ensino. Particularmente pude presenciar este decisivo e valioso momento, pois documenta um período crucial de transformação educacional no Maranhão, destacando as motivações, estratégias e preocupações envolvidas na reforma institucional.

Figura 33 – Nova fachada do Iema Rio Anil, 2020



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

O diálogo com o secretário de educação, Felipe Camarão, ocorreu nas instalações do IEMA Rio Anil, a pedido do próprio secretário. Durante a entrevista, foi evidente a satisfação de Felipe Camarão ao revisitar o ambiente, onde pôde refletir sobre as transformações e melhorias implementadas. Este contexto proporcionou uma atmosfera ao mesmo tempo intimista e instigante para a entrevista, destacando a importância das mudanças e o impacto positivo que elas tiveram na comunidade escolar.

O fato é que o Iema Rio Anil se transforma hoje em uma das mais belas, estruturadas, melhores escolas de ensino em tempo integral com o ensino profissionalizante que nós temos, oferecendo uma educação em tempo integral e uma educação integral, que são duas coisas diferentes. (Camarão, 2023)

Nessa conjuntura o Iema Rio Anil surge em meio às lembranças do antigo Centro Integrado Rio Anil-CINTRA, porém a instituição se apresenta repaginada no que se refere a sua proposta político pedagógica, destacando o cumprimento da sua Missão, Visão, Valores, Sonho e Propósito. A primeira consiste em promover a “educação profissional, científica e tecnológica de forma gratuita, inovadora e de qualidade, visando a formação integral dos estudantes para atuarem na sociedade de maneira autônoma, solidária e competente”. A Visão é torna-se “referência, até o presente ano, 2024, em educação profissional, científica e tecnológica no Estado do Maranhão como política pública permanente de desenvolvimento educacional, social e econômico” (Maranhão, 2019, p. 33)

Esse processo de reestruturação pedagógica instituiu diretrizes voltadas a oferta de ensino médio integral técnico, com vistas a uma educação que contemple os estudantes em

todas as suas dimensões (física, a funcional, a temporal e a relacional). A proposta do IEMA destaca-se por fomentar o protagonismo juvenil, com ênfase na construção do projeto de vida, levando em consideração suas necessidades e interesses.

Figura 34 – Folder virtual informativo (outubro de 2019)



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

O IEMA Pleno Rio Anil é reconhecido como uma das maiores escolas em tempo integral da rede pública de ensino do Estado do Maranhão. Em 2019, a instituição alcançou a notável pontuação de 4.3 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), destacando-se como uma das opções mais procuradas pelas famílias de São Luís que buscam uma educação pública de qualidade. Segundo dados da Direção Adjunta Pedagógica dos IEMAs, o Pleno Rio Anil registrou o maior número de inscrições entre as escolas da rede IEMA no processo seletivo realizado no final de 2021 (DAP/IEMA), figurando como uma referência educacional na região.

No decorrer dos nossos estudos, no que concerne a investigação sobre a transição do CINTRA para o modelo educacional do IEMA, dialogamos com Dona Maria Celeste, 70 anos, moradora do bairro Anil há 28 anos. Dona Celeste é mãe de oito filhos, dos quais sete estudaram no CINTRA, sendo que atualmente a mais nova estuda no IEMA Rio Anil. A relação com essas escolas faz parte integrante da formação sociocultural da família. Ela fala com orgulho sobre as razões que a levaram, ao longo dos anos, a escolher as mencionadas instituições como o alicerce educacional de seus filhos. Segundo Dona Celeste, a tradição de qualidade do ensino, a dedicação dos professores e o compromisso com a formação integral dos estudantes foram fatores decisivos.

Ao dialogar conosco nas dependências da escola, Celeste justificou a predileção pelo CINTRA e pelo Iema Rio Anil, destacando o papel fundamental que essas escolas desempenharam na comunidade, não apenas como centros de aprendizado, mas como espaços de convivência e desenvolvimento social para os moradores da comunidade anilense. Assim relata:

São sete que já passaram por aqui. E eu aqui, esse tempo que eu tive meus filhos aqui, eu aprendi muito com a própria escola, sabe? Apesar que eu não estudei, mas quando eu tenho uma conversa com o professor, quando eu tenho uma conversa com qualquer direção da escola, então eu aprendi muito. O IEMA que é bom, que nossos filhos já saem com o curso, né? Dois lados da história e a gente acaba acertando. (se referindo ao CINTRA e ao IEMA) Eu não tô desclassificando as outras escolas, mas a gente sempre visava essas escolas pelas escolas, porque a gente olhava a escola fechadinha, os alunos ‘arrumadinhos’, a gente vinha à reunião e a quantidade de pessoas ali dando assistência, fazendo tudo que era precisado. Por isso que eu disse que eu aprendi muito na escola. Aqui até o Psicólogo era alguém que me ajudou muito, até com a minha própria família em casa (Celeste, 2023).

O Iema Rio Anil herdou do CINTRA uma considerável estrutura física e arquitetônica, conta com uma área construída de 11 mil m², com mais de 50 salas, teatro, quadra poliesportiva coberta, uma biblioteca com mais de 6.000 títulos e 12 banheiros. A organização desta estrutura fica disposta em 3 prédios interligados. Ainda em sua área de abrangência, fica localizada a Unidade do IEMA Vocacional, com oferta de cursos de iniciação profissional destinados aos comunitários dos bairros que compreendem o grande Anil e adjacências. O Iema Rio Anil possui importante e estratégico papel social no que concerne a oferta de ensino público de qualidade para filhos/as dos trabalhadores do bairro Anil e suas abrangências, constituída pelos bairros: Pão de Açúcar, Alto do Pinho, João de Deus, Cruzeiro do Anil, Santo Antônio, Santa Cruz Vera Cruz, Sacavém, Piquizeiro, Bequimão, Angelim, Novo Angelim, Cohab, Turu e Cidade Operária, se estendendo para toda a Região metropolitana de São Luís, assim como áreas rurais, segundo dados da secretária da escola.

O atual projeto político pedagógico volta-se, sobretudo, para a oferta do ensino técnico profissionalizante, o ensino da robótica e a promoção da investigação científica através do modelo de escola integral e integradora. No ano de 2022, o Iema Pleno Rio Anil chegou ao pico de atendimento com 32 turmas de ensino, distribuídas em 08 Cursos Técnicos: Administração, Informática para Internet, Gerência de Saúde, Logística, Marketing, Serviços Jurídicos, Enfermagem e Desenvolvimento de Sistemas.

Figura 35 – Aulas no laboratório de física, química e biologia no Iema Rio Anil



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

É significativo mencionar que desde o ano de 2019 o prédio vem passando por intervenções para melhorias em sua estrutura, no intuito de melhor atender a comunidade escolar. As salas de aulas estão sendo climatizadas, e a escola ganhou 5 laboratórios da BNCC (Base Nacional Curricular Comum), e uma “GIROTECA” (projeto de bibliotecas multimídias móveis instituídas pela Secretaria de Educação do Estado do Maranhão) equipada com mais de quatro mil títulos literários e diversos equipamentos tecnológicos para otimizar o aprendizado dos estudantes, assim como desenvolvimento da investigação científica e tecnológica.

A estrutura pedagógica do IEMA Rio Anil inclui também 06 turmas de ensino noturno na modalidade EJATEC (Ensino de Jovens e Adultos com qualificação técnico profissional curricular), oferecendo cursos de Técnico em Eventos, Serviços Jurídicos e Gastronomia. Atualmente, essas turmas atendem a um número significativo de estudantes, superando a marca de mil matrículas. Essa iniciativa ampliou o acesso à educação profissionalizante para jovens e adultos do bairro do Anil, mas também contribuiu para a formação de profissionais qualificados que atendam às demandas do mercado de trabalho local e regional.

Figura 36 –Aulas de gastronomia da turma EJATEC Iema Rio Anil



Fonte: Pinheiro Júnior (2024)

3.3“Assim como os nossos pais”: trajetórias familiares vivenciadas nas escolas CINTRA e IEMA RIO ANIL

Le Goff defende a importância da imaginação e da emoção na construção da memória histórica. A poesia, segundo ele, é um instrumento fundamental para capturar a dimensão subjetiva e humana do passado. “[A memória] se nutre de imagens, de símbolos, de mitos, de lendas, de crenças, de sonhos, de desejos, de medos. A poesia, a arte, a literatura, o teatro, o cinema são seus veículos privilegiados” (Le Goff, 1994, p. 49).

A canção “Como Nossos Pais”, interpretada por Elis Regina e escrita pelo cantor e compositor brasileiro Belchior, ressoava pela sala da minha casa através de uma vitrola Gradiente, trazendo alegria ao ambiente familiar, especialmente nos ensolarados domingos no bairro do Anjo da Guarda, em São Luís do Maranhão. Minha mãe (Dona Joana), uma grande admiradora da intérprete, apreciava particularmente essa música, um sucesso da década de oitenta que, arrisco dizer, permanece atual até hoje. A princípio, o que mais me encantava era a sonoridade da melodia, conforme ia amadurecendo e desenvolvendo minha criticidade, curiosidade e percepção de mundo, entendia que a letra em questão falava sobre tradição, identidade, inovação, rupturas e reinvenções.

Da mesma forma que a canção evoca memórias e reflexões sobre a passagem do tempo e a continuidade entre gerações, as escolas CINTRA e IEMA Rio Anil servem como lugares de memória, preservando e reinventando a história educacional de São Luís. Esses espaços

educativos, como a música de Belchior, são testemunhas das transformações sociais e culturais, conectando o passado ao presente e projetando um futuro de esperança e inovação. A relação entre tradição e modernidade, tão presente na canção, também se reflete na trajetória dessas instituições, que, ao longo dos anos, têm buscado manter viva a essência da sua representatividade no cenário sociocultural maranhense enquanto se adaptam às novas demandas e desafios da sociedade contemporânea.

O despertar da curiosidade científica sobre as representações que atravessaram e ainda atravessam as ruínas do antigo prédio fabril e os corredores das instituições que ele abrigou ao longo dos séculos, incluindo o CINTRA e o Iema Rio Anil, é essencial para esta pesquisa. A transição do edifício, desde sua constituição como fábrica de tecidos até sua recente implementação como escola em tempo integral, configura um processo histórico rico em simbolismos. Um dos pontos de partida para o processo de compreensão histórica se deu no decorrer da relação profissional estabelecida com as instituições CINTRA e Iema Rio Anil no período do exercício da gestão geral de ambas as instituições entre os anos de 2018 até fevereiro do presente ano, 2024.

Desde os primeiros contatos com a comunidade escolar, percebia nuances e manifestações identitárias que despertaram meu interesse em desvendartais fenômenos sociais. Destaco dois momentos marcantes nesse percurso: o primeiro ao me apresentar à comunidade escolar em abril de 2018, quando iniciei o relacionamento com os diferentes atores escolares, observando suas dinâmicas e performances identitárias. O segundo ocorreu durante a implementação de mudanças administrativas e pedagógicas em 2019 (quando da transformação do CINTRA para IEMA), onde as reações dos estudantes, professores e demais membros da comunidade ao novo modelo pedagógico estabelecido revelaram facetas e camadas de memória e identidades enraizadas nessas instituições.

Explorar como essas instituições sociais se constituíram em lugares de memória e encarnaram identidades dos diversos atores que vivenciaram experiências sociais distintas nesses espaços é crucial para o estudo. Inspirado (e instigado) pelos conceitos de identidade e memória coletiva, esta investigação buscou compreender a ligação entre a estrutura física e organizacional do prédio e as representações simbólicas dos diferentes grupos que o constituem, circundam e se relacionam.

As contribuições de Pierre Nora (1993) sobre lugares de memória e Michael Pollak (1989) sobre construção de identidade são fundamentais para analisar como esses espaços se tornam pontos de referência para a memória coletiva, servindo como marcos históricos e culturais que refletem e influenciam as vivências e identidades daqueles que interagem com

eles. Nora (1993) destaca que os lugares de memória são marcadores importantes de identidade coletiva e histórica. A transição do edifício para diferentes funções, cada uma carregando suas próprias simbologias e significados, reforça sua posição como um lugar de memória vivo e dinâmico. Pollak (1989), por sua vez, ajuda a entender como essas mudanças influenciam a construção e a reconstrução das identidades daqueles que interagem com o espaço.

Para investigar as trajetórias familiares e as memórias construídas no pátio das escolas CINTRA e IEMA Rio Anil, adotei uma metodologia que combinou estudos bibliográficos e atividades de campo. Realizei entrevistas com ex-estudantes, estudantes atuais, professores, funcionários, antigos moradores, representantes da escola e outros atores envolvidos no processo de construção institucional. Essas entrevistas revelaram um conjunto rico de saberes e memórias, oferecendo histórias não oficiais e vivências cotidianas eventualmente negligenciadas pela historiografia tradicional. Esse enfoque permitiu um aprofundamento na compreensão das dinâmicas sociais estabelecidas, evidenciando o valor historiográfico das entrevistas ao trazer à tona narrativas que enriquecem e complementam os registros históricos formais.

A importância da história oral, conforme argumentado por Alberti (2005, p. 9) revela a dinâmica pela qual representações individuais e coletivas se transformam em eventos históricos concretos, destacando o caráter "acontecimental" da memória. Neste momento a pesquisa preocupou-se em captar e interpretar essas vozes, contribuindo para uma visão mais ampla e inclusiva da história local, naquilo que a referida historiadora convencionou chamar de "a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu" (Verena, 2005, p. 1). Através desses relatos, pudemos reconstruir parte da história por meio das narrativas compartilhadas por um coletivo que ecoa vozes anônimas, envolvendo famílias de estudantes e os próprios estudantes atuais. Essas pessoas não apenas recordam os eventos e memórias como testemunhas, mas as vivenciaram como personagens ativos da história que contam.

No período entre setembro de 2023 a junho de 2024 entrevistamos catorze pessoas, entre homens e mulheres, com idades variando de 17 a 65 anos. As entrevistas ocorreram em dias alternados, conforme a disponibilidade dos entrevistados, seguindo um roteiro pré-estabelecido de perguntas, no entanto, durante a coleta de depoimentos, as perguntas foram adaptadas ao perfil de cada entrevistado, proporcionando respostas abertas que os encorajaram a compartilhar suas histórias e lembranças de forma mais detalhada e espontânea. Os diálogos foram registrados por meio de captação de áudio e vídeo graças ao apoio técnico dado pelo professor Emilson Ferreira, e da equipe formada por três estudantes do curso técnico em áudio e vídeo do Iema São Luís.

a) Daniela – Memórias de uma ex-estudante e mãe

Daniela Souza, 36 anos, mãe de Jamille Souza possui uma rica história de memórias e experiências vividas no CINTRA, atualmente transformado no IEMA Rio Anil. Ex-estudante da instituição, ela reflete sobre sua trajetória escolar e as mudanças significativas ao longo dos anos. Daniela estudou na escola de 2004 a 2006, período em que residiu no bairro Anil por 11 anos. Inicialmente, cursou magistério, mas depois migrou para educação geral, repetindo o segundo grau no turno da noite “por amor à instituição”, como a mesma faz questão de frisar. A escola sempre foi uma referência para sua família, com várias gerações frequentando suas salas de aula. Hoje, Daniela acompanha a educação de suas filhas, uma já formada e outra ainda estudando lá, percebendo melhorias significativas na instituição.

Tenho muitas lembranças boas, tanto dos professores quanto dos muitos amigos que fiz, alguns dos quais ainda mantenho contato até hoje. Infelizmente, alguns desses amigos já não estão mais entre nós. Participei de várias atividades, incluindo o teatro, e guardo recordações agradáveis da gestão, do pessoal da cantina e das amizades.

Naquela época, havia uma grande confusão sobre quem poderia estudar na escola. Muitos achavam que era exclusiva para a comunidade local, o que gerava disputas por vagas. Conheço muitos amigos que passaram por aqui e hoje estão em melhores condições.

Para minha família, a escola sempre foi uma referência. Acompanho de perto a educação dos meus filhos aqui e noto que a escola melhorou bastante. Minha filha, por exemplo, passa a maior parte do tempo na escola e gosta muito. Hoje, é uma escola que eu indicaria para outras pessoas, até mesmo para os meus netos. Passei por momentos difíceis e a escola sempre foi uma parceira, oferecendo apoio e atenção. É uma verdadeira família, onde podemos contar com a direção, amigos, colaboradores e psicólogos que nos acompanham e abraçam nossas causas. Todas as vezes que busquei ajuda, fui bem atendida. Só tenho a agradecer. (Souza, D., 2023).

b) Jamille Souza: Crescendo pelos corredores das escolas

Jamille Souza, 17 anos, filha de Daniela, compartilha sua jornada na escola desde o terceiro ano do Ensino Fundamental até o final do Ensino Médio. Ela praticamente cresceu pelos corredores da instituição, testemunhando a transição do CINTRA para o IEMA. As memórias acumuladas durante sua infância e adolescência, as amizades formadas e os aprendizados adquiridos são marcantes para esta personagem. Jamille recorda a participação nas oficinas de teatro, dança e artes, atividades que deixaram uma impressão duradoura, e que perpassa o espaço tempo das instituições.

Estudo aqui desde o terceiro ano do Ensino Fundamental e participei de todo o processo de transição do CINTRA para o IEMA. Praticamente cresci pelos corredores dessa escola, que marcaram toda a minha infância, pré-adolescência e agora o final da adolescência. Durante esse tempo, acumulei inúmeras memórias, amizades e aprendizados.

Minha mãe, quando estudava aqui, já me trazia no carrinho, pois estudava à noite e não tinha com quem me deixar. Ela teve boas memórias e um bom ensino, o que a motivou a me colocar nesta escola.

Na época do CINTRA, havia várias oficinas, como teatro, dança e artes. Minha participação na oficina de teatro foi marcante, cheia de ansiedade e envolvimento com os colegas. O teatro da escola foi um dos elementos que mais me marcou (Souza, J., 2023).

c) Percepções sobre protagonismo e participação juvenil

Jamille destaca as diferenças entre os modelos pedagógicos do CINTRA e do IEMA, especialmente em relação ao protagonismo juvenil. No IEMA, os estudantes são incentivados a se envolver ativamente na organização de projetos e a participar de forma mais elaborada com gestores e corpo docente. Essa mudança promove um senso de corresponsabilidade e liderança entre os alunos, preparando-os melhor para os desafios futuros.

O IEMA, por ser uma escola técnica integral, oferece cursos e realça o protagonismo dos alunos, proporcionando várias oportunidades para exercer nossa voz e participação ativa na comunidade escolar. Agora, estou finalizando o ensino médio e levarei comigo as lembranças e histórias desses corredores. Agradeço aos professores e diretores que marcaram minha vida nesta instituição. Sim, eu colocaria meu filho nesta escola. O IEMA realmente é uma rede de ensino excelente, com professores maravilhosos, bons lanches e várias atividades desenvolvidas para os alunos (Souza, J., 2023).

d) Paulo Martins: O ‘caçador’ de histórias

Paulo, aos 46 anos, reflete sobre seus 11 anos de trabalho nas instituições CINTRA e Iema Rio Anil. Autodeclarado um inveterado "curioso", ele busca incessantemente relatos e eventos que narram a transformação da antiga fábrica têxtil para as atuais escolas. Paulo valoriza profundamente a história rica do local, recordando com nostalgia os tempos em que a fábrica era o epicentro de trabalho da comunidade. Ele expressa gratidão pela oportunidade de contribuir para as escolas CINTRA e Iema Rio Anil e acompanha de perto o desenvolvimento educacional de seus filhos, que também estudaram nessas instituições.

Minha filha estudou aqui desde a pré-escola e agora está na faculdade. Acompanhei de perto seu desenvolvimento. Logo que ela saiu, meu filho também veio para cá, transferido de outra escola com parceria. Hoje, ele está no terceiro ano. Para mim, isso é maravilhoso. Sou muito grato a Deus todos os dias e digo aos meus amigos que fui muito bem respeitado aqui. Foi uma bênção ter meus dois filhos estudando nesta instituição (Martins, P., 2023).

e) Reflexões sobre transformações e a relação com a comunidade

A transformação da fábrica em uma escola simboliza uma mudança significativa na comunidade, de um espaço de produção material para um espaço de produção intelectual. Essa metamorfose destaca a adaptabilidade e resiliência da instituição e da comunidade que a cerca.

Paulo exemplifica como a escola se tornou um lugar de acolhimento e aprendizado contínuo, não só para os alunos, mas também para os funcionários.

A escola se tornou uma fábrica de alunos, uma fábrica de conhecimento. Gosto muito de histórias e, de um tempo para cá, comecei a estudar um pouco sobre a hierarquia, acompanhando imagens e fotos. Às vezes, não acredito que realmente já foi uma região onde a fábrica existia. A história deste local é rica, e muitos moradores lembram-se da época da fábrica como um local principal de trabalho.

Eu fui acolhido quando cheguei aqui, sem saber nada de informática, e fui aprendendo aos poucos. Quem vem para cá precisa gostar de trabalhar, porque se não gostar, não vai dar certo. A principal diferença que vejo hoje é a redução no número de alunos. Quando cheguei, havia cerca de 7 mil alunos. Mesmo assim, sinto-me um funcionário privilegiado.

Quando cheguei, os conhecimentos que tinha de fora não se aplicavam aqui, mas aprendi muita coisa nova. Esforçando-me e adaptando-me às mudanças, aprendi muito e sou grato a Deus pelo privilégio de trabalhar numa instituição como esta. Fiz muitas amizades e recentemente, quando divulgaram uma imagem do CINTRA, muitas pessoas comentaram sobre como a escola é linda. Eu respondi que trabalho aqui, com muito orgulho (Martins, P., 2023).

f) Nicolas Martins: O legado do CINTRA e do Iema Rio Anil

Nicolas, 17 anos, é um dos filhos do seu Paulo Martins, o estudante vivenciou a transição do CINTRA para o IEMA, testemunhando as mudanças e adaptações ao longo dos últimos 4 anos, incluindo a pandemia, período que ele considera sendo um dos piores na trajetória como estudante. Ele observa como a escola evoluiu, mantendo sua essência e ampliando as oportunidades para os alunos. Nicolas menciona familiares e amigos que estudaram lá e alcançaram sucesso profissional, ressaltando a importância e influência duradoura da instituição em suas vidas.

O IEMA, que começou recentemente, foi um marco para todos os alunos, especialmente para mim. Desde a época do CINTRA, passando pela pandemia, todos ficamos em casa, pensando sobre o futuro. Eu praticamente passava a semana toda, o dia todo, na escola, e essa mudança de rotina, ficando em casa, marcou bastante.

Meu pai trabalha aqui há quase 14 anos e minha irmã estudou aqui e agora está na faculdade. Na época do IEMA, assim como no CINTRA, existem muitas opções e espaços para os alunos explorarem, mantendo a essência da instituição (Martins, N., 2023).

g) Reflexões sobre Continuidade e Sucesso

A continuidade da missão educacional do CINTRA para o IEMA demonstra a durabilidade do legado da escola. O sucesso dos ex-alunos, agora profissionais bem-sucedidos, reforça a eficácia do modelo educacional da instituição. A escola não apenas fornece conhecimento acadêmico, mas também prepara os alunos para a vida, amparado num modelo pedagógico que valoriza princípios de cidadania e responsabilidade social.

Tenho um primo que estudou aqui e hoje é formado em Direito e tem uma empresa. Outros amigos meus também são formados e bem-sucedidos. Na minha sala, os colegas falam dos irmãos que estudaram aqui na época do CINTRA e agora têm diplomas e empregos garantidos. Isso mostra a importância e a influência que a escola teve e continua tendo na vida de muitas pessoas (Martins, N., 2023).

h) Juliene Santos: Uma trajetória familiar no CINTRA

Juliene, 38 anos, mora no bairro Santos Dumont, adjacente ao Anil. Ela compartilha memórias da época em que fazia teatro e passava o dia inteiro na escola. Sua família tem uma longa história com a instituição, com vários membros estudando lá ao longo dos anos. Juliene se emociona ao falar sobre seu espaço preferido na escola, a biblioteca, e relembra os professores que a inspiraram, destacando a importância da escola em sua formação.

Eu moro no bairro adjacente ao Anil, que é o Santos Dumont, uma avenida próxima ao Anil. Lembro-me da época em que fazia teatro e passava o dia inteiro na escola. Não era uma escola de tempo integral, mas havia essa possibilidade. Eu vinha de manhã para o teatro e à tarde para estudar. Meu pai dizia que eu morava perto da escola, mas na verdade eu morava em outro bairro, chamado Pirapora. Ele insistia que eu não precisava almoçar na escola e queria que eu voltasse para casa. Às vezes, eu burlava essa regra. Eu era muito conhecida na escola e amava a biblioteca. Meus livros favoritos eram de Matemática, Física e Química. Minha irmã, meu cunhado, meu ex-marido, minha sobrinha e minha filha Rebeca, que está no terceiro ano, também estudaram aqui. É uma verdadeira trajetória familiar. Lembro de uma professora de língua do primeiro ano, a professora Rúbia, que nos pediu um trabalho sobre o ácido das formigas. Foi aí que decidi o curso que faço hoje, graças a ela (Santos, 2023).

i) Reflexões sobre tradição e continuidade

A trajetória familiar de Juliene no CINTRA e no IEMA sublinha a tradição e a continuidade que a escola representa. A preservação da arquitetura e a qualidade da educação ao longo dos anos criam um senso de constância e estabilidade. A escola se torna um ponto de referência, não apenas para a educação, mas também para a formação de identidade e memória familiar.

Quando entrei na escola, ela era exemplar. Muitos alunos de escolas particulares vieram para cá, pois era considerada uma das melhores na época. Quando minha filha entrou no sexto ano, foi o último ano antes da transformação em IEMA, Escola de Tempo Integral. Minha mãe insistiu em colocá-la aqui e meu pai conseguiu uma vaga conversando com funcionários antigos.

Sinto muita saudade dessa escola. É um prédio com uma magia única. Quando digo que estudei aqui, as pessoas ficam impressionadas. Meus colegas da universidade, que fazem estágio aqui, elogiam a grandeza e a organização da escola. Conheço cada canto e fico feliz em mostrar para minha filha onde eu costumava ficar com meus colegas.

A arquitetura da escola se manteve e isso me traz boas lembranças. Houve tempos difíceis, mas a escola se recuperou. Hoje em dia, é bem gerenciada e

os alunos são educados. A diretora do meu curso elogiou a organização e a disciplina da escola, o que me deixa orgulhosa de ter estudado aqui (Santos, J., 2023).

j) Rebeca Santos: Protagonismo e Futuro

Rebeca, 17 anos, filha de Juliene, reflete sobre a experiência de sua mãe e como isso influenciou sua própria trajetória na escola. Ela valoriza o protagonismo juvenil incentivado pelo IEMA, que a ajudou a desenvolver habilidades de liderança e organização. Rebeca expressa gratidão pelas oportunidades e memórias criadas na instituição.

Minha mãe sempre conta que, na época dela, ela fazia de tudo na escola. Ela amava passar o dia todo aqui, especialmente por causa do teatro. Ela sempre fala que seu pai não gostava muito, mas mesmo assim, ela adorava. Acho isso muito legal. Além disso, tenho primos que também estudaram aqui, dois ou três deles. Uma prima por parte de mãe, com quem convivo mais, também se juntou a nós aqui. Ela conhecia muita gente, tanto da manhã quanto da tarde, e adorava participar dos eventos e prêmios que a escola oferecia. Ela dizia que era muito divertido. Hoje em dia, acho que a experiência se assemelha, especialmente no IEMA, onde temos muito mais contato.

Eu gostava de estudar no CINTRA, mas gosto ainda mais do IEMA porque, na minha opinião, ele nos dá mais oportunidades de nos envolvermos em projetos da escola e com a direção. Eles nos ensinam a ser protagonistas e a organizar eventos, algo que não acontecia tanto no CINTRA. No CINTRA, éramos apenas alunos cumprindo nosso papel. No IEMA, somos incentivados a assumir mais responsabilidades e a ter conversas mais elaboradas com os gestores. Acho isso muito interessante (Santos, R., 2023).

k) Reflexões sobre Legado e Esperança

Fico empolgada com as mudanças que vão acontecendo no mundo e na escola. Não entrei no início do IEMA, então estou vendo as coisas progredirem. É fascinante observar a transformação do CINTRA para o IEMA, que está sempre evoluindo. Alguns professores, especialmente a professora de História, nos inspiram muito. Ela fazia Direito e sempre compartilhava suas experiências, ensinando-nos que nunca é tarde para estudar. Isso teve um grande impacto em mim.

No IEMA, fui líder de turma no primeiro e no segundo ano, e no início do terceiro. Embora tenha decidido sair por estar muito sobrecarregada, participei de muitas atividades e projetos. Isso me ajudou bastante na minha forma de falar, de me dirigir às pessoas e de pensar. Tenho certeza de que isso será útil no meu futuro. A escola foi um ponto crucial que me fez avançar na minha maneira de pensar.

Se tivesse que ilustrar a experiência com um sentimento, seria alegria. Fico muito alegre de saber que a escola teve um impacto tão grande e positivo em minha vida. A escola é minha segunda casa, na verdade, é minha primeira casa, pois passo mais tempo aqui do que em casa. É o lugar onde aprendemos os conceitos básicos de como viver em sociedade e conviver com as pessoas. Quero que meus filhos saibam que a escola é um lugar para aprender e valorizar. Sinto-me privilegiada por poder estudar aqui, pois muitos adolescentes não têm essa oportunidade. Conheço pessoas que gostariam de estudar aqui, mas não conseguiram. Eu sempre digo a eles que estudar aqui é maravilhoso.

Tenho amigos que levarei para o coração e para a vida, professores que considero como pais e que são parte da minha família. Conheci meu namorado aqui, e sou muito grata por isso. Quero contar tudo isso para meus filhos e netos, pois boa parte das minhas histórias foi construída aqui. Sim, eu gostaria que meus filhos estudassem aqui. Gostaria de dizer: “Olha, isso aqui é da minha época” (Santos, R., 2023).

Rebeca enxerga a escola como um pilar para o futuro, onde o protagonismo e a participação ativa preparam os alunos para enfrentar desafios e impactar positivamente a sociedade. As histórias e reflexões de Daniela, Jamille, Paulo, Nicolas e Juliene oferecem uma perspectiva profunda sobre como o CINTRA e o IEMA moldaram memórias e identidades. Ao longo de suas evoluções, essas instituições têm sido fundamentais como patrimônios educacionais para a comunidade de São Luís, especialmente no bairro Anil, tanto no âmbito material quanto imaterial. Contribuindo para construção de legados familiares e inspirando futuros. Através dessas narrativas, podemos apreciar a rica tapeçaria de experiências e legados que compõem a história do CINTRA e do IEMA Rio Anil.

4 CINTRA E IEMA: AS FÁBRICAS DE SABERES E SONHOS (DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DO PRODUTO EDUCACIONAL)

4.1 Ensino de História e educação patrimonial no estudo sobre os usos sociais do prédio da antiga Fábrica do Rio Anil

Nossa imersão nas escolas CINTRA e IEMA Rio Anil revelou mais do que salas de aula e quadros brancos. Descobrimos um universo rico em história, cultura e identidade, onde os patrimônios materiais e imateriais se entrelaçam para contar a saga de uma comunidade em constante transformação. Busco neste capítulo explorar a educação patrimonial como ferramenta transformadora, utilizando a trajetória inspiradora das escolas como estudo de caso.

A investigação realizada no centenário prédio da fábrica têxtil, e posteriormente ocupado e resignificado pelas escolas CINTRA e Iema Rio Anil no espaço temporal de mais de três décadas nos sensibilizou para o potencial pedagógico da educação patrimonial. Mais do que conservar prédios e monumentos, ela se traduz na valorização das vivências, dos saberes locais e da memória coletiva. A educação patrimonial nos convida a transcender a mera preservação física do passado, reconhecendo seu valor intrínseco e seu papel na construção da identidade individual e coletiva.

A Educação Patrimonial trabalha no sentido de que os sujeitos tomem contato com os patrimônios de suas localidades, a fim de assentar em bases sólidas à identidade cultural. A apropriação e valorização de heranças culturais se manifesta como um conjunto de bens e valores tangíveis e intangíveis, expressos em palavras, imagens, objetos, monumentos, sítios, ritos e celebrações, hábitos e atitudes (HORTA, 2000, p. 2).

As escolas CINTRA e Iema Rio Anil mimetizam essa essência. Suas histórias, marcadas por constantes transformações, partindo de uma fábrica em um centro educacional de referência, demonstra o potencial da educação patrimonial para conectar passado, presente e futuro. Ao valorizar o patrimônio material e imaterial da escola, essas instituições fortalecem o senso de pertencimento dos alunos, estimulam a reflexão crítica e promovem a cidadania ativa.

A antiga fábrica textil, em seu silencioso abandono, guardava histórias adormecidas. Em 1993, renasceu como “fábrica dos sonhos”, popularmente conhecido como CINTRA, tornando-se um dos maiores complexos educacionais da América Latina. Décadas mais tarde, em 2019, assumiu a identidade de Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão-IEMA, com uma proposta inovadora que apontava para o futuro da educação maranhense.

A transformação da fábrica em escola é um símbolo da capacidade da educação de transformar vidas e comunidades. Ao invés de sucumbir ao abandono, o espaço se reinventou, tornando-se um centro de aprendizado e desenvolvimento para gerações de jovens. Essa trajetória inspiradora demonstra o potencial da educação patrimonial para ressignificar espaços históricos e promover a valorização do passado.

Ao longo dos anos, o CINTRA e o IEMA transcendem sua função pedagógica, tornando-se lugares de memória para a comunidade maranhense. Seus corredores e vitrais testemunharam gerações de sonhos, conquistas e desafios, moldando a identidade do bairro e perpetuando-se no imaginário de seus frequentadores. As escolas aqui estudadas simbolicamente se tornaram referenciais enquanto guardiães da memória coletiva, preservando histórias e saberes que refletem a comunidade que as abriga e abraça.

Através da educação patrimonial, os alunos são convidados a se conectar com o passado, reconhecendo-se como parte de uma história maior. Essa conexão fortalece o senso de pertencimento e contribui para a construção de uma identidade individual e coletiva mais sólida. A escola assume um papel crucial na formação de cidadãos conscientes e críticos. Através da educação patrimonial, os alunos são convidados a explorar o espaço escolar, desvendando suas histórias, transformações e a relação com a comunidade.

O patrimônio material compreende os bens tangíveis, como edifícios e monumentos, que possuem valor histórico, artístico ou cultural. No caso das escolas CINTRA e IEMA Rio Anil, o prédio histórico da antiga fábrica não só preserva a arquitetura industrial do passado, mas também representa um marco da transformação urbana e educacional do bairro. Esse patrimônio material não se limita à estrutura física, mas inclui também artefatos e documentos que contam a história da comunidade escolar ao longo das décadas.

Já o patrimônio imaterial abrange as práticas, tradições, memórias e expressões culturais transmitidas oralmente de geração em geração. Nas escolas CINTRA e Iema Rio Anil, o patrimônio imaterial é percebido nas histórias pessoais dos estudantes, ex-estudantes, professores, funcionários e moradores que têm suas vidas entrelaçadas com o espaço escolar. Essas narrativas não apenas enriquecem a compreensão do passado, mas também fortalecem a identidade cultural e comunitária.

As escolas, ao longo do tempo, se tornaram mais que simples instituições de ensino. Elas passaram a ser vistas como lugares de memória, conforme a concepção de Pierre Nora. Segundo Nora (1993), "a passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo". Este pensamento destaca a relevância de preservar e valorizar a

história das instituições escolares, como o CINTRA e o Iema Rio Anil, que conservam nas suas sólidas paredes e espaços a memória de inúmeros indivíduos que atravessaram por ali.

As identidades dos moradores locais que interagem com o prédio e suas instituições são como fios entrelaçados em um único tecido, considerando as devidas distinções, mas unidos por valores comuns. O patrimônio aqui é um elo precioso que une o indivíduo ao coletivo, sustentando a essência da comunidade. Preservar o patrimônio arquitetônico da Rio Anil é reverenciar a memória viva presente em cada detalhe. A educação patrimonial transcende sua definição acadêmica, e assume um compromisso poético com a valorização e preservação das identidades culturais e históricas, convidando-nos a mergulhar no passado para compreender melhor nosso presente e planejar cuidadosamente o futuro.

A experiência vivenciada durante a pesquisa despertou um novo olhar sobre a educação patrimonial, revelando seu potencial para conectar passado e presente de maneira significativa. O estudo aprofundou a compreensão sobre fontes históricas e culturais, explorando a riqueza das memórias individuais e coletivas associadas aos prédios, praças e monumentos públicos. A escolha do prédio da antiga Fábrica de Tecidos e suas escolas como cenário não foi apenas um ato simbólico, mas uma estratégia para ilustrar didaticamente as trajetórias históricas que ajudaram a construir a comunidade.

A escola se transforma em um espaço de aprendizado integral, onde o conhecimento formal se entrelaça com o conhecimento histórico e cultural. Os alunos são incentivados a desenvolver habilidades de pesquisa, análise crítica e pensamento reflexivo, tornando-se protagonistas de sua própria aprendizagem. O uso do prédio como laboratório para experiências educativas exemplifica como a educação patrimonial pode ser aplicada de forma prática e efetiva. Os estudantes têm a oportunidade de aprender sobre a história local diretamente do ambiente em que estão inseridos, fortalecendo suas identidades e o vínculo com sua própria história e cultura. As metodologias ativas utilizadas incentivam a participação e o engajamento dos estudantes, proporcionando uma educação mais significativa e contextual

4.2 A construção do curta-metragem “Identidades e Memórias em Tela – a Fábrica, o Cintra e o Iema Rio Anil”

Ao longo da minha trajetória profissional, a educação se destacou como o campo no qual dediquei grande parte da minha experiência acadêmica. Desde os primeiros passos como voluntário em ONGs no bairro do Anjo da Guarda, durante minha graduação em Ciências Sociais pela UFMA, até minha carreira subsequente como professor efetivo de Sociologia no

ensino médio na rede pública estadual do Maranhão, cada momento foi uma etapa enriquecedora. Um marco significativo nessa jornada ocorreu em 2007, quando integrei a equipe da FUMPH - Fundação Municipal de Patrimônio Histórico. Naquela função como técnico em projetos, participei ativamente do desenvolvimento de atividades junto às comunidades de São Luís, enriquecendo meu entendimento sobre a interseção entre educação, cultura e patrimônio histórico.

A contribuição mais significativa desta experiência foi o encanto despertado pela importância da educação patrimonial. Momento em que tive a oportunidade de acessar estudos sobre fontes históricas de prédios, praças, logradouros e outros monumentos públicos, além de aprofundar minha compreensão sobre questões relacionadas a cultura material e imaterial dos povos. Cabe dizer que a época o CINTRA fazia parte de debates em reuniões de trabalho, ou simplesmente pauta de uma boa conversa entre colegas no cantinho do café nos momentos de intervalo.

Entre outros desafios historiográficos que esta pesquisa nos proporcionou ao longo desta jornada acadêmica, pensar, materializar e eternizar memórias de sujeitos de que por vezes são invisibilizados pela chamada ‘história oficial’, trazer a público retratos, e recortes indeníveis que se apresentaram durante as entrevistas foi um dos pontos que mais nos instigou nesta investigação científica, nesse sentido nos reportamos a Nora quando este afirma que

A passagem da memória para a história obrigou cada grupo a redefinir sua identidade pela revitalização de sua própria história. O dever de memória faz de cada um o historiador de si mesmo. O imperativo da história ultrapassou muito, assim, o círculo dos historiadores profissionais (Nora, 1993. p. 11).

Optamos por utilizar o prédio da antiga Fábrica de Tecidos e suas escolas adaptadas ao longo de 30 anos como cenário para explorar trajetórias históricas que requeriam ilustração didática além das palavras. As escolas IEMA Rio Anil/CINTRA são amplamente reconhecidas e valorizadas por universidades estaduais e federais, bem como por instituições privadas, tanto no Maranhão quanto em nível nacional. Elas se destacam como locais representativos e propícios para estágios acadêmicos e pesquisas científicas em diversas áreas de conhecimento. Suas instalações são frequentemente solicitadas por setores públicos e privados para uma vasta gama de atividades, incluindo esportivas, culturais, religiosas, pedagógicas e filantrópicas, além de servirem como cenário para produções de vídeos e ensaios fotográficos.

No que concerne ao estudo historiográfico sobre as escolas que foram abrigadas no prédio da antiga fábrica de tecidos do Anil, este preâmbulo obrigatoriamente passa pelos estudos sobre o Iema Pleno Rio Anil e o CENTRO Integrado Rio Anil_ CINTRA, instituições

que representam para muitos a memória social de uma comunidade escolar composta por estudantes, egressos, familiares/responsáveis, professores/ ex professores, funcionários e moradores do bairro Anil (e adjacências), entre outros.

O significado do CINTRA para muitos destes sujeitos, perpassa o tempo e subjetividades diversas, enquanto representação de um espaço que congrega muitas memórias e simbolismos decorrente dos seus 25 anos de existência como instituição escolar. Perpetuando no imaginário das pessoas que trabalharam, estudaram, ou, de alguma maneira, se relacionaram com este espaço, um referencial de identidade cultural, reforçando a necessidade de preservação daquele lugar, dado o valor patrimonial material e imaterial.

O monumento se caracteriza pelo seu poder de perpetuação (Le Goff, 1994), transformando a antiga estrutura fabril e sua arquitetura, outrora centro da produção têxtil, em um espaço de produção de conhecimento para as famílias dos jovens que buscam mudanças. Seja como CINTRA ou como IEMA RIO ANIL, o prédio em questão permanece como um importante marco histórico e cultural no bairro do Anil e, conseqüentemente, em São Luís. As identidades dos moradores locais que interagem com esse edifício e suas instituições podem ser diversas, mas compartilham valores comuns, visto que o patrimônio é um elo significativo que conecta o indivíduo ao coletivo.

Restava definir um método pelo qual pudéssemos ‘capturar’ parte dessas simbologias, fazendo jus a desafiadora trajetória histórica investigada. Assim escolhemos a plataforma de áudio visual como ferramenta de comunicação para a construção de um documentário que constituísse como uma narrativa histórica dos usos sociais do prédio que abrigou a Fábrica, o Cintra e, atualmente, abriga o IEMA. Buscamos neste recurso formas para recontextualizar e ressignificar a história deste importante patrimônio material e imaterial através de fontes orais e seu respectivo resgate de memórias.

Os documentários nos oferecem um retrato ou uma representação do mundo que nos é familiar. Pela capacidade que os dispositivos de imagem e som têm de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também podemos ver por nós mesmos fora do cinema. (Nichols, 2023, p. 61)

Acreditamos que a linguagem cinematográfica tem o poder de aprofundar as relações entre os indivíduos, ao expressar sentimentos por meio de imagens e som. Na tela, essas são as "impressões digitais" dos agentes sociais, que compartilham percepções simbólicas até então não reveladas. O cinema não apenas captura momentos, mas também oferece uma janela para

explorar a complexidade das experiências humanas, proporcionando uma plataforma para o diálogo e a compreensão mútua.

Usamos como recurso didático leituras especializadas voltadas a produção de documentários relacionados aos estudos sobre historiografia, que por sua vez foram fundamentais na construção do produto. Conforme Nichols na obra *Introdução ao Documentário* (2023):

Filmes, minisséries, documentários e documentos históricos de grande bilheteria são gêneros cada vez mais importantes em nossa relação com o passado e para o nosso entendimento da história deixá-los fora da equação quando pensamos o sentido do passado significa nos condenar e ignorar a maneira como um segmento enorme da população passou a entender os acontecimentos e as pessoas que constituem a história (Nichols, 2023, p. 17)

No período entre setembro de 2023 e junho de 2024, realizamos entrevistas com catorze pessoas, homens e mulheres, com idades entre 17 e 65 anos. As entrevistas ocorreram em dias alternados, conforme a disponibilidade dos entrevistados, seguindo um roteiro pré-estabelecido de perguntas. Durante a coleta de depoimentos, as perguntas foram adaptadas ao perfil de cada entrevistado, encorajando-os a compartilhar suas histórias e lembranças de forma detalhada e espontânea.

O processo de produção começou em maio de 2023, com as primeiras reuniões para organizar a logística e elaborar o roteiro, entre outras necessidades. Realizamos uma série de vinte e um diálogos, inicialmente selecionando atores sociais representativos que têm ligação com as escolas CINTRA e IEMA, ou que possuem lembranças e histórias sobre a fábrica e suas peculiaridades. Os critérios para compor esse grupo incluíram tempo de trabalho e estudo nas escolas, idade, parentesco com ex-alunos ou ex-funcionários das instituições, além das relações estabelecidas com as escolas e/ou com a comunidade do bairro.

A estratégia de focar em pessoas com laços familiares e históricos com as instituições permitiu uma visão mais profunda sobre o impacto dessas escolas na vida dos entrevistados e suas famílias. Dessa forma, conseguimos capturar não apenas as experiências individuais, mas também a influência intergeracional dessas instituições na formação da identidade e memória coletiva dos envolvidos.

Estabelecemos contato direto por meio de diálogos e fizemos convites para que pudessem compartilhar, através de entrevistas gravadas, fatos e memórias marcantes. É relevante destacar que os personagens pesquisados demonstraram clara satisfação ao serem convidados, pois viram na oportunidade a chance de compartilhar suas narrativas de vida,

lembranças, sentimentos, visões de mundo e análises críticas sobre os aspectos simbólicos relacionados ao objeto de estudo.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (Bosi, 1994, p. 9).

O planejamento para realização das gravações consistiu em reuniões prévias ocorridas no espaço do Iema Pleno São Luís, onde foram analisados o plano de redação do produto, o roteiro de entrevistas e roteiro prévio para o documentário; seguido de leituras e estudo de livros, artigos e publicações relacionadas aos aspectos pedagógicos e técnicos sobre o processo de produção cinematográfica.

A maioria dos diálogos ocorreu nas instalações da atual escola IEMA Rio Anil, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Os registros foram obtidos por meio de captação de áudio e vídeo, com apoio técnico do professor Emilson Ferreira e uma equipe de três estudantes do curso técnico em áudio e vídeo do IEMA São Luís. Dos entrevistados, escolhemos seis personagens de idades e gêneros variados, todos com alguma relação de parentesco e conexão com as instituições estudadas, sejam como pais, mães ou estudantes. Esta seleção buscou ilustrar a riqueza, diversidade e complexidade das memórias e identidades daqueles que percorreram os corredores das escolas CINTRA e IEMA Rio Anil.

O planejamento para a realização das gravações incluiu reuniões prévias no IEMA Pleno São Luís, onde foram discutidos o plano de redação do produto, o roteiro de entrevistas e o roteiro preliminar para o documentário. Essas reuniões foram seguidas por leituras e estudos de livros, artigos e publicações relacionadas aos aspectos pedagógicos e técnicos do processo de produção cinematográfica.

A técnica da entrevista foi combinada com o levantamento de informações documentais, materiais e escritas, promovendo uma análise abrangente que elucida questões relacionadas ao objeto da pesquisa e amplia o conhecimento sobre seus valores culturais. Entre os entrevistados, contamos com um seleto grupo de personagens com idades e gêneros variados, todos com alguma relação de parentesco e conexão com as instituições estudadas, seja como pais, mães ou estudantes. Esta seleção visou ilustrar a riqueza, diversidade e complexidade das memórias e identidades daqueles que percorreram os corredores das escolas CINTRA e IEMA Rio Anil.

A maioria dos diálogos ocorreu nas instalações da atual escola IEMA Rio Anil, conforme a disponibilidade dos entrevistados. Os registros foram obtidos por meio de captação de áudio e vídeo, com o apoio técnico do professor Emilson Ferreira e de uma equipe de três estudantes do curso técnico em áudio e vídeo do IEMA São Luís. Após três semanas, iniciamos a captação de imagens da arquitetura do prédio, de situações cotidianas da escola e, principalmente, dos depoimentos dos atores sociais escolhidos para compartilhar suas narrativas. Sobre esta etapa inicial, Nichols (2023, p. 36) pondera que...

A afirmação implícita do documentário é a de que ele nos dá acesso direto à história, que as suas imagens históricas, por meio de seu relacionamento de caráter indicativo com as pessoas, paisagens e objetos autênticos, podem fornecer uma experiência do passado praticamente sem mediação - certamente mais direta do que o passado criado pelo longa-metragem ficcional, que deve preparar cenas para que sejam filmadas.

Dessa forma, a produção do documentário buscou não apenas registrar fatos e memórias, mas também criar uma conexão viva entre o passado e o presente, ressaltando a importância histórica e cultural das instituições fábrica têxtil, CINTRA e Iema Rio Anil para a comunidade. O registro das falas dessas pessoas possibilita a produção de conhecimento multidisciplinar, útil para profissionais das áreas de história, ciências sociais, antropologia e psicologia. Por conta dessa possibilidade, a transcrição das entrevistas se torna um elemento crucial para colaborar com futuras pesquisas. A iniciativa de documentar essas memórias garante que as histórias e experiências de alunos, professores e membros da comunidade sejam reconhecidas e celebradas, perpetuando seu impacto no tempo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada pelas páginas da história da Fábrica de Tecidos Rio Anil, agora IEMA Rio Anil, nos leva a um caleidoscópio de transformações, memórias e significados que transcendem as pedras e o cal que compõem a estrutura de suas paredes. Mais do que um simples prédio, essa instituição se ergue como um monumento histórico e cultural de São Luís, um farol que ilumina o passado, presente e futuro do bairro Anil e da comunidade maranhense.

A instalação da Fábrica Rio Anil no fim do século XIX desencadeou uma metamorfose na região outrora rural. O movimento fabril atraiu uma crescente população, impulsionando a construção de moradias para os operários. Essa dinâmica populacional moldou o Anil em um centro vibrante, entrelaçando os fios da história com a vida cotidiana dos trabalhadores, empreendedores e residentes.

No alvorecer da década de 1990, foi revitalizada pela Fundação Nice Lobão, marcando o renascimento do Centro Integrado do Rio Anil-CINTRA como um dos principais empreendimentos educacionais do Maranhão. Esse momento não representou apenas uma reforma física, mas também significou o surgimento da vocação social do espaço como um símbolo de excelência educacional. O CINTRA se tornou um guardião não apenas do patrimônio material, com sua arquitetura histórica, mas também do patrimônio imaterial, ao incorporar e preservar memórias e experiências que moldaram a identidade da comunidade do Anil e de São Luís como um todo.

A transição para o IEMA Rio Anil refletiu um compromisso renovado com a modernização educacional, enfrentando desafios estruturais e administrativos que por muito tempo limitaram o potencial da instituição. Sob a gestão do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, o IEMA se consolidou como uma escola de tempo integral de excelência, reconhecida por sua alta qualidade de ensino e pela grande demanda por vagas.

As escolas CINTRA e IEMA Rio Anil, ao preservarem e valorizarem seu patrimônio material e imaterial, fortalecem o senso de pertencimento dos alunos e da comunidade. Elas se configuram como exemplos inspiradores de como a educação patrimonial pode conectar passado, presente e futuro, proporcionando uma base sólida para a identidade cultural e promovendo uma cidadania ativa e responsável.

O legado educacional e cultural do IEMA Rio Anil se perpetua como fonte de inspiração para as futuras gerações. A instituição transcende sua função pedagógica, tornando-se um lugar de memória que guarda viva a história do bairro Anil, de São Luís e do Maranhão.

Seus corredores e vitrais ecoam as vozes de gerações que sonharam, aprenderam e se transformaram dentro de seus muros.

O estudo sobre o Iema Rio Anil nos proporcionou a oportunidade de desvendar histórias e memórias que por vezes são invisibilizadas pela narrativa oficial. Através de entrevistas com ex-alunos, professores, moradores e outros atores sociais, obtivemos insights valiosos sobre as dinâmicas sociais e as experiências individuais que moldaram a identidade da instituição e da comunidade.

O Iema Rio Anil se ergue como um símbolo poderoso da capacidade de transformação da educação. Sua trajetória inspiradora demonstra como a valorização do passado, a preservação da memória e o compromisso com a qualidade do ensino podem impulsionar o desenvolvimento individual e coletivo, construindo um futuro mais justo, equitativo e promissor para as próximas gerações.

A investigação científica sobre fábrica têxtil, o CINTRA e posteriormente sobre o Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão Iema Rio Anil transcendeu minha jornada acadêmica pessoal. Ao longo desse percurso, mergulhei profundamente na história dessas instituições que não são apenas escolas, mas pilares de memória e identidade para a comunidade do bairro do Anil e para São Luís. A cada entrevista realizada, a cada história compartilhada por ex-alunos, professores, e moradores, pude perceber como essas escolas não só influenciaram nas trajetórias de vidas destes indivíduos, mas também fortaleceram laços comunitários e preservaram tradições locais.

A responsabilidade de traduzir essas experiências em resultados tangíveis, que possam beneficiar aqueles que generosamente compartilharam suas histórias, tornou-se um compromisso pessoal. Assim, minha jornada como pesquisador não se limitou a um exercício acadêmico, mas foi um esforço contínuo para retribuir à comunidade e às instituições que tornaram possível esta investigação, honrando sua importância e contribuição para a história educacional e cultural do Maranhão.

REFERÊNCIAS

- A HORA e a vez da educação fazer história. **Jornal O Estado do Maranhão**. São Luís, 2 fev. 1994. Caderno especial, p. 6.
- ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado. **Seminário de História Oral**. Belo Horizonte, p. 1-12. Trabalho apresentado à mesa-redonda “Ouvir e narrar: métodos e práticas do trabalho com História. Belo Horizonte, 1996.
- ALBERTI, V. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, v. 8, n. 1, p. 11-28, jan.-jun., 2005.
- ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no Manual de história oral. **História Oral**, v. 15, n. 2, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v15i2.263>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ALUNOS do Cintra ficam sem aula por causa de ocupação. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 09 nov. 2016. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/11/09/alunos-do-cintra-ficam-sem-aula-por-ocupaao>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- APÓS relatos de violência, a ocupação no Cintra deve acabar. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 21 nov. 2021. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2016/11/21/apos-relatos-de-violencia-a-ocupacao-no-cintra-deve-acabar>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- ASCENÇÃO, R. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 23 set. 2023.
- BESSA, J. de R. **Fábrica de Tecidos Rio Anil: Pioneirismo, Trabalho e Desenvolvimento em São Luís do Maranhão (1882-1982)**. São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 2004.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. São Paulo: CIA das Letras, 1994.
- CALDEIRA, J. de R. C. **Origens da indústria no sistema agro-exportador maranhense (1875-1895): estudo micro-sociológico da instalação de um parque fabril em região do Nordeste Brasileiro no final do Século XIX**. 1988. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 1988.
- CAMARÃO, F. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 21 dez. 2023.
- CAMPOS, H. M. o algodão maranhense: economia e cultura, 1817-1930. São Luís, 2008.
- CELESTE, M. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.
- COLLINS, A. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 06 out. 2023.

CORREIA, M. da G. G. **Nos fios da trama: quem é essa mulher?** Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís, na virada do século XIX. São Luís: EDUFMA, 2006.

CRISTINO, J. **Projeto Do tecer dos fios ao tecer dos saberes: Memória e Patrimônio no Iema Rio Anil.** [Entrevista cedida]. São Luís ago. 2022.

CUNHA, G. **Maranhão 1908: álbum fotográfico de Gaudêncio Cunha.** São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2008.

D'ABBEVILLE, C. **História da missão dos padres capuchinhos na Ilha de Maranhão e terras circunvizinhas.** Brasília: Edições do Senado Federal, 2008.

FARIA, R. H. M. Descortinando o Maranhão Oitocentista. In. COELHO, Mauro Cezar et al (orgs.). **Meandros da História: trabalho e poder no Pará e Maranhão (séculos XVIII e XIX).** Belém: UNAMAZ, 2005, p. 231-247.

FAUSTO, B. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Edusp, 2001.

FEITOSA, D. da S. **Do Bucólico Cutim ao Bairro Anil.** 2016. 57f. Monografia (Bacharelado em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2016.

FERNANDES, H. C. **Administrações maranhenses: 1822-1929.** 2. ed. São Luís: Instituto Géia, 2003.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

HALBWACHS, M. Memória individual e memória coletiva / memória coletiva e memória histórica. In. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, E. **A era das revoluções: 1789-1848.** Tradução de Maria L. Teixeira; Marcos Penchel. São Paulo: Paz & Terra, 1962.

ITAPARY, J. O renascimento de um marco. **Jornal O Estado do Maranhão.** São Luís, 2 fev. 1994. Caderno especial, p. 7.

ITAPARY, J. **A Falência do Ilusório: Memória da Companhia de Fiação e Tecidos do Rio Anil.** São Luís. ALUMAR, 1995. (Coleção Documentos Maranhenses).

LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 423-483.

LOBÃO, E. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil.** [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 13 dez. 2023.

LOBATO, N. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil.** [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 10 abr. 2023.

MAGALHÃES, D. N. **Fábricas de tecidos no sertão maranhense: patrimônio industrial não consagrado - São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023.**

MARANHÃO. **Lei nº 5,774, de 15 de outubro de 1993**. Dispõe sobre a criação da Fundação Nice Lobão e dá outras providências.

MARTINS, D. M. **As repercussões do ENEM no currículo do ensino médio das escolas estaduais no Maranhão: o caso do CINTRA**. Orientadora: Maria Ozanira da Silva e Silva. 2019. 190f. Tese (Doutorado em Políticas Públicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

MARTINS, D. M. **Memórias Noturnas: Práticas de Ensino-Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos**. RFB Editora, 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.46898/rfb.9786558891604>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MARTINS, N. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.

MARTINS, P. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.

MATOS, H. R. C. **Análise Toponímica de 81 Nomes de Bairros de São Luís/MA**. 2014. 374f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MENDES, D. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 06 out. 2023

MORAES, J. Prefacio. In: CUNHA, Gaudêncio. **Maranhão 1908: álbum de fotografia**. Rio de Janeiro: Spala, 1987.

MOVIMENTOS se mobilizam para ocupação de escolas e universidades. **Jornal O Imparcial**, São Luís, 19 out. 2016. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2016/10/movimentos-se-mobilizam-para-ocupacao-de-escolas-e-universidades/>. Acesso em: 10 jan. 2024.

MOTA, A. da S. A atividade fabril em São do Maranhão, século XVIII ao XX In: MELO NETO, Ulisses Pernambucano de; MOTA, Antônia da Silva. **A sedução das ruínas: Arqueologia – salvamento e resgate**. São Luís: Iphan-Edufma, 2015.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 2023.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, p. 7-28, dez. 1993.

O GOVERNO entrega à comunidade o maior centro de ensino do Maranhão **Jornal O Estado do Maranhão**, 21 fev. 1994, Política, p. 3

PEREIRA, L. C. B. **A Reforma do estado dos anos 90: lógica e mecanismos de controle**. Brasília: Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado, 1997.

PEREIRA FILHO, J. F. P. **Economia Maranhense de 1890 a 2010: superexploração e Estado oligárquico como entraves ao desenvolvimento**. São Luís: EDUFMA, 2020. Disponível em: <https://www.edufma.ufma.br/index.php/produto/economia-maranhense-de->

1890-a-2010-superexploracao-e-estado-oligarquico-como-entraves-ao-desenvolvimento/. Acesso em: 20 jan. 2024.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

PORTELA, H. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 06 out. 2023.

QUENTAL, A. A escola do futuro. **Jornal O Imparcial**, 21 fev. 1994, Cidades, p. 5.

RELATÓRIO DOS PRESIDENTES DE PROVÍNCIA, 06 de agosto de 1892. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/acervo-digital/relatorios-presidentes-provincias-brasileiras/252263>. Acesso em: 20 jan. 2024.

RIBEIRO FILHO, V. **Pesquisas e entrevistas**: documentário – Vila do Anil, Fábrica Rio Anil. São Luís, 1994.

RIBEIRO JÚNIOR, J. R. **Formação do Espaço Urbano de São Luís**: 1612-1991. São Luís: Ed. FUNC, 1999.

ROLIM FILHO, C. M. **Formação econômica do Maranhão**: de província próspera a estado mais pobre da federação: o que deu tão errado? Orientador: Alexandre Flávio Silva Andrada. 2016. 104f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SANTOS, A. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 06 out. 2023.

SANTOS, C. A. C. dos. Patrimônio histórico sob critérios: o conjunto arquitetônico da fábrica da companhia de fiação e tecidos do Rio Anil como legado cultural do Maranhão. In: FRANZEN, Douglas Orestes; SAUSEN, João Vítor; MAYER, Leandro (Orgs). **História e Patrimônio**. Itapiranga: Schreiber, 2021. 93-107.

SANTOS, J. C. L. dos. **Do bater dos panos à sirene escolar**: uma análise do bairro Anil à luz do lugar como tecido sociocultural. Orientador: José Arilson Xavier de Souza. 2020. 116f. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2020.

SANTOS, J. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.

SANTOS, R. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.

SECRETARIA DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL COMUNITÁRIO E DO TRABALHO (SEDESC); SECRETARIA EXTRAORDINÁRIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL (SECOM). **Centro Integrado do Rio Anil- CINTRA**: o encontro da história, da educação e do social. São Luís: SECOM, 1993.

SILVEIRA, R. de M. C. **Trabalho e condição feminina em São Luís na virada do século (1880-1910) – a situação do operariado feminino**. Orientadora: Adriana Maria de Souza Zierer. 2008. 152f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2008.

SOUZA, D. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 22 set. 2023.

SOUZA, J. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 22 set. 2023.

TRIBUZI, B. **Formação Econômica do Maranhão: uma proposta de desenvolvimento**. Edição comemorativa dos 35 anos de criação do CORECON-MA, 2011.

VALE, R. **Memórias sobre a Fábrica de Tecidos do Rio Anil**. [Entrevista cedida a Olivar Araújo Pinheiro Júnior]. São Luís, 30 set. 2023.

VIVEIROS, J. de. **História do Comércio do Maranhão**. Edição da Associação Comercial do Maranhão, 1954. Disponível em: <https://archive.org/details/histcomvol1mar>. Acesso em: 10 jan. 2024.

APÊNDICE A – ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

ROTEIRO DO DOCUMENTÁRIO

TÍTULO “IEMA Rio Anil e CINTRA_ identidades e memórias em tela”

SEQUÊNCIA 01. RIO ANIL/ EXT/ DIA

DESCRIÇÃO – Plano fechado mostra as águas do rio anil correndo. Câmera sobe devagar. Transição/crossover para imagem da antiga fábrica de tecidos. Além do som natural do rio, a cena se passa com o som de máquinas de tecelagem ao fundo. Crossover da imagem da antiga fábrica para imagem atual (escola iema). Surge título. Espera uns segundos. Zoom brusco com distorção para dar impressão que vai entrar no prédio. Fade out seco.

OBS: APRESENTADOR (A) SEMPRE EM PLANO GERAL/ ENTREVISTADOS EM PLANO MÉDIO NÃO CENTRALIZADO

SEQUÊNCIA 02. TEMA UM. IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR/

DESCRIÇÃO – Fade in médio branco. Apresentadora no corredor de pedras faz introdução da sessão. Fade out em preto.

SEQUÊNCIA 03 – IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO - Fade in suave. Sr. Operário fala sobre a fábrica rio anil. Sua fala se intercala com fotos antigas, sem interrupções de sua fala. Fade out em preto.

SEQUÊNCIA 04 - IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Apresentadora cita trecho de livro falando das punições aos funcionários da fábrica. Faz breve comentário. Fade out em preto.

SEQUÊNCIA 05 - IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Fade in. sr. operário relata sobre as punições dadas aos funcionários que fizessem algo que de errado aos patrões. encerra. Fade out em preto.

SEQUENCIA 06 – TEMA DOIS. IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Fade in médio branco. Apresentadora no corredor de pedras faz introdução da sessão. Lê trecho do diário oficial do Maranhão que trata da criação da escola Cintra. Comenta

que a fábrica trouxe desenvolvimento econômico ao bairro anil. Que a escola Cintra traz novos horizontes à vizinhança da antiga fábrica. Como repercutiu e depoimentos de moradores antigos. Fade out em preto.

SEQUENCIA 07 - IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Entrevistada dois em plano geral olha o prédio da escola Iema. Sua voz se ouve como narração lembrando da sua época de Cintra. Fade seco para entrevistada continuando seu depoimento em plano médio. Sua fala intercala com imagens da escola Cintra sem interrupções da fala. Encerra com primeiro plano. Entrevistada com cabeça inclinada pra cima em silêncio. Ao fundo sua própria voz faz uma breve narração saudosista, como um pensamento. Fade out.

SEQUENCIA 07 – TEMA TRÊS. IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Apresentadora lê ata/resolução que transforma o Cintra em Iema Rio Anil. Comenta sobre a importância da escola Cintra na vida dos moradores do bairro anil e vizinhança. Fala das novas perspectivas com a transformação da escola para Iema Rio Anil. Fade out

SEQUENCIA 07 - IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Entrevistada três em plano americano fala sobre a escola. Sua fala é intercalada com vídeos de atividades realizadas pelo Iema Rio Anil sem interrupções de sua fala. Fade out

SEQUENCIA 07 - IEMA RIO ANIL/ INT/ DIA/ LUZ A DEFINIR

DESCRIÇÃO – Apresentadora encerra fazendo um apanhado geral sobre a importância do prédio na vida social do bairro anil, desde sua utilização como fábrica de tecidos até o presente momento como escola Iema Rio Anil. Fade out

SEQUENCIA 07 - IEMA RIO ANIL/ EXT/ DIA/

DESCRIÇÃO – Os três entrevistados em plano médio olhando para o prédio do Iema Rio Anil. Contra plano. Enquanto sobem os créditos

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

- 1º Nome. Idade. Tempo de residência. Morando ou não atualmente no Anil? Qual o nível de relação você tem/teve com o bairro?
- 2º. Quais são as suas maiores lembranças da escola Cintra? O que é o Cintra é hoje para o(a) senhor(a)?
- 3º. Na sua opinião, qual era o impacto da Fábrica de Tecidos para o bairro naquele contexto histórico? Conhece alguém que trabalhou em tal Fábrica? Tem registros fotográficos? O que era trabalhar na Fábrica? Tem lembranças da Vila Operária, dos clubes e cinemas? O que era viver no Anil nos anos 90?
- 4º. O(A) senhor(a) lembra do período de funcionamento do Cintra? O que muda no bairro neste período?
- 5º. Qual sentimento que você tem pela escola Cintra? Qual sentimento que você tem pela escola Iema Rio Anil?
- 6º. Quem mais o(a) senhor(a) nos indicaria para conversarmos sobre o Cintra, sobre a fábrica, sobre o bairro Anil?
- 7º. Você estudou/trabalhou no Cintra por quanto tempo?
- 8º. Poderia citar alguma passagem marcante de sua vivência no Cintra?
- 9º. Além de você, alguém da sua família estudou/trabalhou no Cintra?
- 10º. Entre a escola Cintra e o Iema, quais seriam as principais diferenças entre os dois modelos pedagógicos?
- 11º Espaço aberto para o(a) senhor(a) nos colocar quaisquer outras informações/acréscimos sobre a fábrica, o CINTRA e/ou IEMA Rio Anil.

APÊNDICE B – FOTOS DA FASE DE PRODUÇÃO DAS ENTREVISTAS

